

SECRETO

BR. AN, BSB. AA3. PSS. 432, p. 1/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Confidencial

DGPI

RELATÓRIO

Classificação alterada  
para SECRETO, por or -  
dem do Sr. Presidente da  
FUNAI. Em 28/02/73.

Senhor Diretor

*Jarau*  
Ch. Subst. ASI FUNAI

Levo ao vosso conhecimento, pedindo as providências que se fizerem necessárias, do que ocorre na Ajudância Minas/Bahia, fatos estranhos à Administração que em consequência, trazem danos ao Patrimônio Indígena e a própria FUNAI, pois pessoalmente constatei um deles que de certa forma vem reafirmar comentários que abaixo relato:

- a. Ao chegar na sede da Ajudância, fui descortezmente recebido e obrigado a ouvir comentários desairosos sobre a cúpula administrativa da FUNAI, principalmente da "ineficiência" do D.G.P.I., que segundo o Sr. Manoel dos Santos Pinheiro, Chefe da Ajudância, não vem preenchendo sua finalidade;
- b. Ao falar que chegaria até o P.I. MAXACALIS, ficou aquele Sr. como que possesso, perguntando qual a finalidade de minha viagem, inclusive insinuando que eu seria molestado pelos índios Maxacalis, que segundo ele, ainda se encontravam em estado semi-selvagem, fato este in

*Leite.*  
*Original - 3/4/73.*  
*Feb.*

*CAV*

- teiramente falso, pois estive entre os índios daquele P.I. e fui muito bem recebido, não demonstrando qualquer característica hostil e selvagem;
- c. Por informações de terceiros, inclusive de servidor da Ajudância, chegou ao meu conhecimento que aquele Senhor vem usando o nome da FUNAI com finalidade de tirar proveito próprio;
- d. No P.I. MAXACALIS, encontrei o caminhão da FUNAI com uma égua, do irmão do Chefe da Ajudância que seria transportada para Belo Horizonte, isto após a mesma haver permanecido para engorda na área da Reserva, sem qualquer contrato ou mesmo anotação;
- e. Fazendeiros da região mantêm grande quantidade de gado bovino dentro da reserva, não se sabendo precisar a quantidade, pois segundo o Chefe do P.I., Sr. Nazareno Martins, até agora não recebeu ordem escrita ou mesmo contrato de aluguel de pastagens e sempre que solicita definição do Sr. Chefe da Ajudância, este se nega a formalizar o ato. Recebe a FUNAI crias em troca do aluguel, o que parece estranho é o fato do Sr. Chefe da Ajudância se negar a formalização do arrendamento, e ocorre; que por informações, o montante da transação é superior ao que realmente entra para o Patrimônio Indígena;

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- t. Por informações vem que o Senhor, usando o caminhão da FUNAI para uso próprio mais precisamente, para transportar material de Belo Horizonte para sua fazenda junto a Reserva Maxacalis;
- g. Há algum tempo o Sr. Chefe da Ajudância' pediu um trator emprestado a uma firma particular, dizendo da necessidade de reparos no campo de pouso do P.I. MAXACALIS o que foi atendido, entretanto, fui informado que na realidade a máquina nada ou quase nada, fez na área da Reserva, pois foi deslocada para prestar serviços em sua fazenda;
- h. O Sr. José Januário, ganhador da primeira concorrência, para a alienação de Jacarandá da Bahia, o chamou de "moleque", e pelo o "papel de moleque" que havia feito não recebendo qualquer resposta do Sr. Pinheiro, deixando assim, dúvidas quanto ao bom nome da administração da FUNAI;
- i. A firma COBRAICE, ganhadora da Tomada de Preços, teve seus trabalhos suspensos, por motivos que não consigo entender, a não ser de haver o Sr. Chefe da Ajudância, se sentido talhado em alguma de suas pretensões.

Finalizando, creio que será danoso e mesmo'

SECRETO

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAIConfidencial  
DOP

uma temeridade, se aquela Senhor não tiver seus passos controlados pela Administração superior, que se ver exposta a críticas por falhas que, por muitas das vezes, não lhe dizem respeito.

Era o que tinha a relatar.

Brasília, 24 de janeiro de 1.973

  
CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUZA  
TÉCNICO DE ADM. I-A

OF.nº 09/73/ASI/FUNAI

Brasília, 28/02/73

Senhor Chefe,

Tendo em vista os termos do relatório, a respeito da Administração de V.Sª na Ajudância Minas-Bahia, de autoria do servidor CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUZA, Técnico de Administração desta Entidade, solicito a V.Sª esclarecimentos pormenorizados sobre os fatos relatados no referido documento, que acompanha o presente.

Na oportunidade, apresento a V.Sª protestos de consideração e apreço.

O ORIGINAL FOI  
ASSINADO PELO  
SR. PRESIDENTE

OSCAR JERÔNIMO BANDEIRA DE MELLO  
PRESIDENTE

Ilmº Sr.

MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO

DD-Chefe da Ajudância Minas-Bahia

BELO HORIZONTE-MG

CONFIDENCIAL

PSS 432, p-6/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMO S/Nº/11aDR

Brasília, DF.,

Em 21.01.75

Do: Delegado Regional da 11a.DR

Ao: Senhor Ass. Chefe da ASI/FUNAI

Assunto: Descontentamento de índios Maxacalis

Senhor Assessor,

1.1 Em resposta ao PB 103/74, passo a esclarecer o que de fato conheço e posso afirmar, assim como providências tomadas - por esta DR.

2.1 a) quanto ao clima de intranquilidade gerado por funcionário encarregado do PI MAXACALI em certos pontos é aceitável, tendo em vista que o servidor NAZARENO MARTINS FONTES, filho do respeitável Sertanista TELÉSFORO MARTINS FONTES, foi criado na aldeia MAXACALI, cresceu e desenvolveu seus pendoros no trabalho diário e na vivência entre os Maxacalis, sofreu várias influências pelos antigos Chefes da Ajudância Minas Bahia, ficando praticamente sem função na gestão do Capitão Pinheiro, entretanto, por motivos a mim desconhecidos foi indicado para fazer curso de indigenismo, completando, retornou ao PI MAXACALI, como Chefe.

Finalizando, o Sr. NAZARENO é pessoa honesta, po rém não inspira autoridade, quer para os índios ou pelos velhos ser vidores do PI, o mesmo é desajustado na região, pois o círculo de

CONFIDENCIAL

PSS 432, p 7/177  
CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

suas relações no meio civilizado é formado, em sua maioria, pelos parentes de sua esposa e de seu cunhado vereador PATRICIO, e as constantes ocorrências surgidas entre índios e civilizados o referido Chefe não toma atitudes sérias, considerando a incredulidade do índio e as constantes interferências de civilizados e elementos da Polícia Militar que procuram sempre resolver o problema pelo lado "civilizado".

Considerando, portanto, dinamizar os trabalhos do PI MAXACALI, solicitei ao DGO a transferência do Sr. NAZARENO (of. 008/74/11a.DR,) assim como em expedientes vários solicito contratação de mais uma professora, um motorista/tratorista e dois trabalhadores braçais, visando desta forma dar ao PI MAXACALI, sangue novo, com instruções adequadas e correspondentes aos anseios da comunidade de MAXACALI.

2.2 Com referência ao Capitão MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, o mesmo foi Chefe da Ajudância Minas Bahia, já houve época em que havia mais de 40 soldados dentro da área indígena, onde o Maxacali conviveu inclusive com índios de outras tribos em regime de confinamento, alega os políticos e civilizados que esta época foi de calma e tranquilidade, entretanto, a quantidade de armamento (inclusive metralhadores, leves e pesadas) e o movimento de guarda indígena, tudo isto, realmente trouxe "calma", estava flagrante que o MAXACALI vivia confinado. Em resumo o Sr. Capitão Pinheiro e a maior parte da oficialidade da Polícia Militar sente-se até hoje, melindrada pela administração da FUNAI tendo em vista o afastamento do Sr. Capitão Pinheiro e a não continuidade ativa da GRIN. Conforme uma série de documentos anexos, para o devido estudo e análise, note-se a preocupação de trazer sempre a baila a situação disciplinar dos MAXACALIS.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 3 -

2.2 Esta DR em resumo, esclarece as providências várias que tomou em face a problemática do MAXACALI.

19. Ainda como Ajudantes, providenciei um sociólogo, e fiz o censo da área MAXACLI, pesquisei profundamente a situação, fez-se análise, plano educacional e etc, remeti em 1973, no fim do ano aos Departamentos - DGO, DGPC e DGPI, para as devidas considerações e até a data presente aguardo pronunciamento a respeito.

29. Procurei retirar as armas da GRIN, considerando não existir um policial competente para comandar e evitar que o emprego dessas armas (revólver e espingardas) fossem usados de maneira incorreta contra os próprios índios ou civilizados.

39. Procurei implantar projeto de bovino-cultura com o auxílio do DGPI e até hoje não cheguei a conclusão por fatores vários, entre os mais, a falta de gente especializada para bom andamento do projeto, mas mesmo assim, com recursos próprios da Delegacia, estou concluindo trabalhos para a infra-estrutura e vejo neste projeto a solução da problemática MAXACALI.

49. Esforcei, distribuí sementes e ajudei no preparo da terra, para intensificar as lavouras de subsistência e têm sido negativos os resultados, tendo em vista a falta de melhores recursos técnicos e pessoal capacitado.

59. Iniciei construção de uma Escola e residência de professora no aldeamento de Pradinho com a finalidade de assistir os índios desta localidade, pois os MAXACALI, entre eles mesmos nem sempre combinam.

69. Fiz várias palestras aos índios, funcionários e civilizados no sentido de promover a boa harmonia.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 4 -

79. Tenho prestado assistência no campo da saúde-Segurança, esporte e recreação.

89. Procurei a Polícia Militar de Minas Gerais para ajudar a controlar as estradas e vigiar as saídas dos índios, e até mesmo a possibilidade do convênio FUNAI/PMMG, porém tudo que se relacionam ao Índio de Minas em especial o MAXACALI o Sr. Capitão Pinheiro opina como técnico e entendedor e os problemas ficam aguardando solução.

99. Este Delegado, muito embora criticado por elementos da Polícia Militar e políticos da área tem procurado agir - com calma e bom senso, procurando sem paixões achar um caminho cordial e tranquilo para o índio e comunidades envolventes.

109. Tenho procurado por intermédio de ação conjunta FUNAI/Secretaria de Saúde/ Secretaria de Agricultura/Secretaria de Segurança, promover o entrosamento quer na assistência ao índio ou civilizado, e até mesmo promover o intercâmbio, disposti vosentre os índios e civilizados para dar a imagem e condições de integração e entrosamento de índio e civilizado.

2.3 Em resumo, pelos anexos e pelos expedientes encaminhados a Brasília, é prova cabal do meu esforço para evitar atritos e descontentamento de Índios MAXACALI. Entretanto, tenho sido prejudicado, diariamente, em forma indireta, pelo Sr. Capitão Pinheiro, pois a astúcia e capciosidade é arma que usa, e também prejudicado pelo amontoado de servidores já na hora de aposentadoria, cujas ramificações com civilizados e Policiais os deixa muito à vontade.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

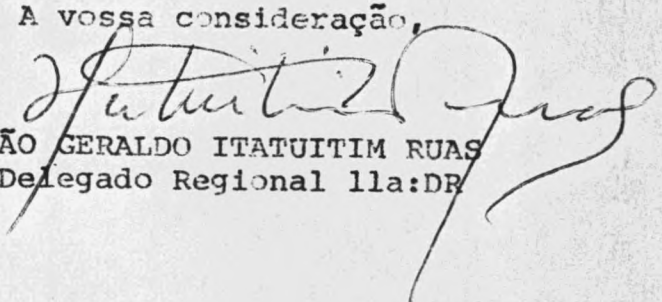
- 5 -

3.2

Para solução:

- 1 - Mudança total dos servidores do PI MAXACALI;
- 2 - Introdução da lavoura intensiva para subsistência;
- 3 - Aproveitamento racional do potencial de recursos do meio (pastagens, madeiras desvitalizadas e mão-de-obra indígena;
- 4 - Planificação da assistência escolar, incluindo alimentação e trabalhos dirigidos, recreação a infância MAXACALI.
- 5 - Se puder fazer tudo sem a intromissão da Polícia Militar, pois a mesma dá total cobertura ao Sr. Capitão Pinheiro "amigo do índio injustiçado pela FUNAI".

A vossa consideração,



JOÃO GERALDO ITATUITIM RUAS  
Delegado Regional 11a:DR

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

143/75 - Confidencial -

14/04/75

Itatuitim Ruas - Del. 11ª DR/GV.

Dr. João Crisostomo da Silva- DD. Diretor do DGO.

Solicita Providências ( Admissão de Servidores )

Senhor Diretor,

Um dos maiores problemas desta Delegacia é no P.I. Maxacali, onde são constantes as evasões de Índios às cidades vizinhas, e não tem sido poucas as bebedeiras, principalmente dos aborígenes do aldeamento do Pradinho, que dista mais ou menos 12 Km da Sede do Posto, fato este, que obriga-nos urgentemente a colocar servidores lotados na citada aldeia.

Desde 16/05/74 Of. 148/AJAMB/74, venho lutando para a admissão do casal - SERAFIM CASSIMIRO DOS SANTOS e HERLITA MOURÃO DOS SANTOS; o primeiro mecânico, tratorista e motorista profissional - e a segunda normalista.

Esta DR deverá incentivar os Índios do referido aldeamento ao trabalho Agro-Pastoril e Assistência Escolar, pois neste aldeamento residem 99% de uma população de menos de 25 anos de idade.

Estamos regularmente aparelhados para o funcionamento de uma Escola, cujo prédio rústico já está pronto, contando também com o mobiliário e materiais necessários aos estudantes, assim como a existência de tratores e implementos que poderão ser utilizados para o preparo da terra e implantação de mandiocal e canavial, para produção de subsistência e industrialização rural.

Atendendo desta forma a solicitação desta DR, teremos condições de equacionar muitos problemas, entre os quais, as fofocas do Sr. Capitão Pinheiro.

Considerando a presente urgência, rogo-vos pois, o preenchimento dos cargos de Professora e de seu esposo, para o cargo de Motorista do caminhão F.600. Documentações dos citados já se encontram no DGA.

A Vossa consideração

João Geraldo Itatuitim Ruas  
DELEGADO DA 11ª DELEGACIA REG.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

CONFIDENCIAL

OF.348/11ª DR/75.

12/Setembro/75.

Sr. Delegado da 11ª DR.

Sr. Diretor do DGO.

RELATÓRIO DE VIAGEM AO PI MAXACALIS - (APRESENTA) -

Senhor Diretor,

*Desclassificado (CONFIDENCIAL) de  
acôrde com o art. 21 da RSAS.  
"Classificação concluída por  
ordem de Sr. Presidente do SUPM,  
em 22/10/78, aut. 1000".  
Of. n.º 2656/75/DPE/MG. (ASA n.º 458/75)*

Em atenção a Portaria nº 693 de 11 *Jul*

08.75, iniciei o serviço de Inspeção pelo Posto Indígena Ma  
xacalis.

Fica situado a 167 Km da estrada /  
nº BR 116, até a altura do Km 717, passando a estrada carro  
çável, que liga Teófilo Otoni até a cidade de Maxacalis, com  
192 Km, até o posto, mais 35 Km.

Durante o inverno não há condições  
de se alcançar o Posto, sendo que o máximo onde podemos che  
gar, é ao povoado Santa Helena.

A única viatura viável seria então  
um jeep com tração nas quatro rodas.

Saimos de Governador Valadares, por  
voltas das 9:30 horas e chegamos no PI Maxacalis, às 23:00  
horas do dia 29.08.75.

Encontrei o Sr. Lourenço Lopes da  
Silva, funcionário, trabalhador braçal oriundo do Ministério  
da Agricultura, nascido dentro da aldeia em 20.08.1915, filho  
de Serapião Lopes da Silva, falecido, residente dentro da á  
rea.

Em pequeno diálogo, informou-me co  
nhecer e falar fluentemente a língua indígena, pois vive em  
seu meio, desde que nasceu.

Informou também, que absolutamente  
nada existe entre Índios e Fazendeiros, muito menos, entre a  
população das cidades vizinhas.

*D.P.*

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Que há mais ou menos 15 dias passados, os Índios mataram uma vaca pertencente ao fazendeiro Severiano Sena lindeiro com as terras indígenas, pelo motivo de que embora o mesmo tenha sido alertado pelos Índios que o seu gado vivia nas pastagens indígenas, nenhuma providência havia tomado, razão pela qual resolveram matar a vaca, como pagamento e em represália do pasto utilizado.

A partir desta data, o fazendeiro não resolveu e não mais deixou o seu rebanho penetrar nas terras indígenas, permanecendo tudo em paz, pois o mesmo havia reconhecido o seu erro.

Informo ainda que o Sr. José Figueiredo, de Paula, compareceu ao PI, alegando que sua venda havia sido agsaltada pelos Índios, em duas etapas: primeiro dia invadiram a casa e roubaram umas bobagens e que no dia seguinte, regressaram e além de fazerem uma limpeza total, quebraram o balcão e ainda uma balança. (Detalhes no relatório em anexo, do Chefe do PI)-, bem como fotografias elucidativas.

Torna-se fácil e sem muito raciocínio, concluirmos que este roubo só poderia ser forjado ou mesmo premeditado pelo próprio dono do armazém, pois não tem cabimento que residindo o queixoso a 20 metros do local do quebra-quebra, não tenha acordado com o barulho.

Convenhamos, por suas declarações, foi destruído um balcão de madeira e uma balança, bem como mais alguns pertences, será que todo era de material com isenção de barulho, como, por exemplo, "Borracha" ?

Por outro lado, a penetração se deu pela frente e parte mais alta do telhado ( fotografia anexo)-, evidentemente de muito mais difícil acesso, pois eles poderiam ter entrado pelos fundos, onde seria bem mais fácil e correriam menos riscos / de serem vistos e menos riscos de serem acidentados.

Por outro lado, a saída dos ladrões com as mercadorias, foram deslocadas através de uma das portas, que por sua vez, foi arrancada juntamente com os seus portais de fixação. Será que não fez barulho ? !!!

42

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Podemos ainda considerar o que diz a Gíria: - Depois da casa arrombada, é que vamos colocar as trancas nas portas.

Nem isso foi feito.

No dia anterior foi assaltada a venda e nem sequer o seu dono colocou um vigia ou mesmo a sua própria pessoa permaneceu na noite seguinte para evitar o que alega ter acontecido, bem como em caso de medo ou mesmo covardia, pudesse com plena certeza e comprovantes alegar ter sido os nossos Índios com a agravante de conhece-los, pois também foi nascido e criado dentro desta área.

Contudo em acreditar em suas declarações e as dos Índios, eu creio no Índio.

Procurando colher mais algumas informações a respeito do abandono do Posto, da bebedeira dos Índios e da inoperabilidade para sua sobrevivência, informou o seguinte:

a) - Que os Índios realmente iniciaram as suas bebedeiras, logo após a dispensa do Sr. Capitão Manoel dos Santos Pinheiro, que segundo declaração geral de nossos Índios, nada fizeram do que senão cumprir as últimas ordens dadas pelo / mesmo constante de:

Voces podem beber a vontade que não / há problemas, bem como podem comer todo o gado porque fui eu quem comprou para voces se alimentarem.

Podem ir para as cidades onde desejarem, fazer o que bem entenderem ou o que bem quiser, roubar, beber até matar, porque nada vai acontecer.

Nas fazendas, podem apanhar mandioca, cana, batata, feijão, arroz, porco, galinha, tudo e a vontade / pois Brasília não está dando nada para voces.

Estas declarações, foram feitas e confirmadas pelos capitães indígenas: Júlio, Capitãozinho, Hermano, Adolfo, Micael, Antônio Marcolino, Damázio e Dona Adelaide que presenciou as ordens, sendo a mesma, esposa do Índio Adolfo.

4:8

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Dona Adelaide, fala bem o português, é civilizada e poderá a qualquer instante, responder sobre o assunto.

Contudo, por conselhos do Sr. Lourenço Lopes da Silva, seu irmão Miguel Lopes da Silva, Dona Adelaide e o Chefe do Posto, Nazareno Martins Fontes, os mesmos não obedeceram as ordens recebidas, excetuando evidentemente a maldita "Pinga" que é o grande mal, também dos civilizados, que vivem nessa região.

b) - Que os Índios durante os 6 longos anos de chefia do Sr. Capitão Pinheiro, viveram sob tremenda opressão e maus tratos. Eram algemados, espancados e recolhidos ao Crenack para os demais corretivos sob seu comando.

Segundo declaração dos Índios supracitados Dona Adelaide e Sr. Lourenço, o maltrato chegou a tal ponto de ter trazido como consequência a morte do Índio Geso Machacalis.

Em minha presença e de todas as testemunhas, o Índio Odílio Machacalis, confessou ter sido tremendamente / maltratado no Crenack com o conhecimento do Capitão Pinheiro, que por várias vezes colocou cachorros amestrados para perseguir-lo, a fim de vitar a sua fuga do "sacrifício".

Juntamente com ele estavam os Índios Carmindo Machacalis e o Gustavo Machacalis.

Os três, durante o dia trabalhavam na roça muitas vezes sem comida e a noite dormiam algemados.

c) - Que os Índios eram proibidos pelo Sr. Capitão Pinheiro, de fazer as suas roças e teriam que viver de artesanatos e trocados com avaliação a seu bel prazer, na cantina de sua propriedade.

d) - Que durante os seis anos que aqui comandou, ordenou arar uma faixa de terra de mais ou menos 7 hectares, / porém não podendo aproveitá-la pois o local escolhido era de péssima qualidade e as sementes chegaram totalmente fora de tempo. Tendo perdido assim, não só a mão de obra, como também as sementes recebidas.

e) - Que os tratores e empreendimentos agrícolas existente neste PI, alguns "pararam" apodrecendo no tempo, durante sua própria gestão.

de

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Com a agravante de que um deles aqui chegou totalmente inoperante, em cima de um caminhão e após o seu descarregamento, dali jamais se deslocou, e o motor foi retirado e nunca mais voltou ao trator, desconhecendo-se o seu paradeiro.

f) - O último trator que parou de funcionar e junto com ele um caminhão, prestaram grandes serviços à fazenda do Sr. Capitão Pinheiro e ainda aos seus amigos locais, sendo que pouco foram aproveitados seus serviços para os próprios Índios.

g) - Que mantinha no Posto, oito soldados Índios da grin, armados como se fosse enfrentar o maior inimigo da área:

- 1) - Revólver.38 tauros.
- 2) - Gacetete de borracha.
- 3) - Espingarda calibre .12 de dois canos.
- 4) - Munição sobressalente era transportada nos bolsos.
- 5) - Bomba de gás lacrimogéneo.
- 6) - Bomba de Efeito Moral.
- 7) - Existia também um comandante normalmente Sargento da polícia Militar, armado de revolver calibre .38 e uma metralhadora calibre .45.

Peço vênha para perguntar as nossas autoridades. - Será que os nossos Índios não são humanos como nós? Bem como, qual o crime que praticaram para que necessitasse tanto aparato bélico, afim de mante-los em suas terras, dentro da paz e harmonia que necessitavam?

Não posso acreditar, que esta tranquilidade, paz e fraternidade, tenha sido mantida pelo poderio bélico imposto pelo Sr. Capitão Pinheiro.

Os nossos Índios, mais uma vez confirmo, são mal compreendidos por nós civilizados, para não então fracassarmos em nossa missão, impomos a força sem no entanto tentarmos o uso do bom senso, do diálogo, do conselho leal e sincero nas horas precisas.

Por incrível que pareça, o Sr. Capitão / Pinheiro, como Chefe da Ajudância Minas-Bahia, não se afastava deste PI, deixando os demais postos, como sejam: Crenack, Pataxó, e Camurú, em pleno abandono.

A.S.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Justifica-se, pois o mesmo necessitava zelar e olhar pela sua fazenda, que dista 20 km da sede do Posto, com agravante, utilizava os nossos funcionários e Índios para trabalharem sob suas ordens, gratuitamente.

Foram eles: Oliente Ferreira de Sá (carpinteiro), Alfredo Lino da Silva (Pedreiro), Ildebrando (carpinteiro), e ainda: Miguel de Souza Gil (Carpinteiro), alguns Índios e outros civilizados.

Hoje em visita a alguns fazendeiros vizinhos, como o Sr. Onofre Rodrigues de Souza, o mesmo em conversa na presença do Chefe do PI Sr. Nazareno Martins Fontes, Sr Lourenço Lopes da Silva e o motorista da viatura, declarou que havia sido convidado, não dizendo quem o fez, para prestar depoimento na residência do Sr. Francisco Figueiredo, vulgo "Baíinho", à comissão composta pelo Sr. Ten. Cel José Soares Fraga, da COSEG (Coordenação da Secretaria de Segurança Pública de Belo Horizonte), Reporter, Fialho/Pacheco, do jornal Estado de Minas, Capitão Pinheiro, ex. Chefe da Ajudância Minas Bahia, um delegado civil, um major do 6º Batalhão local e o motorista da viatura, onde respondeu a várias perguntas.

No final do diálogo o Sr. Onofre, perguntou-me se era de acordo com a instituição de uma Guarda da Polícia Militar dentro do Posto Indígena, como existia anteriormente.

Respondi, que absolutamente não, pois, de acordo com a Constituição Brasileira, esta cobertura terá que ser dada pela polícia Federal, quando solicitado pela Funai.

Cabe a Funai cumprir religiosamente o que prescreve o Decreto 6001, integralmente.

Prosseguimos a viagem, para visitar a tal venda que foi assaltada. Não resta a menor dúvida que o serviço executado não poderia ser obra de nossos Índios. (Fotografias anexas).

Continuando a missão, fomos verificar onde os Índios mataram a vaca do fazendeiro Severiano Sena, maior inimigo dos Índios. Não resta dúvidas que a vaca foi abatida dentro das terras indígenas após ter sido comboiada pelos peões do fazendeiro passando por uma cancela ali existente. (Fotografia anexa).

Enquanto reconhecíamos a área, encontramos com o Índio Jaime Machacalis e sua esposa Índia Joana Machacali que regressavam de "Umboraninha" pequeno lugarejo onde os Índios vão fazer suas compras.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Ambos espantados, declararam que encontraram com o Sr. Capitão Pinheiro e que o mesmo havia lhes comunicado que ia assumir o posto indígena de qualquer maneira, pondo para fora o Sr. Nazareno.

Diz o Índio que de imediato e em voz alta respondeu que " não ", e que eles não o aceitavam nesta missão nunca mais, já chegavam os seis anos que haviam sofrido em suas mãos.

Neste interim o Sr. Chefe do PI apresentou-me ao Índio e ele acalmou-se com a explicação detalhada, dada em seu dialeto, pelo Sr. Lourenço.

Continuamos a viagem e fomos ao encontro do fazendeiro Severiano, inimigo ferrenho dos Índios.

Ao nos depararmos e após as apresentações regulamentares, o mesmo iniciava sua carga contra os Índios, dizendo que há 20 anos, está sendo roubado pelos mesmos.

Não posso compreender como se há vinte anos, 400 (quatrocentos) Índios vivem no fruto do roubo em sua fazenda e o mesmo está ainda atualmente riquíssimo, pois quando chegou na área era um mero "pobretão".

Após uma meia hora de conversa, apesar da sua extrema ignorância, tudo ficou em paz, prometendo auxiliar os Índios dentro de suas possibilidades. Pelo menos evitar de chama-los / de ladrões, pelo simples fato do desaparecimento de um porco ou mesmo de uma vaca.

Precisamos compreender que não só os Índios como todos nós, gostamos e comemos carne de porco e também de vaca.

Por cerca das 9:30 horas de hoje dia 30.08.75, compareceu ao posto indígena acompanhado de dois soldados um capitão da Polícia Militar de nome Getúlio Barbosa, comandante da Polícia Florestal de Governador Valadares.

De início, com a sua chegada, estando eu inspecionando as dependências do posto e considerando que não é permitido a visita de qualquer pessoa a área indígena sem permissão do Exmo. Sr. presidente, não quis recebe-lo, porem ao me deslocar para a sede, verifiquei que o mesmo não aqui veio fazer visita ou inspeção da área e sim conhecer o novo delegado, pois sabia que eu estava no posto.

458

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Após as apresentações regulamentares, de  
mos início a uma grande palestra onde muitos assuntos ele passou a  
conhecer e também fui informado de muita coisa que não sabia.

Informou-me que esteve na residência do  
fazendeiro Francisco Joaquim Figueiredo (Baíno), onde se encontrava  
o Sr. Capitão Pinheiro e comitiva, fazendo interrogatórios aos pre-  
sentes sobre a situação de nossos Índios e que teve a oportunidade /  
de observar que este trabalho estava sendo liderado pelo Sr. Capitão  
Pinheiro, o qual estimulava as perguntas e dava cobertura as respos-  
tas.

Como exemplo, citou que foi perguntado ao  
fazendeiro, quantos Índios haviam atacado a sua fazenda; como o mes-  
mo se sentiu constrangido em responder pois tudo indicava não ser a  
expressão da verdade, o mesmo ficou gaguejando sem saber o que repon-  
der, quando então foi que o Sr. Capitão Pinheiro respondeu pelo mes-  
mo: - "Não", mais ou menos uns 100 (cem) Índios, retrucando em segui-  
da, corrigindo para 150 (cento e cinquenta) Índios.

Palavras textuais do Capitão Getúlio Bar-  
bosa; ficou verdadeiramente apreensivo, pois as autoridades presen-  
tes estavam totalmente orientada pelo Capitão Pinheiro, que a todo /  
instante, intervinha nos interrogatórios; nunca em defesa dos Índios  
sempre para condená-los.

Os soldados chamam-se: José Sipriano Ban-  
deira e Joaquim Amado do Nascimento.

Veio ao meu conhecimento por intermédio,  
de caboclos que vivem na área que ouviram o Sr. Capitão Pinheiro fa-  
lar aos fazendeiros, que ele iria no dia seguinte para Belo Horizon-  
te e que lá falaria com sua Excia. o Governador, para preparar o am-  
biente e que, quanto maior fosse o número de fazendeiros que fosse /  
lá se queixar, melhor seria para eliminação dos Índios dessas terras.

Disse ainda: - " Eu vou na frente prepa-  
rar o terreno"!!!

Acredito que tal fato tenha mesmo aconte-  
cido, porquanto o Sr. Capitão Pinheiro, encontra-se dentro da área  
que circunda as terras indígenas, juntamente com uma comissão, colhe-  
do informações, por mim desconhecidas.

A.P.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Como uma ocorrência que nos deixa bastante apreensivos da atuação direta do Sr. Capitão Pinheiro em toda essa situação desagradável, de denúncias e de acusações contra a Funai podendo até estabelecer desentendimentos entre as nossas autoridades constituídas, foi o fato em que passo a narrar:

Hoje por volta das 06:00 horas, fomos visitar a aldeia Pradinho, afim de contactarmos com os Índios que, lá vivem.

A terra em si é maravilhosa para plantio e contem uma enorme mata ainda virgem repleta de árvores de madeira de lei.

O enorme pasto existente, é de colônia plantado, excelente para criação de gado.

A uns 500 metros da aldeia, existe uma ponte que os Índios a destruíram, de maneira a impedir a entrada de todo e qualquer tipo de viatura, cuja razão desta providência foi de vido a que sexta-feira passada dia 29.08.75, apareceu uma variante conduzindo reporter e outras pessoas desconhecidas.

Os Índios impediram o desembarque dos reporteres da viatura, bem como tirar qualquer fotografia.

Como é de hábito, os reporteres, tentaram por todos os meios, porém foram rechaçados a pauladas e golpes / de facão nos pneus da viatura.

Vendo-se então frustrados de seus intentos, se retiraram imediatamente da área. São eles: Jurandir de Araújo, José Gonzaga e João J. de Alencar, do Jornal de Minas, Belo Horizonte.

Antes porém, já haviam tentado na sede do posto, mas como o chefe do PI exigiu permissão de sua Excia. o presidente da Funai, eles embora tendo relutado, resolveram se retirar pois, o ambiente entre os Índios não estava muito satisfatório.

Traçoeiramente conseguiram ainda fotografar alguns Índios e o chefe do Posto juntamente com o atendente hospitalar.

Em conversas com os Índios: Capa Onça, Camilo, Marcelino, Tim Tim e outros que casualmente ontem por cerca de

A.S.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

14:00 horas, se encontravam no local por nome de " Umburaninha ", informaram que o Sr. Capitão Pinheiro, comunicou, que por ordens do Sr Governador do Estado, viria a assumir a chefia do Posto Indígena no lugar do Nazareno e que ia montar novamente a cantina para vender comida e tudo mais que eles precisassem.

Os Índios estão totalmente apavorados / pois o fazendeiro José Ornelas ao encontra-los na estrada se deslocando para Umburaninha afim de fazer algumas compras e venderem seus artesanatos, o mesmo falou que eles iam ser todos mortos pela Polícia Florestal que já se encontrava na cidade a espera deles e por essa razão, ao chegarem a cidade fugiram de regresso à aldeia.

Queria deixar bem claro, que a pessoa física do Sr. Capitão Pinheiro dentro da Aldeia Pradinho, corre perigo pois, os Índios não o toleram e juraram vingança.

Prosseguimos viagem para a fazenda do Sr Severiano Pereira Sena, inimigo máximo de nossos Índios, a fim de vacinar contra tuberculose, todos os seus empregados e familiares.

Ao termino do trabalho, fomos até a fazenda do Sr. Antônio Fabrício, amigo fiel de nossos Índios afim de / conhecer-nos e vacinar também todo o seu pessoal.

Infelizmente ele não se encontrava, estava em outra fazenda de sua propriedade.

Contudo do Sr. Fabrício já havia se comunicado com o Sr. Lourenço, que tinha sido convidado para que juntamente com os outros fazendeiros, irem a Belo Horizonte, acusar os Índios de ladrões e salteadores ao Exmo. Sr. Governador do Estado de Minas Gerais.

Como resposta, o mesmo respondeu que absolutamente não concordava com a proposta e que jamais acusaria os nossos Índios de ladrões e que não era para contar com ele para essa grande calúnia.

Por este motivo, o Sr Fabrício foi perseguido por alguns vizinhos seus, porem não aceitou a injustiça que a eles desejariam fazer.

As 8:30 horas do dia 28.08.75, fui apresentar-me ao Sr. Ten. Cel. comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar e em conversa fui interrogado pelo mesmo se eu tinha conhecimento da chegada de uma equipe constituída de:

4.6

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

- 1) - Sr. Ten. Cel. José Soares Fraga, da COSEG.
- 2) - Reporter - Fialho Pacheco, do Jornal O Estado de Minas.
- 3) - Um Delegado Civil.
- 4) - Sr. Capitão Manoel dos Santos Pinheiro, ex. chefe da Ajudância Minas-Bahia -(Funai).
- 5) - Um motorista.

Vindos de Belo Horizonte afim de fazer /  
investigações dentro da área indígena de Maxacalis.

Fiquei surpreso com a noticia, pois de a  
côrdo com as ordens existentes, elaboradas de a muitos anos é do co  
nhecimento pleno do Sr. Capitão Pinheiro, eu como delegado não ter /  
recebido ordens a respeito.

Contudo, atribuí a demora normalmente e  
xistente entre a ação e a comunicação muito comum em nossas missões.

Retirei-me imediatamente da presença do  
nosso comandante, entrando em contato com as nossas autoridades em  
Brasília.

Por incrível que pareça, os nossos Dire  
tores também desconheciam esta visita de reporteres e autoridades den  
tro das áreas indígenas.

Confirmaram as ordens existentes do nos  
so presidente.

Aproximadamente as 14:30 horas desse mes  
mo dia, compareceu a nossa delegacia a comissão supra citada, onde o  
Sr. Ten. Cel. José Soares Fraga, fez a apresentação da comissão, de  
clarando que iria em maxacalis, afim de apurar ocorrências de caratar  
de " Segurança Nacional " e que estava falando em nome de sua Excia.  
o Sr. Governador do Estado e também do Sr. Secretário de Segurança.

Pedi vênha para que informar-se se pog  
sua ordens do Exmo. Sr. Presidente da Funai, para entrar nas áreas  
indígenas.

Respondeu que não, mas que se tratava de  
assunto de "Segurança Nacional", e logo respondi que de acôrdo com a  
nossa Constituição Brasileira, esta cobertura tem que ser dada pela  
Polícia Federal, quando solicitada pela Funai, e ainda que dentro da  
terra indígena, as nossas leis em vigor, prescrevem todos os direi  
tos e amparo aos Índios através da Funai.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Observei que o Sr. Cel. Fraga, não deixava de olhar atentamente para o Sr. Capitão Pinheiro, que até então permanecia calado.

Após várias justificativas apresentadas e inclusive da reportagem que seria feita em defesa do Governo, contra esses jornais comunistas, permaneci no cumprimento da lei, dizendo que eu tinha ordens bem como todo Delegado da Funai, não permitir a entrada nas aldeias sem ordens escritas do nosso Presidente, e que esses / comunistas terão que ser imediatamente presos e condenados, evitando assim que o mal cresça.

Não existindo mais recursos que pudesse / ir de encontro as ordens existentes, o Sr. Capitão Pinheiro tomou da palavra e disse que o nosso coronel ia na área indígena para inspecionar os tratores que lá estão apodrecendo ao tempo.

Tornei a responder: - Sr. Capitão, convhamos e consulto-o qual a relação existente entre tratores estarem a podrecendo ao tempo e a "Segurança Nacional da Área" !!!

Este apodrecimento cabe a inteira responsabilidade do Delegado, e é uma mera função administrativa cuja solução eu tenho que dar.

Não havendo mais recursos para justificar a entrada na área indígena, pedi desculpas do acontecido e ainda que não entrasse nas aldeias com pena de que eu embora ter aqui chegado, / assumindo a chefia a somente vinte e quatro horas, faria entrega das chaves da delegacia a comissão e me retiraria da área.

De pronto o Sr. Cel. Fraga, respondeu / que jamais desrespeitaria qualquer ordem existente e como tal, ia, prosseguir no cumprimento da missão.

Agradei em nome da Funai o perfeito entrosamento de sentimentos e de ideias, principalmente no cumprimento das ordens e do dever.

Após a saída da delegacia da comissão, fiquei recuado ainda o Sr. Capitão Pinheiro, onde informou que deveriamos aproveitar ao máximo, pois sua Excia. o nosso Governador iria ajudar os Índios com muita comida, roupa e outras coisas que eles necessitarem.

J.P.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Agradei a grande oportunidade porém solicitei que todos esses fatos fossem comunicados aos nossos diretores e Presidente, fins não darmos a impressão que estamos-lhes traindo.

Em resumo:

Salvo melhor juízo das autoridades competentes cheguei a seguinte conclusão:

a) - Todas essas acusações contra nossos Índios e a própria Funai, está sendo orientada pelo Sr. Capitão da Polícia Militar o Sr. Manoel dos Santos Pinheiro, que ambiciona regressar a chefia da 11ª Delegacia Regional.

Observamos que nas reportagens e relatórios a sua promoção pessoal se evidencia.

No tempo em que ele foi o chefe tudo era maravilhoso para ele, porém, não para os índios, conforme declarações / colhidas dentro das aldeias.

b) - Esta é a segunda tentativa que o Sr. Capitão Pinheiro articula, agora com os fazendeiros locais que ainda segundo os próprios jornais publicam, que de a longos anos desejam aquelas terras. (Caso da Aldeia Pradinho), e como tal estão incriminando / os nossos Índios sob todos os aspectos, esquecendo que eles são os verdadeiros donos das terras.

c) - O mesmo está incentivando os Índios, propagando o seu retorno para a chefia do Posto com promessa de fornecer a eles, gratuitamente, comida, roupa e dinheiro que tem ordem do / Exmo. Sr. Governador, agir imediatamente. Estas declarações não são feitas de público.

Quando aparece algum civilizado, ele para a conversa e se afasta do local.

d) - Não há dúvidas que as terras dos Índios são as melhores da área e que com a esperada saída dos mesmos eles se apoderarão delas.

Acontece porém que esses Índios que ali vivem podem possuir as piores qualidades do mundo, porém amam a terra / em que nasceram, assim sendo muitas vidas poderão serem ceifadas devido a um capricho sem nexos, que a meu ver encontra-se na mente de um cidadão, que jamais poderia ter o apoio que está recebendo.

A.E.

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

e) - A presença do Sr. Capitão Pinheiro dentro da área, poderá trazer problemas seríssimos e se tentar entrar na aldeia "Pradinho", poderá perder a própria viada, pois ali vivem Índios que o odeiam, devido os sofrimentos que tiveram quando da sua chefia.

f) - Que realmente o Ex-Delegado João Geraldo/Itatuitim Ruas, muito pouco lutou pelos nossos Índios, principalmente dentro dessa área, continuou com o "paternalismo" de seu antecessor, só que se perdeu totalmente em sua administração.

Ficou devendo a um fazendeiro por nome de Onofre, mais ou menos R\$ 9.000,00 - (nove mil cruzeiros)-, em mercadorias adquiridas para os Índios.

Mandei apurar para incluir no processo Administrativo.

Informou o fazendeiro que só forneceu estes gêneros, porque observou o desespero do Delegado, pois acredito até que a trama já estava devidamente elaborada; nenhum fazendeiro o quis atender.

Seguiu a mesma rota de seu antecessor, alugar pasto, porém o dinheiro do arrendamento evaporou-se. Ficou totalmente perdido e cheio de compromissos a pagar.

Os Índios por outro lado verificando esta situação, perderam o comando e passaram a viver ao "Deus dará".

Aproveitando esta situação da falta do chefe e com o péssimo acultramento aplicado pelo seu antecessor, fabricação de artesanatos "fajutos" pois os Índios desta tribo não usam nem nunca usaram 60% daquilo que fabricam, os próprios civilizados, passaram a roubar, porco, galinha, mandioca etc., pondo a culpa nos nossos silvícolas.

Palavras textuais do fazendeiro Severiano Pereira Sena, maior inimigo dos Índios.

Com esta situação de venda dos artesanatos os Índios passaram a viver o maior tempo nas pequenas cidades locais, bebendo pinga, com o fruto da venda de seus artesanatos.

g) - Pelo exposto acima, urge apegar o Índio / as suas terras dando-lhes todo o recurso, para plantar e colher não / dependendo mais da miséria humana.

h) - A substituição do Chefe do PI Sr. Auxiliar Técnico Indigenista Nazareno Martins Fontes, se faz sentir também, o mais rápido possível, apesar de que alega não ter tido apoio do De

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

legado em suas ações, bem como a intervenção direta do Capitão Pinheiro aconselhando os Índios quando iam ao povoado, Santa Helena, para beber roubar etc., contudo, vamos dar mais uma chance para concretização dos fatos.

i) - Acabar de uma vez por todas a ostensividade bélica dos soldados da Grin, bem como coloca-los na lavoura, no plantio do Posto que será uma reserva aos Índios inválidos.

j) - Aquisição de todo artesanato pela Artíndia através da Delegacia Regional. Adiantamento de R\$ 10.000,00 - (Dez mil cruzeiros) -.

k) - Incentivar a agropecuária fins obter leite suficiente para as crianças, e trocar os bezerros machos, por femeas.

l) - Admitir imediatamente o vaqueiro, João Coelho de Moraes, indispensável aos trabalhos com o gado existente.

MATERIAL NECESSÁRIO DE CARATER URGENTÍSSIMO:

MO:

300 - Enchadas - R\$ 20,00. . . . .	R\$ 6.000,00
300 - Enchadas - R\$ 25,00. . . . .	7.500,00
300 - Foices - 14,00. . . . .	4.200,00
30 - Plantadeiras de arroz - R\$ 55,00. . . . .	1.650,00
300 - Terçados - 127 - R\$ 20,00 . . . . .	6.000,00
120 Kg. Arroz semente - R\$ 3,00. . . . .	360,00
120 Kg. Milho Híbrido - R\$ 3,25. . . . .	390,00
120 kg. feijão - semente - R\$ 5,00 . . . . .	600,00

T O T A L . . . . R\$ 26.700,00

MEDIDAS A SEREM TOMADAS JUNTO AS  
ALTAS AUTORIDADES DO ESTADO:

1) - Exclarecimentos sobre a atuação do Sr. Capitão Manoel dos Santos Pinheiro, dentro da área. É fazendeiro e possui boa quantidade de gado de raça, pois quando chefiou a Ajudância Minas-Bahia, segundo elementos conhecedores de sua vida, nada possuía.

2) - Apesar de conhecer profundamente a legislação da Funai, procurou por em choque as autoridades constituídas.

4.8

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

3) - Está utilizando do nome de sua Excia. o Governador do Estado afim de convencer aos nossos Índios de seu retôrno a chefia da Delegacia da Funai. Sua presença no setor poderá trazer a sua própria morte.

Tenho certeza que se tais providências forem tomadas, este problema maxacalis, desaparecerá totalmente.

Certo do apôio de V.Sa., estarei pronto / para soerguer a vida desses nossos irmãos que se encontram Desorientados pela pressão de seus inimigos gratuitos, interessados em suas terras.

Acredito ter esclarecido suscintamente o que de real existe dentro das terras dos Índios Machacalis.

Estarei as vossas ordens para qualquer de liberação.

Quanto aos tratores existentes por emprego do Ministério da Agricultura, estou providenciando a devolução, pois torna-se ante-econômico para a Funai a sua recuperação. Para mais uma comprovação do que consegui observar neste curto espaço de tempo.

Segue anexo o Memorando s/nº/11ª DR. de : 21/01/75, escrito pelo meu antecessor.

ATENCIOSAMENTE

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
11ª DELEGACIA REGIONAL

*Clodomiro Bloise*

CLDOMIRO BLOISE  
DELEGADO REGIONAL  
PORT. N.º 693/P DE 11-08-75

OB - ANEXO 34 SLIDES  
PI MAXACALIS

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

— FUNAI —

Governador Valadares - MG

INFORME Nº 001/11ª DR/75.

Emx

Do Sr. Delegado da 11ª DR.

- 1) ~~A~~ DATA: 03/09/75.
- 2) Assunto - ÍNDIOS MAXACALIS
- 3) ORIGEM - 11ª DR
- 4) REFERÊNCIA: -
- 5) ÁREA - SUDESTE
- 6) DIFUSÃO ANTERIOR -
- 7) DIFUSÃO - ASI/FUNAI.
- 8) ANEXO - RELATÓRIO

*Nota 08/176/ASi*



*Aug. Jus. 23.9.75*  
*Aug. Jus. 18/9/75*

*PORT 693/75*

Ao visitar o Sr. Ten. Cel. Comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, Sr. Francisco Pereira Xavier, tomei conhecimento da chegada de uma comissão, vinda de Belo Horizonte chefiada pelo Sr. Ten. Cel. José Soares Fraga, da Coseg, reporter, Fialho Pacheco, do Jornal O Estado de Minas, um Delegado de Polícia Civil, Um Capitão da Polícia Militar, Manoel dos Santos Pinheiro Ex-Chefe da Ajudância Minas-Bahia da Funai, e um Motorista, que aqui viriam para fazer investigações dentro da área indígena Maxacali.

Procurei comunicar-me com o DD.Diretor do DGO., para tomar conhecimento dos acontecimentos e passei a aguardar a chegada da comissão.

Aqui chegaram por cerca das 15:00 horas. Após as apresentações normais, o Sr. Ten. Cel. José Fraga Soares, comunicou-me que ia na área indígena afim de apurar assuntos de Segurança Nacional.

Pedi vênias para que ele informar-se se tinha permissão, do Presidente da Funai, para tal. Respondeu que não.

Solicitei a fineza de que não penetrasse na área indígena, fins mantermos bem viva as ordens existentes.

Após vários debates, inclusive da entrega da chave da Delegacia, caso as ordens fossem desobedecidas, observei que o Sr. Ten.Cel., não tirava os olhos do Sr. Capitão Pinheiro que per

manecia calado..

Nesse ínterim, o mesmo interferiu alegando que o Sr. Cel iria fazer uma vistoria nos tratores que estavam apodrecendo ao tempo nas terras indigenas.

Indaguei qual seria a relação existente entre trator a podrecendo e assuntos de Segurança Nacional que pudesse provocar a desobediência das ordens existentes.

A situação dos tratores, é uma méra função administrativa de responsabilidade do Delegado Regional.

Não existindo maiores argumentos, a comissão se retirou e ficou retardado o Capitão Pinheiro, aconselhando a aproveitara ocasião, pois o nosso Exmo. Sr. Governador do Estado, queria dar total cobertura aos nossos Índios com comida, roupa etc.

Pedi que o fizesse através de nossos diretores em Brasília, caso contrário, eu não aceitava.

No dia seguinte, parti para dentro da área e após uma série de interrogatórios e queixas de nossos Índios, (vide relatório anexo) conclui-se que toda esta situação foi criada pelo Sr. Capitão Manoel dos Santos Pinheiro, da Polícia Militar, que pela segunda vez, tenta regressar a Funai, como Delegado Regional, aplicando agora o golpe da calamidade pública, em comum a cõrdo com os fazendeiros da região.

Alguns fazendeiros, com quem dialoguei, (vide relatório) foram convidados <sup>PI/AD PINHEIRO</sup> para comparecerem em Belo horizonte, afim de aumentarem o número de reclamantes e os mesmos não aceitaram.

Observando-se as notícias dos jornais, de pronto concluimos que tudo não passa de uma promoção pessoal do Sr. Capitão Pinheiro, procurando por em choque as autoridades constituídas, com situações difíceis, onde ele acompanhando a comissão, interfere / nos interrogatórios e auxilia na conclusão das respostas.

Hoje dia 03.09.75, por cerca das 10:00 horas, compareceu na nossa Delegacia o Sr. médico de Maxacalis, Dr. Luciano de Oliveira e Silva, que após ligeiro diálogo, declarou não ter dito o que constava no Jornal, " O Globo " de hoje, que todas as perguntas foram feitas pelo jornalista e o Capitão Pinheiro, ficando calado durante todo tempo, o Cel. Fraga, chefe da comissão.

Acrescentou ainda, que estava visível aquela triste situação, em que tudo não passava do desejo da retomada de chefia na Funai, pelo Capitão Pinheiro, como Delegado da 11ª DR em Governador / Valadares.

Foi por ele convidado para prestar declarações, como respondeu que iria fazer um lanche e que talvez fosse demorar, a comissão compareceu em sua residência.

Podemos ainda informar que o Capitão em questão é fazendeiro, dentro da área, possuindo inúmeras cabeças de gado, de excelente qualidade, porém quando admitido na Funai, nada possuía.

Nada consta nas cidades vizinhas, de que os Índios tivessem praticado qualquer tipo de assalto. Bebem sim; a maldita pinga, como todo civilizado da região, pois domingo, dia 31.08.75, na cidade de Santa Helena, à 8 km do Posto Indígena, por cerca das 19:00 / horas, estava uma verdadeira calamidade pública, jovens e velhos em briagados, andando pela rua principal do povoado. Não há dúvidas que alguma providência terá que ser tomada pois cheguei a assistir um jovem bebado, correndo atrás de um outro com uma faca peixeira na mão. Procurei indagar o porque daquela situação e fui informado que era domingo e é costume neste dia aquele acontecimento.

Absolutamente não existe fome na aldeia, todas as famílias indígenas, possuem as suas roças, criações de galinhas e porcos.

No presente momento, tudo o que acontece nas cidades vizinhas, os nossos Índios são acusados de culpa e de pronto alegam os intrusos: - Estes Índios tem que sumir desta área, custe o que custar.

Quero lembrar que os interesses, são grandes e as terras, onde vivem, são maravilhosas sob todos os aspectos.

Faz-se sentir neste setor o rigoroso cumprimento das leis em vigor no que diz respeito aos nossos silvicultores.

*Al. Blaise*

PSS-432, p. 31/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
- FUNAI -

Brasília - DF.

OF. Nº 556/DGO

Em 04/09/75

Do Diretor do Departamento Geral de Operações  
Ao Exmo. Sr. Presidente da FUNAI  
Assunto Relatório do PI Maxacali

À ASI  
Para encaminhamento  
Sem, 08.09.75  
*[Signature]*  
Smarth de Araújo Oliveira  
PRESIDENTE

Encaminho a V.Exa. um relatório confidencial, sobre o PI Maxacali, recebido do Sr. Delegado da 11ª DR.

2. Com a sua leitura, conclue-se quanto é nefasta para a FUNAI, bem como para os Órgãos do Governo, a atuação do Cap. Pinheiro, na área e a necessidade, urgente, do seu afastamento.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
Dept.º Geral de Operações

*[Signature]*  
JOÃO CRISÓSTOMO DA SILVA  
Diretor



Anexos: 34 Slides  
3 recortes de jornais.

JCS/iap.

*Indicação Nº 081-A/76  
a DSI/MINTER  
Sem 18.3.76  
[Signature]*

08 09 75  
*[Signature]*

OF. Nº 416/PRES

Brasília, 09 de setembro de 1975

ANEXO À INSCRIÇÃO Nº 081/A/76

PSS. 432, p. 32/177

Senhor Inspetor,

Cumprimentando V. Exa. tenho o prazer de anexar ao presente, para seu conhecimento relatório de servidor desta Fundação, designado para verificar "in-loco" a situação do Posto Indígena Maxacali, subordinado à IIª Delegacia Regional.

Conforme V. Sa. poderá constatar através das informações contidas no referido documento, a atuação do Capitão Pinheiro junto às comunidades indígenas do Estado de Minas Gerais é nociva e vem prejudicando sobremaneira os esforços deste órgão no sentido de desenvolver as metas traçadas pela política governamental, em benefício do índio brasileiro.

Nestas condições, permito-me solicitar a V. Exa. o afastamento imediato do Capitão Pinheiro da área indígena.

Na oportunidade, apresento meus protestos de consideração e apreço.

O ORIGINAL FOI  
ASSINADO PELO  
SR. PRESIDENTE

Exmo. Sr.

General HÉLIO JOÃO GOMES FERNANDES

DD. Inspetor Geral das Polícias Militares - IGPM

Setor Militar Urbano - bloco "F" - 2º piso

N e s t a

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

OF. nº 418 /PRES

Brasília, 09 de setembro de 1.975

Senhor Comandante,

Acuso o recebimento do Ofício nº 233/E-S, de 04 de corrente, remetendo o relatório da índia LUIZA DO VALLE.

À respeito do assunto, informo a V.Exa.:

- a) - o Cap. Manoel Pinheiro, da PM/MG, foi dispensado do cargo da antiga Ajudância, por haver cometido arbitrariedades contra os índios;
- b) - mesmo após o seu afastamento da FUNAI, o Cap. PINHEIRO continuou a intervir nas áreas indígenas (vide relatório anexo), o que motivou uma solicitação desta Presidência ao Inspetor Geral das Polícias Militares, solicitando o seu afastamento;
- c) - quanto ao Delegado que o substituiu - João Geraldo Itatuitim Ruas, também foi dispensado recentemente, por irregularidades cometidas, sendo substituído pelo Cel. Clodomiro Bloise.

Aproveito a oportunidade de apresentar a V.Exa. protestos de estima e consideração.

O ORIGINAL FOI  
 ISMARTH DE ARAUJO OLIVEIRA  
 Presidente  
 SR. PRESIDENTE

Excelentíssimo Senhor  
 Gen. Bda. SYLVIO OCTAVIO DO ESPÍRITO SANTO  
 DD. Comandante da 4a. Brigada de Infantaria  
 Belo Horizonte - MG

Nota: O ofício e o relatório da índia estão com o Gen. Ismarth  
Foi fornecida cópia à ASI,

# CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMO. Nº 100/PJ-75-CONFIDENCIAL

Brasília, 10-outubro-75.

Do: Procurador Geral  
Ao: Sr. Chefe da ASI  
Assunto: Solicitação (faz)




Senhor Chefe:

Cumprimentando-o, rogo a possibilidade da ingerência de V. Sa. no sentido de obter, junto à Superintendência do Imposto de Renda, as declarações das pessoas físicas MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO e GERALDO ITATUITIM RUAS, sendo a solicitação, referente ao primeiro, relativa ao período de 1966 a 1972 e, do segundo, de 1969 a 1974.

Prende-se a solicitação a confronto com fatos existentes nesta Fundação e que estão a merecer exame.

Atenciosamente,

  
Gáetano de Almeida Carreto  
Procurador Geral da  
FUNAI

*Não teve até a presente data  
respondido a memo 063-2/75, seu  
file arquivamento  
jus. 15/3/76.*

*aguardando  
jus. 15/10/75.*

*Pasta Cel. Cunha*  
**CONFIDENCIAL**

PSS. 432, p. 35/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

MEMO Nº 063-L/75-ASI/FUNAI

Brasília-DF.,

Em 15.10.75

Do: Assessor Chefe da ASI/FUNAI

Ao: Sr. Procurador Geral/FUNAI

Assunto: Comunicação (faz)



Senhor Procurador,

Em atenção à solicitação de V.Sa., formulada no Memo nº 100/PJ/75-CONFIDENCIAL, de 10.10.75, comunicamos que para a elaboração do Pedido de Busca ao órgão competente, seria conveniente que essa Douta Procuradoria Jurídica, remetesse a esta Assessoria, justificativas ou a razão do pedido, fazendo um pequeno histórico dos fatos acontecidos com os Srs. MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO e JOÃO GERALDO ITATUITIM RUAS.

Saudações Cordiais,

JOÃO BEZERRA DE MELLO  
Ass. Ch. da ASI/FUNAI



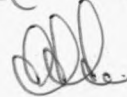
**CONFIDENCIAL**

AO Sr. TIBÉRIO VIANES

---

Para fazer o substituir  
licenciado

Em 17/10/75



---

Getúlio de Sales Carneiro  
Procurador Geral da  
FUNAI

ANEXO À INT. 081-0/76

Nº 01/75

Assunto: Encaminhamento MEMORIAL

Serviço: Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Vereadores

AO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR

Presidente da República Federativa do Brasil

A Câmara Municipal de Vereadores de Bertópolis, Estado de Minas Gerais, através de seus representantes após auscultar a opinião pública - pelos constantes desmandos praticados neste município pelos indígenas - "MAXACALI", tem a honra de submeter à alta consideração do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, o General Ernesto Geisel, por intermédio do nosso legítimo representante o Deputado Federal Francelino Pereira dos Santos, o seguinte "MEMORIAL": com determinação em uma solução humana da quase totalidade dos colonos proprietários rurais deste município, que - atualmente vive um drama de angústia e sofrimento, não possuindo mesmo - outro atenuante a não ser voltar as suas atenções em última instância ao Eminentíssimo Senhor Presidente da República, no sentido de que providências - sejam adotadas, a fim de uma vez solucionar a intranquilidade reinante no seio dos ruralistas desta região.

Os referidos indígenas "MAXACALI", últimamente vem se insurgindo contra tudo e todos os produtores rurais deste município, praticando toda espécie de vandalismo num autêntico desafio a todos que aqui militam numa luta laboriosa, aspirando desta maneira com a pequena parcela de - contribuição com a gigantesca obra implantada pelos os mais nobres e elevados postulados da redentora Revolução de março de 64.

Ocorre que, no entendimento dos subscritores deste documento e de seus representados, a medida deve ser imediatamente estudada, mormente agora que há o desejo manifesto do Governo Federal do País de trilhar na sua amplitude a tranquilidade da Nação.

Desde o mais simples até o mais esclarecido desta região, observam o estado deplorável com que vivem os silvícolas "MAXACALI", merecendo uma zelosa e honesta orientação nos seus princípios e costumes, para - que os referidos indígenas retire desse caminho da subversão.

É obrigação primordial de todos cidadãos brasileiros a de manifestar aos governantes quando determinadas medidas não estão agindo em

... consonância com a política governamental, quando consideramos uma situação injusta, prejudicial e desaconselhável ao interesse público.

Nós sentimos no dever de representantes de uma área mais sofrida do nordeste mineiro em manifestar um veemente apêlo à Vossa Excelência para que estabeleça a normalidade dos fatos expostos.

Certos da especial acolhida de Vossa Excelência em tórno deste aspecto, que viráa devolver a calma à tóda uma comunidade, a presente subscrevem com o mais profundo respeito.

Bertópolis (MG), 18 de novembro de 1975.

---

Presidente da Câmara Municipal de Vereadores

---

Onofre Rodrigues de Souza - Vice-Presidente

---

Abilio Alves Bonfim - Secretário

---

Otacilio Alves dos Santos - Vereador

---

Abelar Tolentino dos Santos - Vereador

---

Apolinário Ribeiro dos Santos - Vereador

---

Milton Pereira Arruda - Vereador Líder da ARENA

---

Antonio Martins Santana - Vereador

INFORME Nº 01/11ª DR/76.

DO: Delegado Regional 11ª DR.

AO: Coordenador ASI/FUNAI.

*Inf. SA a DSI.*

*Inf. 3/2/76.*

- 1) - DATA: 25.01.76
- 2) - ASSUNTO: Atuação do Capitão P.M. Manoel dos Santos Pinheiro na área do PI MAXACALI.
- 3) - ORIGEM: 11ª DR.
- 4) - REFERENCIA: - - -
- 5) - ÁREA: Sudoeste
- 6) - DIFUSÃO ANTERIOR: Relatório DD. Diretor do DGO - Funai
- 7) - DIFUSÃO: ASI/FUNAI.
- 8) - ANEXO: Inexistente.

*Inf. 081/A/76/Ass.  
Seq. Inf. 18/3/76.*



Retorna as áreas circunvisinhas do PI Maxacali o Sr. Capitão da Polícia Militar, Manoel dos Santos Pinheiro, onde do mingo dia 16.01.76 na cidade de Santa Helena, esteve com os Índios que ali se encontravam, fazendo suas compras, alegando que dentro de breves dias, ia regressar a chefiar a Delegacia e que eles iam ver como a coisa iria funcionar; "na base do cacete".

Encontra-se percorrendo as Fazendas visinhas já há uns vinte (20) dias, provocando novamente sérios desentendimentos entre os Índios e Fazendeiros.

Entrou em contato com o Sr. Onofre Antônio de Souza, Motorista do Posto Indígena, exercendo a função de Prático de Agricultura e Veterinária, recém admitido.

Os Fazendeiros, em nova investida, estão propalando que os Índios estão roubando o seu gado, porcos e galinhas, em histórias meramente absurdas, ao ponto de denunciar a falta de gado, sendo que após alguns dias, o gado roubado aparece novamente em suas fazendas.

Encontrei o Sr. Capitão Pinheiro, na residência do Sr. Francisco Joaquim Figueiredo, "vulgo Baíinho", vice prefeito do município de Bertópolis, maior inimigo de nossos Índios, pois trata-

se de um homem frio e desumano com fazenda vizinha as terras indígenas, por cerca das 14:30 horas do dia 23.01.76.

Mandei concretizar o fato e realmente ele lá se en-  
contrava.

Dias anteriores, ele esteve em outras duas fazendas vizinhas. Enfim, a situação dentro da área tornou-se novamente tumultuada desde a chegada do Sr. Capitão Pinheiro, em apoio direto com o motorista Onofre Antônio de Souza, funcionário da Funai.

Pretendem, eliminar o Delegado Regional que está perturbando as suas intenções; "afastar os Índios daquelas terras".

A tática empregada é que cada fazendeiro estabelece amizade com o grupo de Índios que residem próximo a sua fazenda, prometendo absurdos e dando alguns presentes ou vantagens monetária por serviços prestados, mas na condição de lutar pela derrota do Delegado, brigando uns com os outros e roubando nas cidades.

Até agora, os Índios estão um tanto duvidosos em cumprir as exigências contra o coronel, contudo, se a situação perdurar tudo poderá acontecer, ainda mais com o apoio do Motorista Onofre Antônio de Souza, funcionário da Funai, dizendo ser ele, o chefe do Posto, que também já está totalmente derrotado por presentes e favores recebidos.

Dito pelo próprio motorista, ele já recebeu de presente, duas novilhas e quatro carneiros dos fazendeiros locais.

A "pinga", nestes últimos vinte dias, aumentou barbaramente, dentro até do próprio Posto Indígena.

Antes porém, a situação achava-se tranquila, os Índios seguindo o caminho certo, obedientes e na luta da lavoura.

Colheram feijão e estavam aguardando para o plantio de arroz e milho.

Precisamos de uma vez por todas, eliminar esses obstáculos dentro da área indígena Maxacali.

INFORME Nº 01/11ª DR/76.

DO: Delegado Regional 11ª DR.

AO: Coordenador ASI/FUNAI.

- 1) - DATA: 25.01.76
- 2) - ASSUNTO: Atuação do Capitão P.M. Manoel dos Santos Pinheiro na área do PI MAXACALI.
- 3) - ORIGEM: 11ª DR.
- 4) - REFERENCIA: - - -
- 5) - ÁREA: Sudoeste
- 6) - DIFUSÃO ANTERIOR: Relatório DD. Diretor do DGO - Funai -
- 7) - DIFUSÃO: ASI/FUNAI.
- 8) - ANEXO: Inexistente.

Retorna as áreas circunvisinhas do PI Maxacali o Sr. Capitão da Polícia Militar, Manoel dos Santos Pinheiro, onde do mingo dia 16.01.76 na cidade de Santa Helena, esteve com os Índios que ali se encontravam, fazendo suas compras, alegando que dentro de breves dias, ia regressar a chefiar a Delegacia e que eles iam ver como a coisa iria funcionar; "na base do cacete".

Encontra-se percorrendo as Fazendas visinhas já há uns vinte (20) dias, provocando novamente sérios desentendimentos entre os Índios e Fazendeiros.

Entrou em contato com o Sr. Onofre Antônio de Souza, Motorista do Posto Indígena, exercendo a função de Prático de Agricultura e Veterinária, recém admitido.

Os Fazendeiros, em nova investida, estão propalando que os Índios estão roubando o seu gado, porcos e galinhas, em histórias meramente absurdas, ao ponto de denunciar a falta de gado sendo que após alguns dias, o gado roubado aparece novamente em suas fazendas.

Encontrei o Sr. Capitão Pinheiro, na residência do Sr. Francisco Joaquim Figueiredo, "vulgo Banho", vice prefeito do município de Bertópolis, maior inimigo de nossos Índios, pois trata-

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

se de um homem frio e desumano com fazenda vizinha as terras indígenas, por cerca das 14:30 horas do dia 23.01.76.

Mandei concretizar o fato e realmente ele lá se en-  
contrava.

Dias anteriores, ele esteve em outras duas fazendas vizinhas. Enfim, a situação dentro da área tornou-se novamente tumultuada desde a chegada do Sr. Capitão Pinheiro, em apoio direto com o motorista Onofre Antônio de Souza, funcionário da Funai.

Pretendem, eliminar o Delegado Regional que está perturbando as suas intenções; "afastar os Índios daquelas terras".

A tática empregada é que cada fazendeiro estabelece amizade com o grupo de Índios que residem próximo a sua fazenda, prometendo absurdos e dando alguns presentes ou vantagens monetária por serviços prestados, mas na condição de lutar pela derrota do Delegado, brigando uns com os outros e roubando nas cidades.

Até agora, os Índios estão um tanto duvidosos em cumprir as exigências contra o coronel, contudo, se a situação perdurar tudo poderá acontecer, ainda mais com o apoio do Motorista Onofre Antônio de Souza, funcionário da Funai, dizendo ser ele, o chefe do Posto, que também já está totalmente derrotado por presentes e favores recebidos.

Dito pelo próprio motorista, ele já recebeu de presente, duas novilhas e quatro carneiros dos fazendeiros locais.

A "pinga", nestes últimos vinte dias, aumentou bastante, dentro até do próprio Posto Indígena.

Antes porém, a situação achava-se tranquila, os Índios seguindo o caminho certo, obedientes e na luta da lavoura.

Colheram feijão e estavam aguardando para o plantio de arroz e milho.

Precisamos de uma vez por todas, eliminar esses obstáculos dentro da área indígena Maxacali.

CONFIDENCIAL

pss. 432, p. 43/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



034-L/76

04.02.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS

ASI/FUNAI

-

CENTRO-OESTE

DGO - PJ - SA - 11a.DR/FUNAI

DGPC/FUNAI

DOCUMENTAÇÃO (19 FLS)

1. Esta ASI recebeu e difunde para fins de acompanhamento por esse Departamento, a documentação anexa, que versa sobre a situação problemática das populações urbanas e rurais da área onde se localizam os índios MAXACALIS, bem como sua precária condição de sobrevivência.
2. A Assessoria de Segurança e Informações-ASI/FUNAI, solicita a esse DGPC informar a evolução do problema enfocado neste documento.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) REGULAMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CONFIDENCIAL



033-L/76

04.02.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS

ASI/FUNAI

-

CENTRO-OESTE

DGO - SA - 11a.DR - DGPC/FUNAI

PJ/FUNAI

DOCUMENTAÇÃO (19 FLS)

1. Esta ASI recebeu e difunde para fins de acompanhamento por essa Procuradoria, a documentação anexa, que versa sobre a situação problemática das populações urbanas e rurais da área onde se localizam os índios MAXACALIS, bem como sua precária condição de sobrevivência.
2. A Assessoria de Segurança e Informações-ASI/FUNAI, solicita a essa PJ informar a evolução dos problemas enfocados neste documentos.

O DESTINATÁRIO É RESPONÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) REGULAMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



032-L/76

04.02.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS

ASI/FUNAI

-

CENTRO-OESTE

SA - 11a.DR - PJ - DGPC/FUNAI

DGO/FUNAI

DOCUMENTAÇÃO (19 FLS)

1. Esta ASI recebeu e difunde para fins de acompanhamento por esse Departamento, a documentação anexa, que versa sobre a situação problemática das populações urbanas e rurais da área onde se localizam os índios MAXACALIS, bem como sua precária condição de sobrevivência.
2. A Assessoria de Segurança e Informações-ASI/FUNAI, solicita a esse Departamento informar a evolução do problema enfocado neste documento.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) RESERVADO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIG-  
ILOSOS.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CONFIDENCIAL



031-L/76

04.02.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS

ASI/FUNAI

-

CENTRO-OESTE

DGPC - SA - PJ - DGO/FUNAI

11a.DR/FUNAI

DOCUMENTAÇÃO (19 FLS)

1. Esta ASI recebeu e difunde para fins de acompanhamento por essa Delegacia, a documentação anexa, que versa sobre a situação problemática das populações urbanas e rurais da área onde se localizam os índios MAXACALIS, bem como sua precária condição de sobrevivência.
2. A Assessoria de Segurança e Informações/ASI/FUNAI, solicita a essa Delegacia informar a evolução do problema enfocado neste documento.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) REGULAMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CONFIDENCIAL



030-L/76

04.02.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS  
ASI/FUNAI

-

CENTRO-OESTE

DGPC - DGO - 11a.DR - PJ/FUNAI

SA/FUNAI

DOCUMENTAÇÃO (19 FLS)

1. Esta ASI recebeu e difunde para fins de acompanhamento por essa Superintendência, a documentação anexa, que versa sobre a situação problemática das populações urbanas e rurais da área onde se localizam os índios MAXACALIS, bem como sua precária condição de sobrevivência.
2. A Assessoria de Segurança e Informações-ASI/FUNAI, solicita a essa SA informar a evolução do problema enfocado neste documento.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) REGULAMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

PSS. 432, p. 48/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



006-A/76

04.FEV.76

ATUAÇÃO DO CAPITÃO PINHEIRO NA ÁREA DO POSTO  
ASI/FUNAI INDÍGENA MAXACALI/MG

-

SUDESTE

-

SA/FUNAI

-

9. AVALIAÇÃO : A/1

1. Esta ASI tomou conhecimento do retorno às áreas circunvizinhas do PI MAXACALI, do Capitão PM MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, o qual, percorrendo as fazendas, estaria provocando serios desentendimentos entre índios e fazendeiros.
2. Em 16.01.76, na cidade de Santa Helena, encontrando um grupo de índios, que faziam compras, disse aos mesmos que dentro em breve voltaria a chefiar a Delegacia (FUNAI) e que eles iam ver como a coisa iria funcionar: "na base do cacete".
3. Os fazendeiros, em nova investida, estão propalando que os índios estão roubando seu gado, porcos e galinhas, sendo que após alguns dias o gado roubado aparece novamente em suas fazendas.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO BOM ESTADO  
DESTE DOCUMENTO QUE NÃO DEVE  
NÃO SER DESTRUÍDO SEM A PERMISSÃO  
SALVAGUARDAR O ORIGINAL EM SEUS  
ARQUIVOS.

Vide INFÃO  
No 081-A/76  
a DSI/MINTER

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -  
CONFIDENCIAL



4. Em 23.01.76, o Sr. Cap. Pinheiro foi visto na residência do Vice-Prefeito de Bertópolis, Sr. FRANCISCO JOAQUIM FIGUEIREDO, vulgo Baíno, inimigo dos índios e que também possui fazenda junto às terras indígenas.
5. O Sr. Cap. PINHEIRO entrou em contato com o Sr. ONOFRE ANTONIO DE SOUZA, Motorista do Posto Indígena, exercendo a função de Prático de Agricultura e Veterinária, recém admitido na FUNAI que, ultimamente, o tem apoiado. O Motorista já recebeu de presente, dos fazendeiros, duas novilhas e quatro carneiros.
6. A tática empregada para derrotar o atual Delegado da FUNAI seria a atuação dos fazendeiros, fazendo amizade com o grupo indígena que reside próximo a cada fazenda, prometendo absurdos, dando alguns presentes ou vantagens monetária, por serviços prestados, mas na condição de lutarem pela derrota do Delegado, brigando uns com os outros e roubando nas cidades. O consumo de pinga tem aumentado, inclusive, dentro do Posto Indígena.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (Nº 6017/76) - DEPT.  
Nº 6017/76 - RESUMO - O P. 1.º  
DE GUARDA DE ASSUNTOS SOC.  
INDÍGENAS

CONFIDENCIAL

PSS. 432, p. 50/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
- FUNAI -

**CONFIDENCIAL**

Q.F.01/CONFIDENCIAL/11ª DR.

Governador Valadares - MG

Do Delegado Regional 11ª DR.

Em: 6/fevereiro/76.

Ao Exmo. Sr. Gal Ismarth de Araujo Oliveira.

DD. Presidente Funai.

Assunto: Encaminhamento de Ocorrências (Faz).

À ASI

Em, 22.02.76

*[Handwritten signature]*

Ismarth de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

Senhor Presidente,

Como já era de se esperar, concretizando os meus esclarecimentos em Relatórios anteriores, segue anexo, as informações prestadas pelo Atendente de Enfermagem, Sr. Farid Miguel, respondendo pela chefia do Posto Indígena Maxacali.

Seria importante V.Excia., ler meu Informe 01/11ª DR/76 de 25.01.76, remetido à ASI/FUNAI.

Aguardo o vosso pronunciamento.

A t e n c i o s a m e n t e

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
11ª DELEGACIA REGIONAL

*Clodomiro Bloise*

CLODOMIRO BLOISE  
DELEGADO REGIONAL  
PORT. N.º 693/P DE 11-08-75

*(Inclu. s. -  
Faz. 20/2/76,  
Info 081-4/26/76,  
Aug. 18-3-76.*

*Sr. Pres. favor encaminh  
ao Informe 01/11ª DR.*

*Aug. 20/2/76.*

DD. PRESIDENTE  
ENTRADA  
EM 10/02/76  
*Alzira*

Ministerio do interior

Fundação nacional do indio

Ao SR. Delegado RG. da 11a DR.

Com este relato - vos o seguinte:

No dia o 3 o 2 o 76 veio ao meu conhecimento que a Cammara de Veriadoris Da Cidade de Betopolis, Cidade vizinha deste PI. Fez um relatorio contra Nossos indios, e irãõ levar ao SR. Governador do estado de Minas E tambem ao SR. Prezidente da Republica. Mais ainda o SR. Nazareno Martens Fontes, tambem esta fazendo um relatorio contra O SR. Delegado da 11a DR. E irãõ levar em maõs ao SR. Prezidente Funai.

Nada mais tenho a relatar, depois de lido e assinado, passo este as maõs de VS. Para tomar as providencias que Julgar necessarias.

Posto indigena Maxacalis, o 4 o 2 o 76

Assina: Farid Miguel



Chefe deste PI.

INFORMAÇÃO 02/11ª DR/76



- 1) DATA : 19/02/76
- 2) ASSUNTO : COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS
- 3) ORIGEM : 11ª DR
- 4) REFERÊNCIA : 031/L/76
- 5) ÁREA : CENTRO OESTE
- 6) DIFUSÃO ANTERIOR : DGO/FUNAI - SA PJ - DGPC
- 7) DIFUSÃO : ASI/FUNAI
- 8) ANEXO : INEXISTENTE

*Luta 081/A/76/ASJ - sig. Feb. 18/3/76.*

O Posto Indígena Maxacali, localizado próximo aos municípios de Bertópolis, Umburatiba e Maxacalis, possui no momento 520 índios a proximadamente, que ali vivem em dois grandes grupos.

Um deles denominado Pradinho e o outro Água Boa.

No Pradinho, existem ainda mais duas sub-divisões independentes bem como em Água Boa, mais tres.

Essas sub-divisões cada uma possui o seu chefe e vivem independentes e não se dão uns com os outros. Eis as razões das lutas constantes entre eles.

Esta falta de comunidade, acarreta uma tremenda desarmonia entre os índios, dando chance dos nossos inimigos em estabelecerem uma verdadeira guerra fria entre, através de disse-me-disse, jogando um de encontro aos outros.

Esta tática, eles (civilizados), conseguiram em parte, quando houve o ataque dos índios do Pradinho aos de Água Boa, com sérias baixas no efetivo indígena.

Como não conseguiram a vitória total, almejam a retirada dos índios daquela área. Procuram outro artifício, o da propalação nos

*Ass.*

jornais, como da situação da tribo, alegando uma série de absurdos quanto a crimes, roubos, até assalto as fazendas e as famílias envolvidas.

Mero artifício calunioso, pois os Índios jamais assaltam fazendas ou praticam roubo de proporções alegadas.

Com essa nova situação criada, os fazendeiros envolvidos julgavam e proclamavam a sua vitória e que com o regresso para a chefia da Delegacia da Funai do Capitão da Polícia Militar, Manoel dos Santos Pinheiro, eles iriam se apoderar das terras indígenas de há muitos anos cobiçada. Sim, porque são as melhores da área com um pasto de capim colônia nativo, para manter sete mil (7.000) cabeças de gado e acrescida de uma mata ainda virgem com inúmeras árvores de madeiras de lei. Eis aí o grande drama entre Índios Maxacali e fazendeiros (lindeiros), daquele setor.

Ultimamente aproveitaram o desconhecimento de causa dos vereadores da cidade de Bertópolis e incentivaram-os a fazer um Memorial ao Exmo. Sr. Presidente da República, caluniando os Índios como praticante de vandalismo dentro das cidades vizinhas.-(Segue a nexa, expediente detalhado a respeito).

Acredito que este será o último artifício a ser usado contra os Índios Maxacalis.

Por incrível que pareça, todas essas crises propaladas, surgiram quando da presença do Sr. Capitão da PM Manoel dos Santos Pinheiro, dentro daquela área.

Na sua ausência, reina paz e tranquilidade sob todos os aspectos. Desta última estadia, surgiu o Memorial dos Ilmos. Srs. vereadores da cidade de Bertópolis. Vamos aguardar o que surgirá na próxima.

xima.

OF. 02/CONFIDENCIAL/11ª DR/76.

Governador Valadares - MG

Do Delegado Regional 11ª DR.

Em: 25/fevereiro/76.

Ao SR. CHEFE ASIA FUNAI.

Assunto: MEMORIAL DA CÂMARA DE VEREADORES DE BERTÓPOLIS (ENCAMINHA).

*Do ASIA, in p. 11  
ao DGO e DSJ.  
Jul. 9/3/76.*



Senhor Chefe,

Tive conhecimento no PI Maxacali, que a Câmara Municipal de Bertópolis na pessoa de seu presidente e demais membros, haviam feito um Memorial a ser encaminhado pelo Deputado Federal, Francelino Pereira, ao Exmo. Sr. Presidente da República.

Procurando maiores detalhes a respeito, consegui uma cópia do referido Memorial, que segue anexo para os devidos fins.

Observamos atentamente o conteúdo deste Memorial, chegamos a conclusão da falta total de "substância" concreta de suas declarações, pois as acusações aos nossos Índios não passam de suposições caluniosas, de maneira a provocar clamor, não só no meio de nossas autoridades, como também no meio ambiente local.

Desde que aqui cheguei, esta campanha / desmoralizante aos nossos Índios, já existia e se desenvolvia tomando certo vulto e serenava em seguida, de acordo com a permanência e a retirada do Ex-Delegado Regional e atual fazendeiro da área, capitão Manoel dos Santos Pinheiro.

Todos os meios foram empregados com um único propósito, retirar os Índios daquela área, a fim de que eles (fazendeiros), possam se apoderar das terras.

Acredito que este Memorial, seja o último dos recursos que pretendem aplicar, aproveitando a inocência de nossos vereadores no assunto, para então por em execu

*A. P.*

*Aug. Jul. 17.3.76. Lta 081-A/76.*

ção os seus intentos.

Alegam os Srs. vereadores, que os Índios estão praticando toda a espécie de vandalismo, num autêntico de safio a todos que ali militam. - O que diremos nós?!!!! - Eles / são Índios. E os fazendeiros que ao cair da tarde, abrem as por teiras que limitam com as terras indígenas, a fim de clandestina mente colocarem o seu gado em nossas pastagens. Este assunto / absolutamente não interessa a ser propalado e quando reclamado, e les dizem que foram os seus empregados, quando não, acusam o pró prio Índio que deixou a porteira aberta.

Não posso compreender, quais os postula dos da nossa Revolução de 1.964, que os Srs. Vereadores estão uti lizando, porquanto acredito que eles não desconhecem que os Ín dios são realmente muito mais brasileiros do que todos nós e no conceito do que preceitua o Decreto Lei nº 6.001 de 19.12.73 -Es tatuto do Índio - são considerados menores e que seria humanamen te impossível a Funai colocar um funcionário para tomar conta de cada Índio dessa nossa imensa família constituída de aproximada mente cento e vinte mil (120.000) criaturas humanas.

Seria muito mais produtivo, e realmente eficiente se todos eles, irmanados a todos nós, auxiliasse posi tivamente por intermédio de palavras e ações, junto aos nossos irmãos Índios, aconselhando-os e mostrando o caminho do bem, proi bindo junto as autoridades locais, a venda de "pinga", esta mal dita praga que os destrói e a nós civilizados também, aplicando, o Decreto Lei nº 3.688 de 3.10.1941,

Este estado deplorável, que os Índios es tão vivendo, julgado desde o mais simples até o mais esclarecido da região, necessitando de um zelosa e honesta orientação, reti rando-os do caminho da subversão,-Perguntaria aos Srs. Vereadores:

a) - Alguns dos senhores, já tiveram con tato com esses Índios?

B) - Eles estão atacando os transeuntes, em plena via pública, pedindo esmolas para viverem, dizendo que estão com fome?

c) - Eles estão invadindo os restaurantes e bares das cidades, ostensivamente pedindo esmolas somente em / "dinheiro" ?

d) - Eles permanecem nas cidades desde / as sextas-feiras a noite até o domingo subsequente, embriagados, em plena praça e vias públicas, provocando desordem e tumultos /

210

com a agravante de não haver restrição de idade, nem sexo ?!!!

Pois este estado "deplorável" absolutamente não afeta aos nossos Índios, e sim aos civilizados daquela região, procurem concretizar os fatos nas cidades de Maxacalis, Santa Helena etc. ...

Seria realmente uma obrigação primordial se não só os Srs. Vereadores mas como também todos os realmentes "brasileiros" orientassem os nossos Índios, auxiliando-os em suas aquisições, (evitando serem furtados por negociantes inescrupulosos), proibindo a venda da "cachaça", dando-lhes emprego honesto e condizente, auxiliando-os em suas lavouras e finalmente socorrendo os todas as vezes que se tornar necessário, tudo em estreita coordenação e entedimento mútuo com o órgão responsável "Funai".

Este seria a meu ver, o verdadeiro sentimento dos representantes do povo naquela área; sim porque meus senhores, o Índio também é povo e como tal o apóio de todos nós se faz sentir sob todos os aspectos, baseado sempre na lealdade, sinceridade e honestidade, que nos é peculiar.

Tenho plena certeza que os Srs. Vereadores terão que convir, que este problema, a sua solução encontra-se em nossas mãos, com um pouco mais de patriotismo e abnegação, deixando para sua Excia., o presidente da República, outros casos de real e extrema gravidade.

A t e n c i o s a m e n t e

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
11ª DELEGACIA REGIONAL

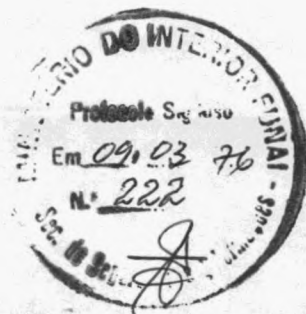
*Clodomiro Bloise*

CLODOMIRO BLOISE  
DELEGADO REGIONAL  
PORT. N.º 693/P DE 11-08-73

ANEXO: Memorial nº 01/75 da Câmara Municipal de Bertópolis -

INFORMAÇÃO 04/11ª DR/76

- 1) DATA : 04/03/76  
2) ASSUNTO : ATUAÇÃO DO CAPITÃO PINHEIRO NA ÁREA DO POSTO INDÍGENA MAXACALI/MG.  
3) ORIGEM : 11ª DR.  
4) REFERÊNCIA : 006 - A/76 - AD SA  
5) ÁREA : SUDESTE  
6) DIFUSÃO ANTERIOR : -  
7) DIFUSÃO : ASI/FUNAI  
8) ANEXO : -



Todas as vezes que o Sr. Capitão da PM Manoel dos Santos Pinheiro aparece na área circundante ao PI Maxacali, a situação torna-se tensa entre Índios e população envolvente.

No momento, devido ao seu afastamento que ninguém sabe até onde vai, a situação é de tranquilidade.

Todos os detalhes foram bem aclarados na Informação nº 02/11ª DR/76 de 19.02.76, encaminhado a ASI/FUNAI.

*Sup. 081-A/76.  
Sug. H.  
18/3/76.*

*ao SS/ASI  
Jul. 9/3/76.*

INFORMAÇÃO Nº 03/11ª DR/76



- 1) DATA : 04.03.76
- 2) ASSUNTO : COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALI
- 3) ORIGEM : 11ª DR
- 4) REFERÊNCIA : 030 - L - 76 (ASI)
- 5) ÁREA : CENTRO OESTE
- 6) DIFUSÃO ANTERIOR : DGPC - DGO - PJ/FUNAI
- 7) DIFUSÃO : SA/FUNAI - ASI/FUNAI
- 8) ANEXO : INEXISTENTE

---

Todos os anexos e este assunto, acham-se vinculados a Informação nº 031/L/76 de 04.02.76 ASI/FUNAI, respondida através da Informação Nº 02/11ª DR/76 de 19.02.76, dirigida a ASI/FUNAI. Solicito acusar recebimento.

*Jus 081-A/76/ASI -  
Jus. 18/3/76.*

*Creto - S.  
Jus. 9.3.76.*


*Ca 55/081  
Jus. 9.3.76.*

*Aug. Jus.  
17/3/76*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DEL 11a. DR - GOVERNADOR VALADARES/MG

NR 057-A/76-ASI DE 17.03.76 - ACUSAMOS RECEBIMENTO INFÃO NR  
02 VG 03 ET 04/11a.DR/76 PT SDS ASI/FUNAI

  
João Bezerra de Mello  
Ass. Ch. da ASI/FUNAI

Para Arquivo Expedidor por Destinatário

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



081-A/76

18.MAR.76

COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALÍ

ASI/FUNAI

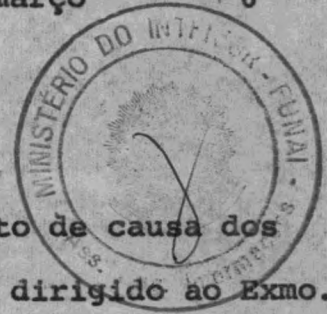
PB Nº 22/1723C/74, 29.11.74 - INFÃO 22/048C/75,  
SUDESTE 13.01.75 - INFÃO 014/75-ASI/FUNAI, 24.  
- 01.75 - INFÃO 221-A/75-ASI/FUNAI, 29.9.  
75 - INFE 22/1392C/75, 14.10.75 -INFÃO  
DSI/MINTER nº 22/121C/76-DSI, 27.01.76  
DOCUMENTAÇÃO - 2<sup>o</sup> FLS.

1. O POSTO INDÍGENA MAXACALÍ, localizado próximo aos Municípios de Ber-  
tópolis e Umburatiba, possui, atualmente, 520 índios que ali vivem  
divididos em dois grandes grupos: PRADINHO e ÁGUA BOA.  
-Esses grupos se subdividem em diversos grupos, vivendo independen-  
temente, cada um com seu chefe, havendo, inclusive, hostilidades e  
constantes lutas entre eles.  
-Aproveitando-se dessa desarmonia, os fazendeiros que limitam a área  
indígena, instigados pelo Cap. PINHEIRO, empregam todo tipo de ar-  
timanhas, almejando a retirada dos índios daquela área.  
-As terras indígenas são as melhores da região, com um pasto de ca-  
pim colônio nativo com capacidade para manter (7.000) sete mil  
o cabeças de gado e acrescida de uma mata virgem com inúmeras árvo-  
res de madeira de lei.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (LEI 62 - DEU.  
N.º 69.417/66) RESERVADO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -



- Em fevereiro/76, aproveitaram-se do desconhecimento de causa dos Vereadores incitando-os na elaboração do memorial dirigido ao Exmo. Sr. Presidente da República (cópia anexa).
2. MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, Capitão PM/MG, foi dispensado do cargo de Chefe da Ajudância MINAS/BAHIA, em 1973, por haver cometido arbitrariedades contra os Índios.
- Mesmo após seu desligamento da FUNAI, o Cap. PINHEIRO continua a intervir nas áreas indígenas, especificamente, em MAXACALI, o que motivou a Presidência da FUNAI a solicitar do Inspetor Geral de Polícias Militares, em setembro/75, o afastamento do mesmo da área (cópia do Of. 416/PRES e relatório anexos)
- Em janeiro/76, o Sr. Cap. PINHEIRO retornou à área indígena, percorrendo as fazendas vizinhas, provocando sérios desentendimentos entre Índios e fazendeiros.
3. Em atenção ao Informe mencionado na referência, informamos que JOÃO GERALDO ITATUITIM RUAS foi dispensado da função de Delegado da 11a. DELEGACIA REGIONAL, em 11.08.75, por ter praticado uma série de atos ilícitos que estão sendo apurados pelo DPF/MG.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (LEI. 62 - DEC.  
N.º 60.417/67) E CUMPRIMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGL-  
LOSOS.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO  
ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

INSPETORIA-GERAL DAS POLÍCIAS MILITARES

PSS-432, p. 62/177

À ASI

Para subscritamento.

Em, 14.07.76

*[Assinatura]*

Ismarh de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

Brasília-DF, 08 de Julho de 1976

Do Inspetor-Geral das Polícias Militares  
Ao Senhor Presidente da Fundação Nacio-  
nal do Índio.

Assunte: Situação de Poste Indígena Maxa-  
calis.

Referência: Of nº 416/Pres, de 09 Set 75,  
dessa Fundação.

Ofício nº 008-IGPM/2



1. Informe a V. S. que o Cmt-Geral da Polícia Militar do Esta-  
do de Minas Gerais decidiu, à vista das conclusões de uma sindicânci  
a que mandou instaurar, movimentar o Cap PM MANOEL DOS SANTOS PINHEI  
RO da região de MAXACALIS.

2. Outrossim, informe que esta Inspetoria tem conhecimento dos  
entendimentos que o Delegado da FUNAI em GOVERNADOR VALADARES foi en-  
carregado de manter com o Comandante da Guarnição da Polícia Militar  
local, no sentido de serem evitados quaisquer conflitos de interes-  
ses entre índios e fazendeiros, o que está sendo objeto de acompaña-  
mento pela IGPM.

3. Atualmente, os relatórios da PNMG apresentam os seguintes pro-  
blemas de ordem pública com relação aos indígenas de MAXACALIS, que  
apresente a V. S. como informação: invasão de terras de municípios vi-  
zinhos, para retirar e abater gado e aves e destroçar plantações; em  
briaguez contumaz, gerando brigas e ferimentos, como foi registrado  
recentemente em AGUAS FORMOSAS; roubo de gado.

Na oportunidade, apresente meus protestos de consideração e a-  
preço.

Anquirar na ASI

*[Assinatura]*  
Ismarh de Araújo Oliveira  
Presidente da FUNAI

GEN BDA HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA

IGPM

*[Assinatura]*  
Rest. tua s.  
15-7-76.

João Bezerra de Mello  
Ass Ch de ASI/FUNAI

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

# CONFIDENCIAL

INFORME Nº 09/11ª DR/76.

- |                      |  |
|----------------------|--|
| 1 ) Data             | : - 10/10/76.  |
| 2 ) Assunto          | : - Retorno do Sr. Capitão Pinheiro a Área circundante a Aldeia dos Índios Maxacali. |
| 3 ) Origem           | : - 11ª DR.  |
| 4 ) Referência       | : - - -  |
| 5 ) Área             | : - Centro Oeste.  |
| 6 ) Difusão Anterior | : - ASI/FUNAI.   |
| 7 ) Difusão          | : - ASI/FUNAI - DGO -  |
| 8 ) Anexo            | : - Inexiste.  |



*Que lista Ary, informou a DSI - Jus - 2/10/76.*

Tendo chegado na cidade de Teófilo - Oto ni 16 ( dezesseis ) Índios Maxacalis , sem para isso estarem autorizados , de acordo com a comunicação feita pelo Sr. Delegado Regio / nal de Segurança Pública ; parti imediatamente para o local a fim de retorna-los às suas Aldeias. Durante o diálogo a respeito da situação desses Índios , fui informado de que o Sr. Capitão Pinheiro apesar das recomendações recebidas , continua semanalmente instigando os moradores que vivem circundando a Área Indígena a lutarem pela expulsão dos Índios de suas terras.

Ao chegar na Área Indígena , foi confirmada a notícia com a agravante de que utiliza o seguinte "SLOGAN" / votem no meu candidato , "ANATÓLIO FAGUNDES DE SOUZA" , que eu retirarei os Índios daquelas terras e assumirei a função do Coronel. Com o seu retorno frequente , por outro lado , os Índios estão praticando atos perigosos , pelo abuso da bebida alcoólica.

*Seq. Jus. 26/10/76*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO — FUNAI

## CONFIDENCIAL

Os Índios declararam não aceitar o seu retorno , porém aceitam o que lhes derem como recompensa ou mesmo presente.

Conforme podemos observar , o Sr. Capitão Pinheiro não cansa e não teme em insistir em querer tomar as terras Indígenas a qualquer preço.

**CONFIDENCIAL**MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

027-A/76

26.10.76

ATUAÇÃO DO CAP. PM/MG MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO  
ASI/FUNBIAINFÃO 184-A/76-ASI/FUNAI, DE 19.07.76  
SUDESTE

-

DSI/MINTER

-

9. AVALIAÇÃO : A-2

1. O Capitão PINHEIRO continua, semanalmente, instigando os moradores que vivem nas áreas limítrofes à comunidade Maxacali, a lutarem pela expulsão dos índios de suas terras.

- Estaria, ainda, utilizando-se do seguinte "slogan": "votem no meu candidato, ANTÓLIO FAGUNDES DE SOUZA, que eu retirarei os índios daquelas terras."

- Os índios não estão propensos a aceitar o retorno do Cap. Pinheiro.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL  
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DES-  
TE DOCUMENTO (ART. 6º - DEC.  
N.º 60.417/67) REGULAMENTO PARA  
SALVAGUARDA DE ASSUNTOS SIGI-  
LOSOS.

**CONFIDENCIAL**



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
GABINETE DO PRESIDENTE

INFORMAÇÃO Nº 105 /PJ/80

Ref.: Memo. nº 063-L/75-ASI/FUNAI



Senhor Procurador Geral:

O Memo. nº 063/L/75/ASI/FUNAI, do Assessor Chefe da ASI/FUNAI ao Sr. Procurador Geral da FUNAI, datado de 15 de outubro de 1975, comunica que para atender à solicitação feita através do Memo. nº 100/PJ/75 - CONFIDENCIAL, de 10/10/75 é necessária a remessa de justificativa ou razão do pedido, acompanhado de um pequeno histórico dos fatos acontecidos com os Srs. Manoel dos Santos Pinheiro e João Geraldo Itatuitim Ruas.

Tendo estado na ASI, para informar-me a respeito do interesse na remessa de referida documentação em virtude do tempo já decorrido, foi-me informado pelo Dr. Ari, que tais informações não terão mais utilidade, tendo no entanto sugerido a remessa dos autos à ASI, para o arquivamento nessa Assessoria, em virtude do caráter confidencial.

Assim sendo, sugiro a remessa do presente processo à ASI para o devido arquivamento em pasta própria.

Brasília, 08 de maio de 1980

*Julio Augusto S. C. Crespo*  
Julio Augusto S. C. Crespo  
ADVOGADO "A"  
Port. N.º 046/P/80



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

De acordo com a Informação  
Nº 105/1980

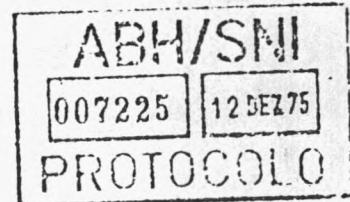
Encaminhe-se à ASI  
Em 09/05/80

*Mary*  
Afonso Augusto de Moraes  
Procurador Geral  
da FUNAI

Arquivado de  
26.5.80  
*Quin*

CONFIDENCIAL

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS  
 COORDENAÇÃO GERAL DE SEGURANÇA  
 COORDENAÇÃO DE INFORMAÇÕES



Belo Horizonte, 09 de dezembro de 1975.

- 1 — Assunto: COMUNIDADE INDÍGENA MAXACALIS.
- 2 — Origem: COSEG.
- 3 — Classificação: EXMO. SR. GOVERNADOR DO ESTADO - SNI/ABH - 4ª BDA. INF. -
- 4 — Difusão: CG/FMCG - SUP. POL. CIVIL - ARQUIVO.
- 5 — Referência: INTERNA.
- 6 — Difusão desde a origem: COSEG.
- 7 — Anexo: VIDE ITEM 10.

INFORMAÇÃO N.º 1560 / 75/COSEG.

1 - A comunidade indígena Maxacalis, em número aproximado de 500 (quinhentos) habitantes, ocupantes da área mineira, próxima aos municípios de Machacalis, Bertópolis e Umbaratiba, está passando privação de alimentação, por não contar com assistência eficiente por parte da FUNAI - Fundação Nacional de Assistência ao Índio -, causando reflexo negativo na área de Segurança Pública.

2 - O comportamento da população indígena está dividido em três fases, segundo a Infão nº 268/FM2/74, à saber:

2.1 - Primeira fase:

Antes de 1.966, quando sob a responsabilidade do S.P.I. - Serviço de Proteção ao Índio -, os índios Maxacalis, talvez à falta de um trabalho melhor orientado, vagavam, abandonados, pela região, onde se davam à prática de furtos, pilhagens e assaltos às fazendas e, ainda, ao uso de bebidas alcoólicas, num deplorável estado de

- continua -



CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(continuação da INFÃO Nº 1560/75/COSEG. fl.2)

desordem. Naquela situação era natural e razoável vivessem as populações urbana e rural da região intranquilas e temerosas.

## 2.2 - Segunda fase:

Com o advento da FUNAI, que substituiu o S.P.I., o problema indígena foi enfrentado com realismo e oportunidade, tendo a direção daquele Órgão estabelecido convênio com o Estado de Minas Gerais, sendo conferida à P.M.M.G. a administração e coordenação do Posto Indígena situado em Bertópolis/MG. Naquela ocasião, a chefia e coordenação do Posto em referência coube ao Capitão PM Manoel dos Santos Pinheiro.

Segundo expressão textual e unânime de fazendeiros e políticos, foi essa a fase áurea da região, em termos de ordem e tranquilidade, sob cujo império foi possível a todos (população urbana, rural e indígena) trabalharem ombro-a-ombro, em proveito das respectivas comunidades.

Estabeleceram-se a ordem e a disciplina indígenas. Instaurou-se um ambiente de trabalho em que os índios, voltados para o amanho da terra, produziam para a própria subsistência. Ao mesmo tempo, foram tomadas medidas com vistas a:

- a) assistência médica indígena,
- b) assistência dentária
- c) assistência complementar, em suprimentos.

Lograram-se atingir, enfim, como produto do trabalho e assistência planejados, o império da ordem e o estabelecimento da boa convivência dos índios.

- continua -

CONFIDENCIAL



CONFIDENCIAL

(continuação da INFÃO Nº 1560/COSEG/75. fl.3)

com os civilizados da região. Este período é lembrado com saudades pelos fazendeiros da região. Foi quando se criou a Guarda Indígena (GRIN), adestrada e instruída no Quartel do Batalhão Escola da P.M., a cujos serviços inestimáveis se deveu a manutenção da ordem interna das aldeias. O índio policiava o próprio índio. Este período de seis (6) anos de tranquilidade, no qual se desenvolveu um trabalho sério e abnegado na condução do problema indígena, cujos resultados foram realmente positivos.

2.3 - Terceira fase

Em 1973 o convênio da FUNAI com a P.M.M.G. foi rescindido, tendo aquela Fundação, conseqüentemente, assumido a administração do Posto Indígena.

A P.M.M.G., que coordenava o policiamento interno das aldeias, passou a exercer vigilância apenas externamente, via Destacamento de Vigilância Rural.

3 - Cumprindo determinação do Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública, o Coordenador de Operações da COSEG seguiu, em agosto/75, com destino ao municípios de Machacalis e Bertópolis, situados no nordeste do nosso Estado, com o fim de realizar levantamento da situação psicossocial da população envolvente da comunidade indígena dos Maxacalis, bem como proceder levantamento da situação sócio-econômica daquela tribo.

3.1 - Em Governador Valadares/MG, o Coordenador de Operações dirigiu-se à Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio, para contactos com o novo Delegado, Coronel Reformado da Aeronáutica CLODOMIRO BLOISE, que estranhou as medidas adotadas pela

- continua -



CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(continuação da INFÃO Nº. 1560/COSEG/75. fl. 4)

Governo de Minas Gerais sobre os índios, afirmando que o problema é da alçada do Governo Federal.

3.2 - Foi esclarecido ao Delegado Regional da FUNAI que o se visava era um levantamento geral de situação, face às reiteradas reclamações levadas pelos fazendeiros e autoridades das circunvizinhanças de Machacalis ao Exmo. Sr. Secretário da Segurança Pública.

3.3 - O Coronel Reformado da Aeronáutica CLODOMIRO BLOISE negou autorização para que se efetivasse a visita na área indígena, sob a alegação de que havia assumido recentemente aquela Delegacia e que, desejava ele mesmo proceder referido levantamento, prontificando-se a encaminhar cópia para esta Secretaria.

4 - Os índios Maxacalis estão abandonados pela FUNAI e vêm sobrevivendo à custa de furtos e assaltos que praticam por toda a região, onde vagam constantemente embriagados, trazendo para a população um clima de revolta e de intranquilidade.

4.1 - Confiantes na sua impunibilidade, os índios praticam os seus saques em plena luz do dia, não se importando em ocultar seus atos.

5 - Depois de furtar em todas as plantações de fazendas vizinhas da aldeia, os índios passaram a subtrair porcos, galinhas, patos, cabritos, carneiros e a matar e comer gado bovino.

5.1 - Estão sendo furtados, também, os animais cavalares, que são conduzidos para suas terras e quando os seus legítimos proprietários reclamam a sua devolu

- continua -



CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(continuação da INTÃO Nº 1560/COSEG/75. fl. 5)

ção, recebem a exigência de somente assim proceder mediante compensação financeira, variável de Cr\$. 100,00 (cem cruzeiros) à Cr\$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros), de acordo com o valor do animal apreendido.

- 6 - O Sr. NICANOR QUARESMA teve 27 (vinte e sete) bois abatidos pelos índios, em um período de 60 (sessenta) dias; abateram 7 (sete) cabeças de gado bovino de propriedade do Sr. FRANCISCO FIGUEIREDO, Vice-Prefeito de Bertópolis/MG, além de arrazarem as roças de mandioca, milho e feijão de seus agregados, que ficaram sem o sustento para suas famílias. Do Sr. NESTOR SALOMÃO, residente em Águas Formosas/MG, abateram 9 (nove) bovinos e, por último, abateram 3 (três) vacas de propriedade do Sr. SEVERIANO PEREIRA PENA, além de ameaçá-lo de morte, juntamente com o Sr. ANTONIO FABRÍCIO, porque os denunciaram às autoridades competentes.
- 7 - No distrito de Batinga, município de Itaaem, Estado da Bahia, alguns índios foram localizados na feira, tendo os mesmos confirmado que estavam roubando porque não tinham o que comer dentro de suas terras e as crianças estavam chorando de fome; reclamaram, também, da falta de assistência da FUNAI.
- 8 - Após ouvir mais de 60 (sessenta) pessoas, entre autoridades Judiciais, representantes de entidades de classes, Prefeitos, Vice-Prefeitos, Vereadores, fazendeiros e colonos de toda a região, concluiu-se que:
- a) a intranquilidade reinante na área desaparecerá, na medida em que o índio passar a ser assistido, orientado e fiscalizado.

- continua -



CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(continuação da INFÃO Nº 1560/COSEG/75. fl. 6)

Tais medidas são da competência da FUNAI, podendo o Estado colaborar, mediante solicitação daquele órgão;

- b) a área de Segurança Pública está bastante afetada, com vários crimes impunes, por inexistência de Delegado de Polícia em Águas Formosas/MG e municípios daquela Comarca;
- c) a FUNAI, face a gravidade da situação, já adotou as medidas preliminares, substituindo o Delegado daquele Órgão, em Governador Valadares/MG, encarregado da assistência aos índios Maxacalis.

9 - CONCLUSÃO

- 9.1 - há necessidade que o policiamento rural da área seja permanentemente instruído e orientado de modo a que possa exercer a fiscalização externa com eficiência e sem conflitos com a FUNAI;
- 9.2 - é inadiável que a FUNAI adote medidas adequadas quanto à assistência, orientação e fiscalização dos índios Maxacalis;
- 9.3 - o Comando do 6º B.P.M. deverá manter atenção especial sobre aquela área, informando ao Escalão Superior o desenvolvimento da situação;
- 9.4 - deverá ser designado, em caráter permanente, um Delegado Especial de Polícia para a Comarca de Águas Formosas/MG, com ampliação de competência aos demais municípios da Comarca.

10 - ANEXOS:

- 10.1 - Xerocópia de "O Globo", de 29 de agosto de 1975. (2 notas).

- continua -



CONFIDENCIAL



O GLOBO - 28 Ago 75

## Índios famintos saqueiam lojas de cidade mineira

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — Famintos e desesperados, temendo perder suas terras para os fazendeiros da região cerca de 200 índios maxacalis saquearam lojas e casas comerciais da cidade de Maxacalis para roubar sacas de arroz, 300 litros de cachaca e 45 dúzias de fogos de artifício, que, já embriagados e aos gritos, saltaram dentro de sua aldeia.

Temerosos de que os índios fizessem outros saques e viessem a entrar em luta com os brancos, prefeitos de cidades e comerciantes da região pediram ontem providências ao Secretário de Segurança de Minas, Coronel Venício Alves da Cunha.

Segundo os comerciantes e fazendeiros, os maxacalis estão há muito tempo sem receber qualquer tipo de assistência da Funai. Até os tratores e máquinas agrícolas que os índios poderiam utilizar estão abandonados e estragados. Revelam ainda que os índios costumam andar embriagados nas cidades próximas, sem que se saiba, entretanto, quem lhes fornece bebidas.

Funcionários da Secretaria de Segurança e policiais da PM seguem hoje para aquela região com o objetivo de fazer um levantamento completo da situação e também levando alimentos, roupas e sapatos para os maxacalis.

### Intriga

Na reserva dos maxacalis, situada numa

área de 4.000 hectares de terras férteis, no Vale do Mucuri, vivem 500 índios, que deixaram de usar seus arcos e flechas e passaram a se dedicar a atividades agrícolas, utilizando inclusive tratores. Mas desassistidos ultimamente pela Funai, passaram a negligenciar o cultivo da terra. Praticamente privados de seu meio de subsistência, entregaram-se ao vício da embriaguez, e disso se prevaleceram os fazendeiros da região para intriga-los com os habitantes da cidade — interessados em se apoderar das terras férteis do vale.

### Novo chefe

Diante do abandono em que estavam os maxacalis, a Funai decidiu afastar da direção de sua 11ª Delegacia, com sede em Governador Valadares, o secretário João Geraldo Itatutim Ruas e nomear para substituí-lo o Coronel da Aeronáutica Clodomiro Bloise, que ontem foi empossado.

Ao assumir o cargo, o Coronel Bloise anunciou que percorrerá todas as reservas indígenas sob sua jurisdição para redigir em seguida um relatório completo a ser encaminhado à presidência da Funai. Ontem à tarde ele visitou o prefeito de Governador Valadares, Hermirio Gomes, e pediu-lhe ajuda no encaminhamento de soluções para os problemas que a 11ª Delegacia da Funai terá de resolver, principalmente os que afetam os índios maxacalis.

### Funai ainda sem informações

BRASILIA (O GLOBO) — Até agora à noite a Funai ainda não havia recebido de sua 11ª Delegacia Regional, em Minas, qualquer informação sobre o saque praticado pelos índios maxacalis em casas comerciais da cidade de Maxacalis.

A falta de informações decorre da desorganização em que estava aquela delegacia, cujo chefe, João Geraldo Itatuitim Ruas, foi antecorrem substituído pelo Coronel Clodomir Bloise. O novo chefe telegrafou ontem à tarde ao presidente da Funai informando que estava se deslocando de Belo Horizonte para as aldeias dos maxacalis, no Vale do Mucuri, nordeste de Minas.

Na mensagem, o Coronel Bloise esboçava que tão logo se inteirasse da situação em que vive a tribo enviaria um relatório à direção da Funai.

### Indigenismo

O presidente da Funai, General Ismarth de Araújo, presidiu ontem a cerimônia de encerramento do curso de Antropologia, Indigenismo e Desenvolvimento promovido pela Fundação Nacional do Índio, Instituto Indigenista Interamericano e Departamento de Desenvolvimento Social e Institucional da OEA. O curso reuniu durante um mês cerca de 22 chefes de postos indígenas do Brasil e bolsistas da Colômbia, Paraguai, Venezuela, Uruguai e Peru.

Os participantes do curso decidiram valorizar o índio como indivíduo, fazendo sentir a importância cultural de seu grupo, seus valores e tradições. Foi recomendado também que se organize uma campanha nacional de caráter permanente para exaltar o valor e o respeito à cultura indígena.

## PM tenta evitar nova revolta dos maxacalis

GOVERNADOR VALADARES (O GLOBO) — A situação difícil em que vivem os índios maxacalis — passando fome, entregues ao vício da cachaca e ameaçados de perder suas terras, no Vale do Mucuri — foi debatida ontem durante uma reunião que o comandante do 6º Batalhão da Polícia Militar, Coronel Francisco Xavier, teve com a equipe da Coordenadoria de Segurança (Coseg), que se dirige às aldeias da tribo, naquele vale.

A equipe designada pela Coordenadoria, órgão da Secretaria de Segurança, tem por missão levantar os problemas mais urgentes dos maxacalis, propor as soluções que serão adotadas a curto prazo e, ainda, distribuir entre os índios remédios, alimentos e roupas.

Embora os maxacalis já tenham retornado às aldeias de Água Boa e do Pradinho, depois do saque que praticaram na cidade próxima de Maxacalis, teme-se que eles voltem a provocar distúrbios neste fim de semana, quando deverão procurar a feira popular do povoado de Santa Helena para vender seu artesanato.

A equipe da Coseg, chefiada pelo Tenente-Coronel José Fraga, coordenador de operações da Polícia Militar, pretende chegar ao

Vale do Mucuri a tempo de evitar qualquer incidente.

O novo delegado regional da Funai, Coronel Clodomir Bloise, publicou ontem nos jornais de Governador Valadares uma nota anunciando que foi desligado da Fundação seu antecessor, João Geraldo Itatuitim Ruas.

### Pobreza

Os maxacalis vivem em extrema pobreza: suas casas de pau-a-pique estão em péssimo estado; a verminose ataca crianças; e os velhos guerreiros estão enfraquecidos e doentes em consequência do vício da cachaca, que muitas vezes recebem gratuitamente de fazendeiros e comerciantes interessados em se apossar de suas terras.

Além de perseguidos pelos brancos, os maxacalis são pressionados pela guarda indígena, criada há cerca de dez anos. A guarda, formada por índios selecionados que depois adquiriram muitos vícios dos civilizados, infunde medo à tribo.

Habitados a um "status" de prestígio, os guardas indígenas não se conformam com a decisão recente da Funai de extinguir sua corporação, a fim de evitar o perigo de atritos que ela criava ao dividir a autoridade dentro dos clãs das aldeias.

"JORNAL DE MINAS" - 27 Ago 75

EXCLUSIVO

OS ÍNDIOS MAXACALIS

E SUA TRAGÉDIA

DE MISÉRIA E FÚRIA

O JORNAL DE MINAS inicia hoje uma série de reportagens sobre os índios maxacalis, localizados no Nordeste de Minas, perto do município de Bertópolis. Tentando verificar como estão vivendo os maxacalis, no posto da Funai, e seus recentes incidentes com fazendeiros e comerciantes, os enviados do JM foram brutalmente tratados pelo chefe local da Fundação e expulsos de uma das aldeias, com golpes de facão sobre o carro de reportagem. (Página 6)

Cont.

PSS 432, p. 78/117

EXCLUSIVO

# Demissão de corrupto

## devolve a esperança

### aos maxacalis



As denúncias de irregularidades na 11.ª Delegacia Regional da Funai, que controla os postes indígenas de Minas e Bahia, foram confirmadas pela demissão de João Geraldo Itatuitim Ruas, chefe desta seção, e pela instalação de uma auditoria para apurar suas contas. O novo chefe da delegacia e a Polícia Militar já estão se movimentando para investigar, no próprio posto de Maxacalis, os fatos que contribuíram para agravar, ainda mais, a miséria de uma tribo abandonada. (Página 6)

Cont. 10

# Corrupção e levam tribo



O "diplomata", entre o enfermeiro Farid e o chefe Nazareno, da Funai

calis

# o abandono à violência

(Primeira de uma série)

Vários golpes de facção sobre o carro do JORNAL DE MINAS foram a resposta dos índios maxacalis à "intrusão" dos repórteres em uma de suas aldeias, sexta-feira passada, por não terem autorização do chefe local da Funai. Esta reação, considerada anteriormente como improvável, pelas relações amistosas de que se tinha notícia entre a tribo e os brancos, demonstra a submissão dos maxacalis ao funcionário da Funai e é um sintoma de que alguma coisa não anda bem no posto indígena "Mariano de Oliveira", com relação ao propalado processo de integração da Fundação Nacional do Índio. Tal suposição foi confirmada pelo comportamento do auxiliar técnico indigenista Nazareno Martins Fontes, ao negar as recentes pilhagens dos índios a propriedades próximas à reserva, além de tentar impedir a reportagem, com receio de ver comprometida sua função de defender os interesses da tribo. Para moradores das redondezas, a atitude do funcionário reflete a miséria e o abandono em que se encontram os índios, que praticam o roubo e o saque como uma fórmula de sobrevivência. No fundo, o problema se repete: estranguladas suas terras e sua cultura pela população envolvente, os maxacalis, considerada a última tribo guerreira de Minas, estão mais uma vez reagindo contra a violação de seus direitos.

cont

55 432.1p.80/177

EXCLUSIVO

Em dois assaltos, praticados nas noites de domingo para segunda de segunda para terça da semana passada, os índios maxacalis, localizados no município de Bertópolis, no nordeste mineiro, quase divisa com a Bahia, levaram tudo o que havia em uma venda, perto da aldeia do Pradinho, a mais populosa da tribo, com mais de 200 índios. A maior parte do saque foi realizada na segunda à noite, com maior algazarra, culminando com a destruição da porta, parte do telhado e dos móveis da venda. Dentre os objetos roubados estavam pacotes de cigarros, caixas de bombons e fogos de artifício, sacas de arroz, açúcar, refrigerantes e quase 300 litros de bebidas alcoólicas, entre os quais 200 de cachaça. Segundo fazendeiros vizinhos, durante vários dias se ouviu o barulho dos foguetes e do carnaval promovido pela tribo embriagada.

Abelar Figueiredo, que mora ao lado da venda, junto com seu irmão Idalberto Figueiredo, o proprietário, presenciou os dois assaltos, sem poder fazer nada. "Eles chegaram com estacas de madeira e improvisaram uma escada, para tentar arrombar o telhado. Mas depois mudaram de idéia e arrombaram mesmo a porta. E foram corregendo as bebidas e os mantimentos. No segundo dia, eram uns 40. E não estavam mais ligando para fazer a coisa escondidos, aproveitando uma bagunça danada. Em questão de minutos, esvaziaram sete litros de pinga e levaram tudo o que tinha na venda."

Idalberto Figueiredo, o dono do prejuízo, sócio no negócio com um outro irmão, José Figueiredo, não chegou a ver a pilhagem, por estar fazendo um tratamento de dentes, na cidade de Bertópolis. Ele calcula que os danos tenham chegado à casa de seis mil cruzeiros, mas mesmo assim disse que não ia dar queixas a Nazareno, o funcionário da Funai, por achar que estaria insistindo numa causa perdida. "Não adianta telefonar com ele. Muita gente que foi vítima de roubo dos índios já tentou fazer isso, sem conseguir nada. Ele fala que não tem condição de controlar os índios, depois que mandaram embora a guarda da Polícia Militar, e que sozinho não pode resolver esses casos. Desse jeito, vamos ter que acabar mudando daqui, se ninguém tomar providências".

Uma providência que os fazendeiros da região estão preparando é um abaixo-assinado, que já contava no último fim-de-semana com 15 nomes, devendo ser entregue nos próximos dias ao governador Aureliano Chaves, pedindo proteção contra os roubos dos índios. Um dos assinantes, José Ornelas de Souza, o "Zezinho das Flores", diz que tem perdido várias cabeças de gado, além de carneiros e porcos. "Mas há outros que têm levado prejuízo maior do que o meu. O Nicanor Quaresma, por exemplo, perdeu 27 reses. Um outro fazendeiro perdeu toda a sua plantação de mandioca e assim por diante. Ninguém aqui está livre de ser roubado pelos índios".

Segundo os fazendeiros, esses roubos são praticados à noite, principalmente nos fins-de-semana, quando os maxacalis saem para as cidades vizinhas, com o fim de venderem seus produtos às comerciantes locais, cola-

res, potes de barro, flechas e outros objetos de adorno. "Mas na volta fazem o que bem entendem. Ficam bebados, arranjam confusão nas zonas boêmias e, quando retornam à aldeia, carregam tudo o que encontram pela frente. Há pouco tempo, assaltaram uma fábrica de cachaça, na Bahia, e voltaram totalmente embriagados."

**DUPLA VIGILANCIA**

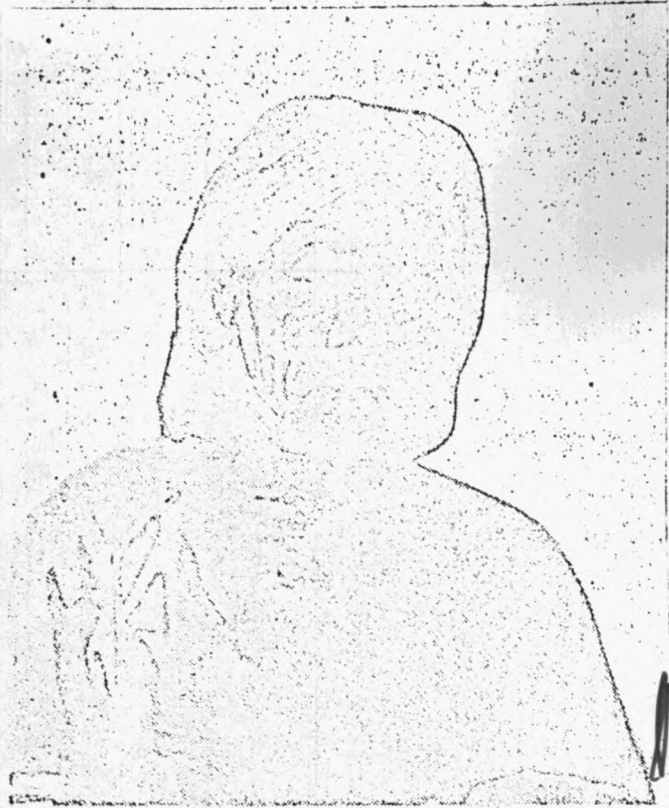
Até alguns anos atrás, as notícias divulgadas sobre os maxacalis falavam de uma convivência inteiramente pacífica com os brancos, sem conflitos de espécie alguma. E de uma integração econômica, iniciada pelo capitão Manoel dos Santos Pinheiro, da Polícia Militar, chefe da ajudância das áreas indígenas de Minas e da Bahia, no período de 1967 a 1972.

Na gestão do capitão Pinheiro, "muito amigo dos índios, mas enérgico com eles, quando era preciso", segundo moradores do povoado de Santa Helena, o mais próximo do posto indígena, havia um duplo policiamento, para evitar os conflitos entre a tribo e a população das redondezas. A Guarda Rural encarregava-se de proteger os índios contra a invasão de terras, venda de bebidas alcoólicas e outras infrações, anteriormente constantes por parte de fazendeiros e comerciantes, e a Guarda Indígena — os "grins" — formada pelo Batalhão-Escola de Belo Horizonte, com índios selecionados pelo próprio capitão Pinheiro, tinha a função de fiscalizar o comportamento dos maxacalis dentro da reserva.

Nessa época, foram introduzidos, em convênio com a Secretaria de Agricultura, tratores e ferramentas para o cultivo da terra, sementes, um rebanho bovino de 300 cabeças e, paralelamente, um sistema de produção em que o índio trabalhava para a Funai, recebendo em troca sua própria produção ou dinheiro, em caso de serviços para a comunidade, como construção de cercas, esgotos, currais, etc. O resultado das colheitas, juntamente com a criação bovina e a venda de produtos de artesanato, constituía a sustentação da tribo.

Um pavilhão, construído na sede do posto, funcionava como centro de assistência social, com uma escola para as crianças, farmácia, enfermaria e gabinete dentário. Esse último era mantido em convênio com a Faculdade de Odontologia da UEMG e era destinado a atender também à população branca dos povoados vizinhos.

Márlene Fontes de Souza, cunhada dos donos da venda assaltada e irmã do chefe Nazareno, proprietária de um restaurante na cidade de Bertópolis, lembra os "bons tempos" do capitão Pinheiro, em que ninguém precisava se preocupar com os índios. Apesar de ter sido criada entre os maxacalis, como Nazareno, ela acha que eles devem ser totalmente controlados pela polícia, para que não se repitam os fatos que estão acontecendo. "Desde que o capitão Pinheiro saiu e entrou o tal de Itatuitim, que até hoje não fez nada pelos índios nem por quem mora perto da aldeia, a situação está piorando cada vez mais. Antes, os índios trabalhavam, ganhavam roupa e comida e não pre-



Índio Adolfo: sem ilusões e sem recursos para a festa de casamento de sua filha

esavam sair roubando dos fazendeiros. Mas hoje estão completamente abandonados, na miséria, e o resultado é que ninguém mais pode viver tranquilo nas redondezas. Eu mesma morava numa fazenda, lá perto da venda, mas tive que mudar para a cidade, porque eles roubavam tudo o que a gente criava e plantava."

Quando a responsabilidade de seu irmão Nazareno, como encarregado de manter a tranquilidade entre os índios e os moradores vizinhos ao posto, ela não o culpa.

"Ele não pode fazer nada sozinho, ficou sobrecarregado depois que tiraram o policiamento e demitiram vários funcionários. Até o Miguelzinho e o Lourenço, que sempre viveram com os índios, estão agora afastados.

E os índios aproveitam para fazer o que querem, porque sabem que ninguém pode fazer nada com eles".

A substituição do capitão Pinheiro por João Geraldo Itatuitim Ruas, um índio juruna, de nascimento, o primeiro a ocupar um alto posto na Funai, trouxe, de fato, uma série de mudanças. A primeira delas foi a transformação da ajudância dos territórios indígenas de Minas e da Bahia na 11ª Delegacia Regional da Funai, com a mudança da sede de Belo Horizonte para Governador Valadares. Depois, o fim do policiamento das guardas Rural e Indígena. E, finalmente, segundo moradores vizinhos ao posto, o completo abandono dos maxacalis, inclusive com supressão das verbas destinadas à alimentação, roupas e medicamentos dos índios.

Esse "sumiço" das verbas é denunciado por vários comerciantes, que durante muito tempo forneceram mantimentos à Funai, para serem cucarminhados aos índios, e não receberam o pagamento pelas mercadorias. Um deles, Onofre Rodrigues Souza, conta que manteve esse tipo de fornecimento durante três anos e recebeu apenas nos primeiros meses. E comenta: "Dizem que a Funai tem uma verba para isso, mas o fato é que ninguém sabe para onde vai".

POSIÇÃO DELICADA

Antigos habitantes do Médio Jequitinhonha, os índios maxacalis têm antecedentes cheios de tradições e acontecimentos trágicos. Expulsos inicialmente de seus territórios por tribos inimigas, eles foram seguidamente tocados de suas áreas pelos invasores brancos, até chegarem ao Vale do Mucuri, no nordeste de Minas, onde o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), em 1940, criou a reserva atual, junto ao posto "Mariano de Oliveira", com uma área de 178 alqueires. Contudo, a extinção da caça e pesca da região, a perda de grande parte de seus costumes, os vícios e doenças contrai-dos no contato com os brancos. Ilizaram com que eles chegassem a uma situação de desespero, estrangulados biologicamente e culturalmente. Desse estado crítico surgiram os conflitos com os fazendeiros, sempre a espreita de suas terras "devolutas", a embriaguez, como uma necessidade criada pelos próprios

brancos, e os constantes roubos de gado e mantimentos, como fórmula de sobrevivência e manifestação de luta — há muito tempo perdida — pelos seus direitos.

A aparente tranquilidade conseguida na gestão do capitão Pinheiro, quando eram policiados e integrados num processo de produção dirigido e fiscalizado pela Funai desapareceu nos últimos anos, cessado o aparelho de controle da Fundação, substituído pelo abandono, na chefia do "índio" Itatuitim. E mais uma vez, com uma certa liberdade de exprimir sua revolta, vêm à tona os conflitos com a população envolvente, e os fazendeiros se colocam como vítimas de "invasões e saques dos selvagens".

Nazareno Martins Pontes, de 37 anos, criado pelos maxacalis e funcionário do SPI desde os 12, e o encarregado atual da Funai para evitar esses conflitos, com a dupla função de proteger os índios e a população dos povoados vizinhos. Contudo, segundo moradores de Santa Helena, Maxacalis e Bertópolis, ele não tem se preocupado em controlar os constantes saques dos índios nem em verificar as condições sub-humanas em que vivem os maxacalis.

A recepção que deu à reportagem do JORNAL DE MINAS, na cidade de Maxacalis, onde mora, dizendo que não era permitida a entrada de qualquer pessoa na reserva indígena sem "ordens superiores", apesar de ser o chefe local da Funai, e negando o recentes contratempos entre os índios e fazendeiros, sugere uma posição muito delicada.

Chegou a dizer que há muito tempo não há reclamações dos fazendeiros contra os índios, porque eles estão vivendo muito bem.

A preocupação de Nazareno em evitar que se verificassem as condições de vida dos índios maxacalis acentuou-se, a ponto de seguir os repórteres com um jipe, em direção ao povoado de Santa Helena, próximo ao posto indígena, e de impedi-los, com um revólver na cintura e acompanhado de outros funcionários da Funai, de irem até a aldeia "Água Boa", a pedido do índio Adolfo, o "diplomata", para tirar uma fotografia de sua filha, que iria casar-se no dia seguinte.

Ele tentou ainda evitar que fosse entrevistado o dono da venda assaltada, perto da aldeia do Pradinho obrigando o carro de reportagem a uma volta pelas cidades de Bertópolis e Amburantinha, no intuito de que se desistisse do assunto.

Mas foi na aldeia do Pradinho que se confirmou plenamente seu medo de serem reveladas as condições de vida dos maxacalis e o controle que exerce sobre eles, quando, ao verificarem que os repórteres não levavam uma ordem por escrito de seu chefe branco, apesar de uma recepção festiva e amistosa, os índios os expulsaram, com golpes de facão sobre o carro de reportagem, obedecendo possivelmente a uma orientação do funcionário da Funai.

No capô do carro de reportagem, a marca do primeiro golpe de facão, na aldeia do Pradinho

Reportagem e texto: Jurani Garcia  
Fotos: José Alencar

# MAXACALIS

## Fazendeiros se dizem vítimas e ameaçam matar índios

(Segunda de uma série)

A situação atual de miséria e abandono dos índios maxacalis, no Nordeste de Minas, a ponto de levá-los a constantes saques, nas fazendas e povoados próximos à sua reserva, como forma de sobrevivência e contestação pela violação de suas terras e modo de vida, não constitui um caso diferente na história dos índios brasileiros, espoliados pela população branca desde os primeiros contatos com a civilização européia. Contudo, o que chama a atenção, no caso dos maxacalis, é a inversão, historicamente absurda e contestada por antropólogos e pesquisadores, dos autores das invasões e violações, sempre presentes nas relações entre brancos e índios: na área de Maxacalis, os fazendeiros se consideram vítimas de desrespeito e roubo, por parte dos índios, chegando ao ponto de enviar ao governo mineiro um manifesto, assinado pelos prefeitos e vereadores das cidades próximas, pedindo um rígido policiamento para o posto indígena, como única solução para o impasse. O rancor é tão grande que já se fala na morte de índio, como único meio para que ele não incomode. Ao que os maxacalis, segundo moradores vizinhos à tribo, estariam dispostos a responder com os mesmos métodos.

Os recentes assaltos que os índios maxacalis estão praticando na área envolvente ao posto indígena "Mariano de Oliveira" e os protestos dos fazendeiros e comerciantes locais não constituem uma situação nova. Desde que se sentiram ameaçados pelos posseiros, sempre à espreita de suas terras, esses conflitos já existiam. E agravaram-se com a extinção quase total da caça e da pesca da região, o que contribuiu para dificultar ainda mais suas condições de sobrevivência.

A pedido do antigo Serviço de Proteção ao Índio, em 1967, a PM de Minas passou a fiscalizar a área da reserva, sob o comando do capitão Manoel dos Santos Pinheiro, que assumiu a chefia da ajudância da Funai, responsável pelas áreas indígenas de Minas e da Bahia. Através de um duplo policiamento — a Guarda Rural e a Guarda Indígena — o capitão Pinheiro conseguiu extinguir quase totalmente os conflitos entre os maxacalis e os moradores das redondezas, punindo as infrações de ambas as partes. Fazendeiros de Santa Helena, o povoado mais próximo ao posto indígena, contam que ele era rigoroso tanto com a população local como com os índios.

Sua primeira providência foi expulsar os fazendeiros que arrendavam terras dos maxacalis, através do SPI, a pedido dos próprios índios, que temiam perder suas propriedades. E, através de prisões e ameaças, conseguiu fazer com que os comerciantes parassem de vender cachaça aos índios, como exige a própria Funai. Do lado dos maxacalis, conta-se que, em caso de roubos, ele pagava o prejuízo à pessoa que fosse dar a queixa e, depois de descobrir os infratores, obrigava-os a trabalhar, dentro da reserva, até que a quantia roubada fosse recuperada, através de uma diária de serviço.

Ao lado desse rígido policiamento, o capitão introduziu entre os índios tratores, sementes, ferramentas agrícolas e

um sistema de produção em que cada maxacali era obrigado a trabalhar para ter sua própria alimentação, sob a fiscalização da Guarda Indígena.

Esta situação de segurança e controle das atividades dos maxacalis era muito bem recebida pela população envolvente à reserva, que até hoje comenta os "bons tempos em que ninguém precisava de se preocupar com os índios".

### ABANDONO

Com a substituição do capitão Pinheiro por João Geraldo Itatuitim — substituído no cargo antecutem pelo coronel da Aeronáutica, Clodomiro Bloise, anteriormente na 8.ª Delegacia Regional da Funai, em Porto Velho, e chamado a Brasília, onde foi instalada uma auditoria para apuração de suas contas — os conflitos voltaram, pouco a pouco, até se repetir a mesma tensão anterior entre índios e brancos.

Retirado o policiamento da PM e da Guarda Indígena e a obrigação de trabalhar sistematicamente, sob fiscalização, os maxacalis voltaram ao seu estilo de vida livre e despreocupado, que iria refletir em pouco tempo em suas condições de sobrevivência. O que aconteceu mais depressa do que se esperava, com o abandono da tribo, por parte da Funai, inclusive com supressão de verbas e ajuda em alimentação, vestimentas e remédios, como atestam moradores vizinhos à reserva.

Em maio de 1974, apenas dois anos depois de Itatuitim ter assumido o cargo, os prefeitos e vereadores de Bertópolis, Maxacalis e Águas Formosas enviaram um manifesto ao ex-governador Rondon Pacheco, pedindo providências para conter os assaltos dos índios:

"Os índios vagam sem rumo por toda a região, completamente embriagados, enquanto o mato torra conta de suas antigas roças. Ultimamente, estão roubando porcos, galinhas, roças de milho, feijão, arroz e até mesmo algumas cabeças de gado bovino, que abatem para apalcar a fome. As reclamações dos prejudicados estão sendo apresentadas aos responsáveis pelos índios, que nada fizeram até esta data".

### AMEAÇAS

Os recentes acontecimentos referentes aos índios maxacalis, envolvendo assaltos constantes às propriedades vizinhas ao posto "Mariano de Oliveira", provocados pelo estado de miséria e revolta em que se encontram, abandonados pela Funai e sem os meios de sobrevivência que a região, envolvida pelos fazendeiros, não mais oferece, levaram os fazendeiros a prepararem um novo abaixo-assinado, que deverá ser entregue nos próximos dias ao governador Aurélio Chaves, e a ameaças de tomarem suas próprias providências, para conterem os índios. Comenta-se, inclusive, entre a população de algumas cidades próximas, na morte do índio como única solução para o caso. Ao que, segundo moradores de Santa Helena, os maxacalis estão prontos a reagir, da mesma maneira, caso algum índio seja morto pelos brancos.

A expulsão dos repórteres do JORNAL DE MINAS da aldeia do Pradinho, próxima à cidade de Ambruninha, com golpes de facão sobre o carro de reportagem, na última sexta-feira, reflete esse clima de tensão, em que os índios se vêm cada vez mais estrangulados, em sua cultura e seus direitos, como os primeiros donos da terra. Principalmente depois de cessada a ajuda da Funai, a que ficaram acostumados por alguns anos e passaram a considerar como uma obrigação das autoridades.

Reportagem e texto: Jurani Garcia  
Fotos: José Alcencar



A demissão de João Geraldo Itatuitim Ruas da chefia da 11.ª Delegacia Regional da Funai, responsável pelas áreas indígenas de Minas e da Bahia, veio comprovar as denúncias de anormalidade dentro da Fundação, que contribuíram nos últimos anos, para agravar a situação de miséria e abandono dos índios maxacalis. O novo ocupante do cargo, o coronel da Aeronáutica, Clodomiro Bloise, prometeu investigar imediatamente as irregularidades, com vistorias de todos os postos indígenas em questão. Junto à demissão de Itatuitim, foi instalada em Brasília uma auditoria para apuração das contas de sua administração, na qual os maxacalis, cada vez mais estrangulados pela pressão da civilização branca, chegaram a uma situação de desespero, com perigo iminente de se agravarem seus conflitos com os fazendeiros locais.



# MAXACALIS

" J M " - 29 Ago 75



## Demissão de funcionário da Funai confirma abandono de uma tribo condenada

Cont.

O atendimento de terras da reserva — através do SPI — pelo qual vários criadores de gado iam se aposando de suas áreas de pastagem, após o término dos contratos com o Serviço de Proteção ao Índio, é também um forte motivo de revolta dos maxacalis. Esses fazendeiros chegaram, certa vez, a requerer as terras da aldeia do Pradinho, a maior da tribo, como "devolução", fato que provocou tamanha tensão entre índios e portugueses que ambas as partes chegaram a se armar para a luta. O conflito só foi evitado porque o topógrafo encarregado de fazer a medição do terreno achou por bem convencer os fazendeiros a desistirem da ideia.

O professor e etnólogo Marcos Rubinger, que morou durante um ano entre os maxacalis, cita em seu livro "Projeto de Pesquisa Maxacali" uma série de fatos que levou a tribo às suas condições de vida atuais:

"Diversas tribos que habitavam a região, muitas delas próximas dos maxacalis, desapareceram com a penetração da sociedade brasileira, nos primeiros tempos de nossa história. A área assistiu, pois, a inúmeros processos de desdistribuição, marginalização e outras ações compulsórias".

Citando Oiliam José, Rubinger frisa: "Através de cinco meios principais, o branco varreu de grande parte do território mineiro os principais senhores do mesmo: o truncamento do indígena, a tuberculose, a aguar-dente, a sífilis e a varíola."

"É interessante notar que, pouco antes de começar a colonização da região, os maxacalis possuíam quatro aldeias e ocupavam um território de mais de dez léguas por dez. Uma epidemia de varíola reduziu estas quatro aldeias a uma única, nas margens dos Umburanas, onde um surto de sarampo veio a fazer mais vítimas. Nesse interim, houve penetração no território tribal pela compra ilegal de terras. Com o desaparecimento das matas, de onde os índios tiravam sua subsistência, o grupo reduziu-se ainda mais."

"Hoje, a sociedade maxacali é totalmente sedentária e impossibilitada de locomover-se, não só pela sua atividade agrícola, mas também pela ocupação das terras contíguas pela sociedade brasileira."

Marcos Rubinger termina seu trabalho sobre os índios, citando o antropólogo Levi-Strauss, no que ele chama de "motivo irresistível para o estudo da sociedade maxacali": "Embora permanecendo na história, essas sociedades parecem ter elaborado ou retido uma sabedoria particular, que as incita a resistir desesperadamente a toda modificação da sua estrutura, o que permitiria a história fazer interrupção em seu seio. As que tinham, ainda recentemente, melhor protegidos os seus caracteres distintivos, afiguram-se como sociedades inspiradas pela preocupação dominante de perseverar em seu ser."



A história dos maxacalis, como a de todas as tribos indígenas brasileiras que já passaram por um contato mais prolongado com a civilização branca, é cheia de experiências amargas. Várias vezes tocados de seus territórios por desmatamentos, ocupação dos posseiros e mesmo por tribos inimigas, eles chegaram à área que habitam hoje já contaminados por vícios e doenças, contraidos dos brancos.

Os 400 maxacalis que sobrevivem no posto indígena "Mariano de Oliveira", demarcado oficialmente pelo antigo SPI em 1940, têm pela frente amargas perspectivas.

Extintas a caça e a pesca da região e adquiridas muitas necessidades próprias da sociedade envolvente, eles dificilmente voltarão a seu estilo de vida tribal, principalmente com a determinação da Funai de integrá-los como mão-de-obra agrícola.

Os constantes conflitos entre os maxacalis e proprietários de fazendas e casas de comércio dos povoados vizinhos, acentuados ultimamente pela falta de assistência da Funai, refletem uma situação de desespero e revolta. Principalmente se lavados em consideração alguns antecedentes, em que se viram violentados em seus direitos, como os primitivos donos da terra.

Uma dessas experiências, que eles não esquecem, é a tragédia em que morreram dezenas de maxacalis, por terem usado roupas contaminadas de varíola, dadas, de "presente" por posseiros, que queriam se apoderar de suas terras. De outra feita, um índio foi morto por um fazendeiro, também por motivo de invasão de terras, fato contado por moradores vizinhos à aldeia.

Apesar de terem grande parte de sua cultura, pelo contato com a civilização branca, os maxacalis ainda conservam certas características e hábitos bastante próprios.

Um deles é não gostarem de morar em casas — construídas na época em que o capitão Manoel dos Santos Pinheiro chefiava a 11ª Delegacia Regional da Funai; responsável pelas áreas indígenas de Minas e da Bahia. Entre os motivos para preferirem suas chôças, de sapé, é o velho hábito de quemá-las; quando morre um membro da família, segundo conta Oto Carlos Pontes, que morou durante sete meses com eles, como funcionário da Funai.

As mulheres sempre trabalham mais do que homens, principalmente nos afazeres domésticos e na confecção de potes, redes, colares e outros produtos de artesanato. Esta condição das mulheres terem mais responsabilidades é refletida até na condição do parto, continuam cumprindo normalmente suas funções, enquanto o marido fica de resguardo.

Os maxacalis praticam uma agricultura rudimentar, baseada na cultura de milho e mandioca. Apesar de quase extinta a fauna de subsistência da região, gostam de pescar, como trabalho e diversão, principalmente à noite, utilizando flexas e um facho, para localizarem os peixes. O fato de não gostarem do trabalho, como uma obrigação, foi bastante sentido pelos funcionários da Funai, quando produziam seu próprio sustento, fiscalizados pela Guarda Indígena. Encarregados da Fundação contam que eles sempre procuravam uma maneira de escapar às tarefas obrigatórias. "Nos serviços de plantio, isto era muito comum. Eles amavam, quando o sol começava a esquentar, e voltavam à tardinha, como para assinar o ponto". Essa aversão ao trabalho na agricultura, principalmente sob fiscalização, é explicada também pelo fato de nunca terem sido essencialmente agricultores, mas caçadores e coletores.

Segundo o ex-funcionário da Funai, Oto Pontes, os maxacalis são como crianças. "Eles têm muito amor com quem lida com eles, desde que não sejam ofendidos. E nunca são traiçoeiros. Quando há alguma desavença, com os brancos ou entre eles mesmos, pintam a cara de vermelho, para demonstrar sua raiva".

Uma dessas demonstrações ocorreu há pouco tempo, na escola que funciona no posto, quando todas as índias chegaram à aula de cara pintada, por terem descoberto que uma delas estava se prostituindo com os brancos, e quiseram linchá-la.

Em outra ocasião, dois índios tiveram um atrito, por causa de um roubo, e, no dia seguinte, as famílias dos dois apareceram com a cara pintada, para se defrontarem, e só não houve luta entre elas por causa da intervenção do chefe da aldeia.

Os maxacalis gostam muito de cantar e dançar. Suas festas sempre acompanhadas de cachaça, costumam durar a noite inteira. Eles aprenderam também a jogar futebol e, segundo funcionários da Funai, na época da administração do capitão Pinheiro, era difícil fazê-los abandonar uma "pelada".

#### VIOLENTAÇÃO

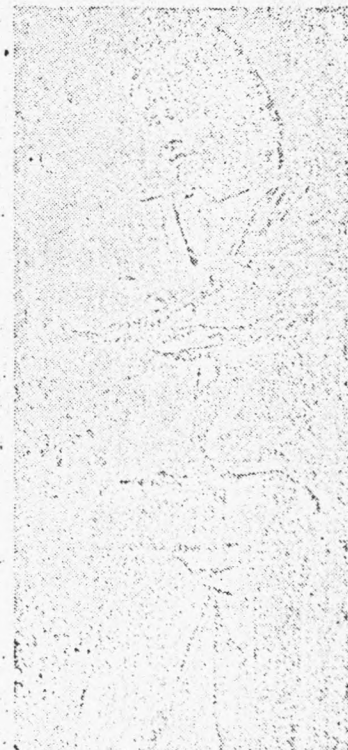
O contato inevitável com a população branca, pelo cerco de suas áreas e frequentes incursões de fazendeiros, posseiros e comerciantes, fez com que os maxacalis perdessem muitos de seus costumes e adquirissem hábitos próprios da sociedade envolvente, relativos ao processo de produção e à vida em comunidade.

A própria atuação da Funai, com a introdução de métodos de trabalho e repartição de bens, característicos de nosso sistema econômico, tem contribuído para que eles abandonem, cada vez mais, seu estilo de vida comunitário. Cada índio já tem sua própria roça e sua própria produção, contrariando o próprio estilo de vida tribal. A sua integração, como mão-de-obra agrícola e assalariada, como pretende a Fundação Nacional do Índio, será a extinção de seu sistema econômico primitivo.

Contaminados por vícios e doenças, submetidos e entregues a condições mínimas de sobrevivência, os maxacalis vêm sentindo nos últimos anos o maior peso de sua miséria, pelo abandono da Funai, que, depois de acostumá-los por um tempo a

uma ajuda de alimentação e uma certa assistência social, passou a subtrair essa contribuição, a ponto de deixá-los em situação de desespero, como atestam os recentes saques às propriedades vizinhas ao posto "Mariano de Oliveira".

A demissão de Itatullim Ruas da 11ª Delegacia Regional da Funai e a instauração de uma auditoria em Brasília para apurar suas atividades no cargo provam que algo de podre estava acontecendo dentro do órgão responsável pela proteção dos índios.



Reportagem e texto: Jurani Garcia  
Fotos: José Alencar

# Índios mineiros continuam esperando uma vida melhor

EDITORIA DE PESQUISA

Os maxacalis ou machacalis, também conhecidos por maxacaris, são incluídos no ramo dos botocudos, embora haja divergências entre antropólogos a respeito de sua origem étnica.

O antropólogo Marcos Magalhães Rubinger, que estudou a tribo por muito tempo e escreveu uma monografia sobre eles, não os classifica nem entre os gês nem entre os tupis.

Linguisticamente, os maxacalis parecem estar ligados ao grupo Macro-Gê. Eles falam uma língua própria, de poucas palavras, quase todas de som nasalado, o que os leva quase sempre a formar termos compostos para se referir a coisas e fatos não existentes em seu vocabulário.

Antigamente, os maxacalis habitavam o Este de Minas, na região do Médio Jequitinhonha, mas, no início do século 19, sofreram perseguição por parte de outras tribos, os macaniquês e poijichês, refugiando-se então na região dos Maconis, índios agricultores que viviam a 60 quilômetros de Minas Novas, no lugar antigamente conhecido por Quartel do Alto dos Bois.

Olliam José, em seu livro "Índigenas de Minas Gerais", afirma que, em 1910, o alferes Julião Fernandes Leão, comandante da recém-criada 7.ª Divisão, do Jequitinhonha, já empregava os maxacalis em obras públicas, na construção de uma estrada margeando o rio e que deveria sair em Belmonte, na Bahia, servindo de ligação entre os sertões de Minas Novas e o mar.

O primeiro a encontrar os maxacalis, entretanto, foi o Mestre de Campo João da Silva Guimarães que, à frente de uma bandeira, teve de enfrentá-los, perdendo na luta o seu irmão, desistindo, por isso, de continuar em busca das cabeceiras de São Mateus, preferindo ir para as margens do rio Doce, conforme relato de F. Freire, citado pelo antropólogo Curt Nimuendaji.

Naquele tempo, os maxacalis eram milhares, mas as lutas contra as outras tribos e contra o homem branco, além dos vícios e doenças contraídos em seu contato com os "estrangeiros" acabaram por diminuir a tribo, reduzindo-a a algumas centenas apenas.

## Ressurreição

Em 1959, alguns repórteres de Belo Horizonte estiveram em Maxacalis, encontrando ali umas duas centenas de índios, espalhados nas aldeias de Pradinhos de Água Boa, na reserva criada pelo Serviço de Proteção aos Índios, em 1910.

Nesta época ainda vivia um dos ve-

lhos pajés maxacalis, o índio Duzé, de quase 100 anos de idade, todo coberto de cicatrizes e um dos últimos guardadores das tradições da tribo. O resultado da visita foi uma reportagem com o título: "Presos a lendas e mistérios, desaparecem os últimos índios de Minas".

Em 1961, Marcos Rubinger esteve quatro meses entre os maxacalis, publicando um "Projeto de Pesquisa Maxacali" que, juntamente com o trabalho de Curt Nimuendaji e do americano Haroldo Popovitch para o Summer Institute, são as melhores fontes de referência para o estudo do povo maxacali.

Em 1962, ele voltou à região com alguns alunos, realizando novas pesquisas e, nesta época, a tribo já estava reduzida a apenas 185 pessoas. A desagregação dos índios era completa e a bebida provocava brigas entre eles mesmos, enquanto suas terras sofriam invasão dos posseiros. Os próprios agentes do SPI eram os primeiros a difundir o uso da "Kaidibók" — cachaça, entre os índios.

A salvação da tribo veio com os abas-largas, a polícia rural de Minas, que acabaram com a invasão dos posseiros, fizeram diminuir o uso da cachaça e passaram a superintender uma escola dentro da reserva. Dentro em pouco, os maxacalis tinham um trator trabalhando em suas terras, tendo sido feita, em 1970, uma promessa de entrega de gado bovino para criação na reserva.

## Cultura

Embora grande parte de sua cultura tenha se perdido, à medida em que eles iam se "integrando" à civilização, os maxacalis conservam ainda alguma coisa de suas tradições.

Para eles o sol e a lua são irmãos, já tendo vivido na terra como os próprios índios. A lua era muito má e enterrou viva a própria mãe. O sol descobriu o crime e devorou a irmã por vingança. Ele não queria deixar nenhuma marca de sangue, mas uma ficou e se transformou na lua que fica andando pelo céu a reclamar do irmão "porque ele não a salvou da onça", sem saber que ele era a própria onça.

O seu deus principal era Kakiuri, diante do qual se realizavam os casamentos numa cerimônia rápida de dez minutos. Os outros deuses são Inhamik-chu, Puteasit, Kumanchu, Inhamikui e Enkuschek, o espírito dos mortos, que tanto pode ser bom como mau, quando recebe o nome de "Enkuschek-Kbô".

As mães têm verdadeira adoração pelos filhos e não existe adultério entre eles. Não há poligamia, mas o casamen-

to não é indissolúvel, pois os casais se separam em caso de incompatibilidade sem prejuízo de outros matrimônios futuros.

Embora haja casais brancos, o governo da família cabe à mulher, a figura mais importante da sociedade maxacali, a tal ponto que os crianças chamam o pai de "o homem de minha mãe" e o avô de "o homem da mãe de minha mãe".

Embora os crimes sejam raros atualmente, os costumes maxacalis exigem que o assassino de um familiar ou amigo pague com a própria morte. Ele tem que ser morto, pois o espírito do amigo ou familiar não descansará enquanto o seu assassino estiver vivo.

## Problemas

Apesar da aculturação, os maxacalis podem ser considerados uma etnia entre a maior parte dos índios brasileiros que vivem em pequenas reservas. Apenas 20 por cento deles, falam português, geralmente homens adultos, apesar da tribo já utilizar tratores no cultivo de milho, arroz, mandioca, cana e feijão, possuindo também 300 bois e vacas em suas pastagens.

O antropólogo Saul Alves Martins afirma que os maxacalis são de uma mansidão extraordinária. "Na vida tribal, diz ele, os homens são extremamente passivos em relação à mulher, que dirige toda a vida da família. Aos homens cabem apenas os encargos de caçar e plantar". Apesar de sua mansidão, entretanto, os maxacalis continuam temendo e fugindo do homem branco, em razão dos problemas que tiveram com ele ao longo da história da tribo.


O empenho da FUNAI não impede que teimem em invadir suas terras, sempre criando problemas para o seu atual delegado em Minas, João Geraldo Itaitim Ruas, um índio juruna, o primeiro a ocupar um cargo de chefia da entidade no Estado.

Em entrevista no começo de 1973, ele dizia: "Felizmente, nenhuma estrada importante corta a terra dos índios. A região é servida apenas de estradas vicinais que os próprios índios utilizam para escoar suas mercadorias. Estradas são um grande problema, pois o índio resiste a qualquer tentativa de lhes tirar um metro que seja de sua propriedade".

Mas o problema continua existindo na Reserva "Mariano Pinheiro" e os posseiros estão sempre procurando se apossar de algum pedaço de terra dos quase quatro mil hectares que constituem o território indígena.

TELEGRAMA


Nome e cargo do Expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços.

 MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI			CARIMBO DA ESTACAO HORAS MINUTOS SEGUNDOS OPERADOR
Preambulo Espécie OFICIAL Origem... GTR...	Número... 71 Palavras... 200	Data 16.11.81... Hora 18.10 Via a seguir	HORA DA TRANSMISSAO OPERADOR
INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS			OPERADOR
Endereço SR SUP ADM - ( CÓPIA ACS ) UU			OPERADOR
TEXTO A TRANSMITIR Nº 1095/11ª DR DE 16 11 81 PT INFORMO V.Sª ACABO RECEBER TELEFONEMA SUCURSAL "O GLOBO" BH VG SOLICITANDO INFORME SOBRE SITUAÇÃO ÍNDIOS MAXACALI VG EM VIRTUDE DENUNCIAS FORMULADAS FED AGRICULTURA-MG VG FAZENDEIROS REGIÃO CITADO PI VG SOBRE SAQUES VEM SENDO PROVOCADOS ÍNDIOS VG ET QUE ESTARIAM ENCAMINHANDO MEMORIAL MINISTROS INTERIOR VG JUSTIÇA ET OUTROS VG ALÉM FUNAI ET GOVERNO ESTADO PT DENTRE FAZENDEIROS VG ESTAVA PRESENTE SR VALDEVINO DA SILVA CABRAL VG QUE ESTEVE RECENTEMENTE ENVOLVIDO AGRESSÃO ÍNDIO CUJOS FATOS ESTÃO SENDO APURADOS POL FEDERAL PT ACUSAM AINDA QUE ÍNDIOS ESTARIAM PASSANDO NECESSIDADES CUJA AFIRMAÇÃO NÃO TEM NENUMA PROCEDENCIA HAJA VISTO IMPLANTAÇÃO PROJETOS DESDE MEADOS 1980 ET COM APLICAÇÃO RECURSOS DA ORDEM DE R\$ 16.000.000,00 ATÉ 1982 VG ALÉM PRESENÇA CAMPO ANTROPÓLOGA NELI FERREIRA NASCIMENTO VG UFJF VG ALÉM PSICÓ			
Assinatura ou rubrica do expedidor			

Mod. 137 - Bl. 50x4 - 148x210

TELEGRAMA

Nome e cargo do Expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços.

 MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI			CARIMBO DA ESTACAO HORAS MINUTOS SEGUNDOS OPERADOR
Preambulo Espécie OFICIAL Origem...	Número... Palavras...	Data... Hora... Via a seguir	HORA DA TRANSMISSAO OPERADOR
INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS			OPERADOR
Endereço CONTINUAÇÃO ...			OPERADOR
TEXTO A TRANSMITIR Nº DE LOGA VG ACADÊMICOS ÁREA CIÊNCIAS SOCIAIS VG TEC AGRÍCOLA ET INDÍGENISTAS PT QUANTO SAQUES ALEGADOS VG JAMAIS FORAM FEITAS QUALISQUER COMPROVAÇÃO BEM COMO SITUAÇÃO MAXACALI TEVE SENSÍVEL MELHORA APÓS IMPLANTAÇÃO PROJETOS VG RESULTADOS ESSES OCASIONAMENTE COM PROMETIDOS FORNECIMENTO ALCOOL SEM QUE AUTORIDADES LOCAIS TENHAM ADOTADAS MEDIDAS COERCITIVAS QUE FOGEM COMPETENCIA FUNAI POR ESTAR FORA SUA JURISDIÇÃO PT			
Assinatura ou rubrica do expedidor CARLOS ROBERTO GROSSI Delegado 11ª DR-FUNAI			

Mod. 137 - Bl. 50x4 - 148x210

OF. Nº 011/CONFIDENCIAL/11ª DR/81.

Delegado da 11ª DR.

24.11.81

Sr. Diretor do D.G.O. - Brasília.

Encaminhamento ( faz ) .

Senhor Diretor ,

Em atendimento às orientações de V. Sª. , encaminhamos anexo, exemplar de "Diário do Comércio" , com notícias a respeito da área Maxacali.

Na oportunidade, consoante informações prestadas em nosso Radiograma nº 1.095/11ª DR de 16.11.81 dirigido à ACS, esclarecemos o seguinte:

1 ) A ação da Polícia Federal teve por objeto a apuração da agressão a que foi vítima o índio Arquílio Maxacali, deficiente físico, brutalmente espancado pelo empregado do Sr. Valdevino da Silva Cabral;

2 ) O índio agredido não participou de qualquer "ataque" à propriedade do Sr. Cabral e além de deficiente físico (atrofia do braço) estava caído e embriagado, impedindo, mais ainda, qualquer defesa;

3 ) Acreditamos que a ofensiva do Sr. Cabral tem por objetivo neutralizar os efeitos da apuração do inquérito policial pois, na agressão, foi utilizada uma arma, de sua propriedade, além de outras armas de grosso calibre encontradas na propriedade;

Ⓣ

4 ) As acusações de que os índios teriam abatido, ao longo dos últimos 5 anos, 173 cabeças de gado, são mera especulação, pois não existe qualquer denúncia formal nem apuração das acusações;

5 ) Inverdades maiores são ditas pelo fazendeiro quando diz que a FUNAI nada tem feito pois, contando no campo com pessoal de alto gabarito, tais como, Antropólogo (UJF), Psicólogo, Acadêmicos de Ciências Sociais, Téc. Indigenismo, Linguistas, Pessoal Administrativo e Operacional, a FUNAI tudo tem feito para minimizar a situação do Maxacali que, não temos escondido, e grave e merece todo nosso esforço e atenção;

6 ) Que a partir da instalação do Projeto de Desenvolvimento Comunitário, em meados de 1.980, os problemas do Maxacali têm sido atenuados e reduzidos a intensidade dos conflitos.

7 ) Que, os dois fazendeiros citados na entrevista realmente têm sido os mais prejudicados, haja visto a indisposição natural dos Maxacali com aqueles que têm cometido violência, físicas e morais, contra esse povo, além do fato de alegarem que fazenda do Sr. Cabral estar dentro da área indígena;

8 ) Que, todo esforço vem sendo feito no sentido de minimizar o efeito do álcool bem como dificultar sua obtenção, haja visto as constantes operações de fiscalização pela polícia bem como as medidas internas de implantação da cantina, Moeda Interna, atividades de lazer, enfim, tudo que possa ocupar o índio por maior espaço de tempo possível;

9 ) Quanto a alegação de que os índios estariam famintos e que esta razão determinaria os furtos, são totalmente infundadas, pois a comunidade, a elevados custos para o Governo, vem sendo suprida de produtos essenciais, condicionado ao plano de trabalho;



10 ) Que os abatos têm um fundamento maior que o simples furto, pois, conforme estudos já feitos, o saque e o roubo, são atividades valorizadas dentro da cultura Maxacali, além de, culturalmente, serem índios caçadores e coletores e como natural, atualmente carentes de proteína animal;

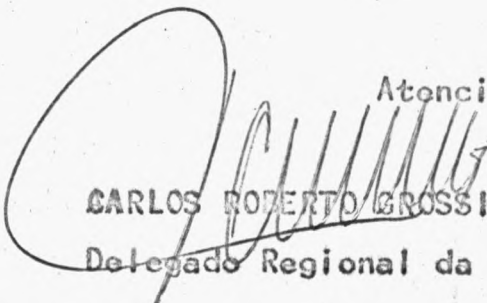
11 ) Que para minimizar estes efeitos, estamos construindo tanques e açudes para criação de peixes, bem como tentando introduzir, em pequena escala, a criação de patos para suprir tais deficiências;

12 ) Que a situação dos Maxacali já é conhecida de todas as Administrações, desde o SPI, bem como por boa parte da Comunidade Científica, como irreversível cuja afirmativa está sendo demonstrada não ser verdadeira, pelos resultados até agora obtidos.

Certos de que o assunto será levado à consideração superior, manifestamos nesta oportunidade nossa confiança de que merecerá a atenção de que sempre foi objeto o assunto e, aproveitamos para sugerir que o Exm<sup>o</sup> Sr. Presidente da FUNAI, em qualquer época, nos proporcionasse a oportunidade de acompanhá-lo em visita à área Maxacali, onde poderia verificar in-loco a veracidade dos fatos alegados.

Sendo o que se apresenta para o momento e contando com os subsídios que poderão ser acrescentados por V. S<sup>a</sup>, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente



CARLOS ROBERTO GROSSI

Delegado Regional da II<sup>a</sup> DR

# Conflito entre índios e fazendeiros

Com entrevista coletiva à imprensa e o envio de uma nota de protesto ao governador e aos ministros do Interior e da Justiça, alguns fazendeiros, com o apoio logístico da Federação da Agricultura de Minas Gerais, voltaram a denunciar, ontem, em Belo Horizonte, roubos e assaltos cometidos pelos índios Maxacalis, que vivem na região de Bertópolis, no Nordeste do Estado. Agora, dizem os fazendeiros, os índios estariam contando com o apoio da Polícia Federal, "que encontrou metralhadora em nosso peito".

Mas o alvo principal das acusações dos fazendeiros é a Funai, que, não fazendo nada "para resolver o problema angustiante do índio", estaria fomentando a tensão na área. Porém, o órgão governamental tem outra visão do problema, como informou ontem, por telefone, Carlos Grossi, do escritório regional da Funai, em Governador Valadares. Para a Funai, o fazendeiro Valdevino da Silva Cruz quer resolver o seu problema, sem esperar que

se apurem os fatos denunciados.

Pelo documento enviado ao governador Francelino Pereira, aos ministros Mário Andrazza e Abi-Ackel, respectivamente do Interior e da Justiça, os fazendeiros Valdevino Cabral e Laurindo Pereira Sena afirmam que, com o passar do tempo, os índios Maxacalis saíram "daquela fase de furtos e roubos e já passaram a atacar os fazendeiros vizinhos à sua aldeia, saqueando as suas casas e expulsando inclusive os seus agregados". Lembrando que, por três vezes, já se dirigiram ao governador para pedir providências para o problema, os fazendeiros criticam a ação da Funai:

— A Funai tem-se mostrado impotente para conter o índio em suas aldeias e resolver os seus dois principais problemas, que são o alcoolismo e a fome. Nota-se claramente a falta de autoridade sobre o índio e este, sem a tutela de nenhum protetor, vive a perambular, ora pelas fazendas vizinhas, ora pelos

povoados mais pertos, mostrando o quadro triste por que passa o silvícola de nossa região. Até agora o fazendeiro da região tem-se mostrado um homem calmo, tranqüilo, nunca agindo no calor da tensão e da emoção. Somente a título de informação, levamos ao senhor o quanto de prejuízo tem levado os fazendeiros vizinhos das aldeias. Os proprietários rurais Valdevino da Silva Cabral e Severino Pereira Sena tiveram, até a data desta correspondência, 173 reses abatidas pelos índios. Ao preço de hoje, estes prejuízos chegam a Cr\$ 3.460 mil. Afora estes prejuízos materiais, as suas terras ano a ano estão sendo desvalorizadas, porque ninguém tem coragem de adquirir uma propriedade na região.

## A FUNAI

Tranqüilo, Carlos Grossi explicou a posição da Funai frente aos problemas denunciados pelos fazendeiros. Para ele, este conflito entre índios e fazendeiros é uma questão de adaptação. Grossi reconhece que o

fato de os fazendeiros reclamarem é legítimo, mas indaga: "Por que eles não procuram as autoridades competentes, ao invés de irem a Belo Horizonte? Existe a Justiça nesta região. Todos, delegados, promotores, juizes, a policia, estão sabendo o que está acontecendo".

Grossi lembra que a Funai está fazendo um trabalho profundo, que não pode vir à tona de um dia para o outro. "É um processo de assimilação, onde estamos investindo cerca de Cr\$ 16 milhões, desde meados de 1980. Existe todo um aparato técnico-científico, com profissionais de curso superior fazendo um trabalho que vai da saúde à educação bilingüe e cultural, o que, como é óbvio, demanda tempo, já que estamos mexendo com outra cultura", explica Carlos Grossi.

Ele questiona o método de Valdevino Cabral: "O fazendeiro está querendo a solução de força, o que não é uma coisa racional. Se ele quer ajudar, por que não denuncia quem anda vendendo bebida ilegal para os índios?" Outro fato, para Carlos Grossi, é que o "sumiço" do gado não foi comprovado. "Afirma-se apenas que viram marcas de pés. Mas, qualquer pessoa, tirando o sapato, deixa marca de pés. É preciso que saiamos da época americana, quando os índios eram acusados de tudo. Não se comprovam as denúncias; não se espera que a diligência policial chegue ao final".

## A POLÍCIA

Para os fazendeiros, a situação piorou recentemente, com a atuação da Polícia Federal. Diz o documento que, "bem pior que os prejuízos, tem sido os dissabores passados por alguns fazendeiros. Na última investida dos índios à fazenda de Cabral, eles aproveitaram a calada da noite para expulsar os empregados da fazenda. Como houve resistência por parte de um deles, travando luta com um dos índios assaltantes, no outro dia este conflito foi manchete dos jornais da região, dos rádios e até da televisão, levando uma imagem distorcida dos fatos. Somos sabedores de que o índio é menor perante a lei, mas sabemos que a Funai exerce uma função tutelar sobre eles. Porque mesmo o fazendeiro estando acobertado de razão eles têm sofrido até a humilhação de serem amedrontados pelos policiais federais

com o cano de suas metralhadoras".

Durante a entrevista coletiva, o fazendeiro Valdevino, proprietário de 47,5 alqueires baianos e 600 reses, com observações do presidente do Sindicato Rural de Águas Formosas, Raul Abrantes, disse que a policia o colocou preso dentro de um carro da Funai, além de confiscar todas as armas de sua fazenda. "Eles colocaram metralhadora em nosso peito, nos intimidando". Com este fato, segundo Valdevino, os índios se sentiram "fortes, já que não têm punição e, além de tudo, têm armas".

Mas o fato, na versão de Carlos Grossi, foi muito diferente. Segundo o representante da Funai, o que houve foi uma agressão violenta "em um índio que é deficiente físico". Além disso, foram usadas armas na agressão, como uma carabina de calibre 44. Grossi reconhece que alguns índios bebem, mas acha que isto devia ser evitado com o apoio de toda a população da região.

Perigo por perigo, ele mostra que os funcionários da Funai enfrentam, na prática, muito mais, já que convivem 24 horas por dia com os Maxacalis. E enfoca, novamente, a questão de culturas diferentes para explicar que os índios, acostumados com grandes matas e grandes rios, hoje estão confinados a uma área determinada, o que acarreta, de vez em quando, problemas. Mas rebate, firmemente, a acusação de roubos de 173 reses: "isto é mentira", disse, enfático.

## A REGIÃO

Cerca de 500 índios Maxacalis vivem em dois postos: Pintinho e Engenheiro Mariano de Oliveira. Têm cerca de 4 mil alqueires numa região onde predominam os pequenos e médios proprietários de terra. Em Bertópolis, por exemplo, existem cerca de 100 fazendeiros. O conflito entre os índios e os proprietários é antigo, e segundo informações, de Valdevino Cruz, nos últimos 3 anos foram roubados e mortos cerca de duas mil cabeças de galinha, porco, carneiro e gado. Por outro lado, Carlos Grossi denunciou, ontem, que as 600 reses da Funai desapareceram nos últimos dois anos. Acusou os fazendeiros da região de incitarem os índios a venderem a carne por preços abaixo da tabela, insinuando, também, que houve roubo do gado da Funai.

## Atividade

• Pontal do Ipiranga — A notícia veiculada na semana passada pelo DC, informando que a empresa responsável pela venda do loteamento denominado "Pontal do Ipiranga", em Linhares (ES), ludibriou os adquirentes, porquanto não existe o loteamento, teve grande repercussão, principalmente junto aos quase cinco mil compradores. A denúncia foi feita pelo advogado Luiz Antônio Rocelli que, a partir de então, passou a ser insistentemente procurado. Rocelli se coloca à disposição dos interessados para prestar maiores esclarecimentos no seguinte telefone: 335-3634.

• Administração — Com encontro marcado para Belo Horizonte no próximo dia 25, os assessores jurídicos de todos os conselhos regionais de técnicos de administração do país, tentam fixar uma política uniforme para condução das

causas da autarquia na Justiça Federal. Só em Minas existem mais de oito mil processos para exame pelo conselho da 6ª Região.

• Educação — Contestando as informações divulgadas em Belo Horizonte, segundo às quais já se tem como certa a falta de vagas para 13 mil crianças, no 1º ano, do 1º grau, o secretário-adjunto da Educação, José Expedito Jannotti, disse ser impossível fazer-se uma afirmação deste tipo no momento. O informe é tanto "mais prematuro e defeituoso, quando se sabe que já há lugar garantido para todas as crianças que procurarem os postos de inscrição, reservando a sua vaga para 82".

• Recuperação — Depois das chuvas, a Prefeitura de BH, através da Superintendência de Transportes começou a efetuar um trabalho intenso na recuperação asfáltica das ruas danifica-

das. Como as chuvas não estão permitindo o trabalho de recuperação com o pré-misturado a frio ou a quente, a Prefeitura iniciou o novo tipo de pavimentação, através de concreto com "acelerador de pega".

• Trânsito — Os moradores do Gutierrez receberam, até o final da semana, 10 mil folhetos contendo um plano alternativo de circulação de trânsito no bairro. Os moradores poderão apresentar sugestões no próprio folheto. O prazo para entrega, fixado inicialmente para o dia 20, foi estendido para o dia 22.

• Desabrigados — Informando que os desabrigados já estão retornando às suas moradas, a Coordenadoria Municipal de Defesa Civil disse que a segunda fase de assistência aos flagelados é de estudar como solucionar o problema dos que perderam suas casas em conseqüência da inundação.

OF. Nº 001/CONFIDENCIAL/11ª DR/82.

Delegado da 11ª DR.

09.02.82

Sr. Diretor do D.G.O. - Brasília.

Encaminhamento ( faz ) .

Senhor Diretor ,

Em atendimento à solicitação contida no Radiograma nº 222/DGO de 03.02.82, passo às mãos de V. Sª. o parecer, da Antropóloga Neli Ferreira do Nascimento, a respeito da área Maxakali.

Outrossim, com o intuito de melhor elucidar a informação a ser fornecida, sugiro fossem também avaliadas as informações prestadas por esta DR por intermédio do OF. Nº / 011/Confidencial/11ª DR/81 de 24.11.81.

Por outro lado, com o objetivo de oferecer maiores detalhes, anexamos ainda cópia do rascunho da carta preparada pela Antropóloga acima referida, que seria remetida ao Exmº Bispo de Teófilo Otoni e cópia do trabalho intitulado na pesquisa na U.F.J.F.

Sendo o que se apresenta para o momento, aproveito a oportunidade para renovar meus protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente

CARLOS ROBERTO GROSSI  
Delegado Regional da 11ª DR

PARECER ANTROPOLÓGICO, SOBRE OS CONFLITOS ENTRE FAZENDEIROS E ÍNDIOS MAXAKALI, NO NORDESTE MINEIRO.

Tais conflitos tem suas origens na disputa desigual da posse da terra, na região.

Segundo os dados históricos, esparsos, pode-se afirmar que os vários grupos Maxakali habitaram, desde o século XVII, a vasta região compreendida entre o Rio Jequitinhonha, o Rio Mucuri e o litoral do Atlântico, no sul da Bahia. Pressionados pelas frentes de penetração, muitos dos aldeamentos <sup>extintos</sup>, resistindo apenas o agrupamento do interior, entre os formadores dos rios Jucuruçu e Itanhaém, para onde fugiam os sobreviventes dispersos. Este aldeamento, existente no interior desde longa data, recebeu a visita, em 1911, do engenheiro Alberto Portela, conforme relatório de 22 de outubro de 1911. Sete anos depois, em 1918, o engenheiro Apolinário Frot, fazendo levantamento topográfico da região, encontrou esse mesmo aldeamento às margens do córrego Umburanas, a Aldeia Grande, a antiga concentração dos Maxakali.

Em 1914, um funcionário do governo, Joaquim Fagundes Martins (1), vindo de Joáima, conquistou a amizade dos índios, passando a viver entre eles. Abusando da amizade e boa-fé dos índios, começou a vender, ilegalmente, as terras para posseiros que pouco a pouco foram totalmente ocupadas por intrusos. Os primeiros terrenos, a serem vendidos, foram os da Aldeia Grande. Assim, de 1920 a 1940, os índios vagavam dentro de suas terras, agora ocupadas, vivendo da mendicância. Os posseiros, querendo amenizar a revolta dos índios, doavam bois e cavalos, mas, não se conformando com a situação, os índios passaram, em grupos, a saquear as roças dos posseiros, para conseguir alimento, pois não dispunham de um palmo de chão, para tanto.

Em 1940, o S.P.I. criou o P.I. Engenheiro Mariano de Oliveira, com o objetivo principal de solucionar o problema da terra. A gleba de Água Boa foi logo retomada, porque alguns posseiros, reconhecendo a ilegitimidade da posse, abriram mão dela, porém, em Umburanas, onde as terras foram objeto de várias transações, os índios só conseguiram recuperar uma parte, devido as benfeitorias nelas realizadas pelos posseiros. Entre as duas glebas, Água Boa e Pradinho, existe, assim, uma distância de 12,5 Km ocupados por posseiros, gerando constante e crescente tensão. Os fazendeiros Valdevino da Silva Cabral e Severiano Pereira Sena, que mais reclamam dos índios, ocupam, exatamente, as terras que, antigamente, constituíam as aldeias Pradinho e Aldeia Grande.

(1) Enciclopédia dos Municípios, Vol. XXVI, pág. 9

Os conflitos não terão fim, enquanto a FUNAI não demarcar a área que liga as duas glebas. É uma área de locomoção obrigatória dos índios, pois, para visitar os parentes e resolver negócios, necessitam deslocar-se de uma gleba para outra, atravessando as terras dos citados posseiros. Além disso, por um lado, os índios pretendem reconquistar as suas terras perdidas, pois o crescimento de seu contingente demográfico aponta para isso. Os seus 3.133 ha mostram-se restritos para uma população de quase 500 pessoas, com tradição de caçadores — coletores nômades. Pressionados de dentro para fora e de fora para dentro, não têm outra alternativa, a não ser tentar estender seus domínios territoriais. Por outro lado, os fazendeiros pressionam, também, desejando seus domínios. Pretendem que os índios sejam transferidos para a Amazônia, onde, afirmam, é lugar de índios, porque existem matas. Tal pretensão é tão clara, chegando ao ponto de alguns prefeitos da região terem sido eleitos, utilizando como plataforma política a promessa da retirada dos índios. Cobiçam as pastagens dos índios, dizendo ser desperdício aquelas áreas vazias de gado. Propõem-se a pagar Cr\$150,00 a 200,00 (Duzentos cruzeiros), por cabeça, pelo arrendamento das terras, caso a FUNAI garanta o gado.

Outra alternativa defendida pelos fazendeiros seria o confinamento dos índios na reserva, pela ação da Polícia Militar do Estado. Fato este ocorrido durante seis anos, de 1966 a 1972, quando os índios foram sitiados dentro de sua própria reserva. Há toda uma pressão, na região, por parte de políticos e fazendeiros, para que os índios voltem a ser prisioneiros. Há vista o fornecimento de bebida alcoólica, apesar de todo o empenho dos funcionários da FUNAI para que ele não ocorra. Esta postura é anti-humana, pois o índio como o primeiro dono da terra tem o direito mínimo de ir e vir livremente, de desenvolver sua cultura e manter suas tradições.

Alguns regionais não estão satisfeitos com a atuação atual da FUNAI, porque não atende a seus interesses e sim aos interesses dos índios. Por isso, tentam difamar a FUNAI, na imprensa falada e escrita, afirmando que os índios estão abandonados. Na verdade, os índios Maxakali nunca estiveram tão assistidos como agora, na busca de soluções para os problemas de subsistência, saúde e educação. Tal assistência difere das demais, por tentar afastar-se do paternalismo, orientando-se em direção a valorização do índio Maxakali como pessoa, como sujeito de direitos, em busca de sua auto-identificação e autodeterminação. Pretende, portanto, romper a superveniência e dependência dos índios aos ricos fazendeiros da região.

A introdução da Cantina, no P.I., por exemplo, não está agradando aos vendeiros, porque não estão conseguindo auferir os costumes -

ros lucros em cima dos índios, como declarou, ao jornal, o vendeiro Etelvino, radicado no povoado de Santa Helena, dando graças, por ter os índios ali por perto, "pois eles dão resultado, compram mesmo"; mas , agora, os índios pararam de comprar. Suas visitas às feiras locais re- duziram-se ao mínimo. Por isso, tentam, em revanche, atrapalhar a ação da FUNAI, comprando, nas mãos dos índios, por preços irrisórios, os ar- tigos vendidos na Cantina do Posto ou trocando por aguardente.

Os objetivos da ação da FUNAI, no momento, caminham no sentido de preparar o Maxakali para desenvolver relações sócio-econômicas menos desvantajosas com os regionais, visando uma convivência respeitosa e pacífica na região.

Com relação aos últimos acontecimentos, veiculados na imprensa, no mês próximo passado, envolvendo a ação da Polícia Federal, conclui-se que a tensão latente está em vias de acirramento. Um índio aleijado , chamado Arquelino, foi, violentamente, espancado por um dos empregados do Sr. Valdevino da Silva Cabral, tendo sido atendido, em estado gra- ve, no hospital em Águas Formosas. O próprio fazendeiro declarou, pes- soalmente, que o fato ocorreu, quando o índio, sozinho, passava no ca- minho próximo a sede de sua fazenda, voltando de Batinga, indo em dire- ção ao P.I. Pradinho. Uma semana depois, outro índio, Bidé, foi ferido, na testa, por um encarregado de outra fazenda que se encontrava embria- gado, no momento em que o índio passava pela estrada, também embriaga- do.

Estas ocorrências, embora isoladas, precisavam ser contidas, mesmo pela força, para evitar degeneração em conflitos mais sérios, envolven- do, possivelmente, grupos de índios e grupos de fazendeiros organiza- dos. Um confronto desta natureza, na região, poria a perder não só to- do um trabalho que, pacientemente, vem sendo desenvolvido na reserva , como, também, colocaria muitas vidas em risco.-----

Bertópolis, MG, 29 de novembro de 1981

*Neli Ferreira do Nascimento*

Neli Ferreira do Nascimento  
Antropóloga

### Pastoral acusa Funai em Minas

O documento da Pastoral Indígena da diocese de Teófilo Otoni afirma que os n- axacalis chegaram a Minas, vindos do Espí- to Santo, no século XVIII e hoje estão reduzidos a 400. Ocupam uma área de 3 ml. 133 hectares nas cabeceiras do rio Itanhem, em duas aldeias, Água Boa e Pradinho, Município de Bertópolis, Extremo Nordeste do Estado.

— Infelizmente, a atividade predatória do latifúndio, interessado apenas na pecu- ária de corte, acabou com as matas e a caça. Restam apenas alguns vestígios de mata. Os índios continuam tendo necessidade de se alimentar e de sobreviver. Assim, na época em que passam necessidade ou no período de suas festas religiosas, seguindo suas tradições, eles pescam e caçam o que existe na região — afirma o documento.

Belo Horizonte — Em documento enca- minhado ao Governador Francellino Perel-

ra, a Pastoral indígena da diocese de Teófilo Otoni e o Grequi — Grupo das Questões Indígenas — acusam o projeto de desenvol- vimento econômico da Funai, criado em convênio com a Universidade Federal de Juiz de Fora, de destruir a cultura dos Maxacalis, e tentar apropriar-se de suas terras ao fracioná-las.

O Bispo de Teófilo Otoni, Dom Quirino Adolfo Schmitz, cobrou do presidente da Funai, Coronel Paulo Moreira Leal, a pro- messa de abrir as terras demarcadas a mem- bros da Igreja, já que os missionários estão proibidos de entrar na área dos maxacalis. O secretário-geral da Comissão Pastoral da Terra em Minas e coordenador da Pastoral Indígena, o padre português Jerônimo Nu- nes, acusou a Funai de criar, em convivência com fazendeiros e políticos locais, "um am- biente de difamação contra a Igreja".

B. N. 12-81

*Neli*

Carta aberta a Dom Quirino Adolfo Schmitz, Bispo de Teófilo Otoni - Rascunho

Há muito tempo, temos recebido várias provocações de V.Sª, mas o nosso trabalho com os Maxakali, tão intenso e absorvoto, não permitia que perdêssemos tempo com tais provocações; todavia, agora, encontrando-nos em período de repouso, por motivo de saúde, resolvemos aproveitar o período de convalescença para alinhar algumas considerações que irão ajudar-lhe a refletir melhor sobre o assunto.

Em primeiro lugar, gostaríamos de fazer a nossa apresentação. Sou antropóloga, professora de Antropologia na UFJF, ligada ao programa de Pós-Graduação na <sup>área</sup> de Antropologia Social da USP, com a grande responsabilidade de coordenar o Projeto Maxakali.

Sob os auspícios do Convênio FUNAI-UFJF, dispusemo-nos a empregar, efetivamente, o nosso tempo e o nosso esforço para lutarmos juntos com o grupo Maxakali, na tentativa de ajudar aquele povo, tão sofrido, a encontrar novas alternativas reais de vida. Lançamo-nos nesta empreitada, em regime de urgência, para superar o momento de crise e sustar o processo de autodestruição conjuntural vivido pelos Maxakali. Talvez isto não agrade muito a V.Sª, mas podemos afirmar que o consumo do álcool, causador de conflitos e mortes no interior da Reserva, vem diminuindo, gradativamente, ao longo de quinze meses de nossa atuação moderada, equilibrada, modesta, planejada cientificamente, sem alardes, sem propaganda.

Quando iniciamos, estendemos a mão a quem estivesse disposto a colaborar, estabelecendo-se linhas definidas de ação. Convidamos duas moças da Diocese de Teófilo Otoni, Eliane e Geralda, residentes no município de Bertópolis, para um trabalho conjunto, mas a proposta era por demais séria e as regras do jogo tão claras que não agradaram muito a elas. Preferiram continuar de fora, tentando, deslealmente, obstruir o trabalho, veiculando notícias distorcidas.

V.Sª fez críticas bastante comprometedoras ao Projeto Maxakali. Essas críticas são, totalmente, infundadas, revelando o desconhecimento do trabalho por V.Sª. Lamentamos afirmar que as fontes de informações de V.Sª são falhas, na captação da realidade dos fatos.

Podemos até estar errando muito na nossa tentativa de acertar, mas eu perguntaria a V.Sª: qual a posição mais cômoda — a de quem faz ou a de quem critica? Pelo menos, erramos por ação e não por omissão ou transferindo a culpa para outros.

O nosso programa teve início em 1980. Até aquela data, os Maxakali estavam abandonados como V.Sª publicou no J.B, de 12 Nov /1977. Faça-lhe, agora, uma perguntinha indiscreta e incômoda: o que a Diocese

faz por eles ? Denunciou nos jornais ? Cobrou soluções da FUNAI ? Fez demagogia ? Fez visitas pastorais ? Não, fez mais do que isso; levou alguns índios, às escondidas, para reuniões na sede da Diocese, em Teófilo Otoni, e, depois, deixou-os sem recursos para retornarem à Reserva. Seguiram, de carona, até Valadares, e lá, na Delegacia da FUNAI, conseguiram as passagens de volta. Nessas andanças, embriagaram-se e levaram álcool para a Reserva, causando problemas.

Não nos critique, portanto, se fizemos uma opção diferente da Diocese. Abandonamos a opção da simples denúncia, para atacar os problemas, de frente, não a nível jornalístico, de falação, mas através de um trabalho real, concreto, de calor humano. Não exigimos que os outros façam, desta ou daquela maneira, mas temos a coragem de fazer, de acertar ou errar, de correr o risco da crítica impiedosa daqueles que não fazem e não querem deixar fazer.

Nossa equipe de trabalho possui profissionais e acadêmicos de várias áreas, várias confissões religiosas e até aconfessionais, na tentativa de compreender a realidade sócio-econômica Maxakali em todos os seus desdobramentos, buscando maior identificação.

Nosso projeto não foi imposto de cima para baixo, nem de fora para dentro. Tudo começou, a partir de um trabalho anterior de pesquisa, ao longo de quatro anos. É um plano de <sup>trabalho</sup> flexível e dinâmico, dentro das reais necessidades dos índios, e feito de acordo com eles. Realmente, os Maxakali nunca estiveram tão assistidos quanto agora, só que esta assistência atende aos interesses dos índios e não aos interesses de quem quer que seja.

Antes da nossa chegada, ninguém queria segurar o boi, pelo chifre. A situação, no Vale do Mucuri, era por demais complexa e difícil. Os índios, famintos, embriagados, saqueando e roubando, eram notícias constantes na imprensa.

Poder-se-ia comparar a situação de conflito entre fazendeiros e índios, no Vale do Mucuri, a uma batata quente, que era lançada de um lado para outro. Gerava manchetes nos jornais, pronunciamentos políticos, IBOPE para os promotores de ACISO, etc, etc. ..., mas ninguém queria segurar a batata quente, com medo de queimar-se. Ela estava à disposição. Não segurou quem não quis. Agora, quando, corajosamente, nos dispusemos a queimar as mãos, segurando a "batata quente", V.Sª arvora-se, colocando em dúvida a nossa maneira de segurá-la ou descascá-la !

Lamentamos informar a V.Sª que, agora, não estamos mais dispostos a aceitar intromissões de quem quer que seja, mesmo que seja do Bispo. Existe outro grupo de índios, em Minas Gerais, necessitando de ajuda da Diocese, ali mesmo, às margens do Rio Doce. Por que V.Sª não a ajuda ? Por que V.Sª não envia um documento pastoral ao Senhor Governador do Estado, solicitando a garantia das terras deles ? Ah, is

missão da FUNAI ? Será só dela ? Quanto aos Maxakali, V. Sª não precisa se preocupar. Com eles estamos nós, para o que der e vier.

Não querendo nos tornar muito incômodos, gostaríamos de fazer a V. Sª mais uma perguntinha. Como conservar os Maxakali caçadores, sem caça; pescadores, sem peixe ? V. Sª sabe que as matas já não existem; V. Sª sabe, também, que os Maxakali estão encurralados entre as fazendas do gado. Então ! A continuar caçadores-coletores, deverão coletar nas roças das fazendas próximas e caçar o boi do fazendeiro. Tudo estaria em ordem, se tais fazendas pertencessem à Diocese de Teófilo Otoni, mas, infelizmente, não pertencem.

V. Sª afirmou que o projeto da UFJF está tentando desapropriar as terras do Maxakali. Como ? V. Sª pode provar este fato gravíssimo ? Por que não apresenta, em juízo, tais provas ? Fato de tamanha gravidade não pode e não deve ser apenas denunciado. É necessário que se instaure um inquérito, para apurar tamanha irregularidade.

Continuando nossa exposição, gostaríamos de submeter à apreciação de V. Sª alguns pontos do nosso programa de trabalho, orientado no sentido de ajudar o povo Maxakali a vencer a escuridão da embriaguez, da fome e da doença. Para tanto, foi desdobrado em três outros subprogramas, a saber: subsistência, saúde e educação. Subsistência: visando melhorar o nível de nutrição, excluindo o paternalismo de fornecer gratuitamente os alimentos, foi implantado um sistema de trabalho agrícola com roças coletivas e roças familiares; além do plantio de mandioca e batata-doce, produtos básicos do Maxakali, está sendo incentivado o plantio de cereais e frutas para o consumo interno; instalou-se uma Cantina Reembolsável, que fornece roupas, alimentos, sementes e ferramentas, mediante um plano de trabalho; serão construídos três açudes para o incentivo a criação de peixes, visando o suprimento proteico, devido a falta de caça. Saúde: o tratamento médico curativo e preventivo vem sendo realizado através de vários convênios com o FUNRURAL, com os Postos de Saúde Regionais e com a Faculdade de Medicina da UFJF, além da E.V.S. da FUNAI e da permanência de dois técnicos de enfermagem, na área; o tratamento preventivo odontológico está em vias de concretização, com o concurso da Faculdade de Odontologia de Governador Valadares; existe, na sede do Posto Indígena Maxakali, funcionando, uma enfermaria, um ambulatório e uma pequena farmácia; as mesmas unidades estão em fase de implantação na sede do Posto Pradinho; foi realizado, no ano passado, um levantamento parasitológico de fezes, em toda a comunidade, com a distribuição de medicamentos para todos os casos positivos; o programa de vacinação foi, rigorosamente, cumprido; embora funcione todo esse programa de saúde, permite-se ao índio esgotar todos os seus recursos, como beboragens e rituais; o atendimento é condicionado ao seu consentimento. Educação-- trata-se de um programa de educação bilingue

bicultural; para tanto, contamos com a colaboração de um linguísta falante da língua Maxakali; estamos preparando monitores, indicados pela comunidade, para serem alfabetizados e escritores na língua materna; o material didático Maxakali está sendo preparado com o concurso dos próprios índios; assim, eles próprios registrarão seus mitos, suas crenças, suas decepções com os brancos, suas alegrias, suas esperanças, suas frustrações etc.

O plano de trabalho visa ocupar o tempo ocioso do índio, conjugando as atividades tradicionais, como a caça a pequenos animais, coleta de alguns frutos, pesca nos córregos de dentro e de fora da Reserva, com as atividades agrícolas, esportivas, escolares, de lazer e o artesanato. O que se pretende, com tudo isso, é que o índio, ocupando o seu tempo, de maneira variada e agradável, possa recuperar seu orgulho de povo culto, inteligente e capaz de decidir seu próprio destino, rompendo com o paternalismo escravizador, com o assistencialismo safixiante, rompendo de vez com o círculo vicioso da dependência regional.

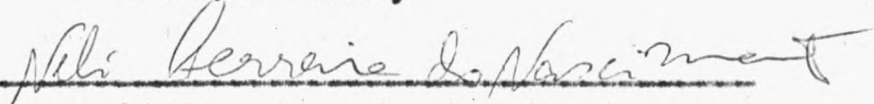
Este esquema de trabalho está proporcionando ao Maxakali condições de operacionalizar, internamente, seu sistema de aldeias, sua língua, seu sistema de parentesco, seus rituais religiosos e, até certo ponto, suas atividades econômicas tradicionais. Se as coisas continuarem como estão, poder-se-á vislumbrar a esperança de uma sobrevivência mais digna para os Maxakali.

Agora, gostaríamos de fazer a V.ª uma derradeira pergunta: V.ª deseja, sinceramente, conhecer nosso trabalho de perto? Então, venha visitar-nos, logo. Assim, V.ª terá oportunidade de conferir, pessoalmente, todas as nossas informações.

Pedimos desculpas, se a nossa ironia feriu a sensibilidade de V.ª, todavia, jamais teríamos escrito essa carta, não fosse a provocação a nós dirigida.

Ainda temos muito para escrever, mas não queremos abusar da paciência de V.ª. Assim, colocamos, aqui, não um ponto final, mas um ponto parágrafo, retornando a escrever, caso V.ª deseje continuar ouvindo e prestigiando aqueles que não só desejam, mas estão lutando para que o futuro dos Maxakali seja menos vergonhoso para a nossa História.

Atenciosamente,

  
Neli Ferreira do Nascimento

Obs: Para ser remetida ao Bispo e a  
imprensa

## SEMINÁRIO : " A PESQUISA NA U.F.J.F. "

Data: 26 e 27 de outubro de 1981

Local: Campus da U F J F

Participante: Profª Neli Ferreira do Nascimento

Vinculação : Convênio UFJF - FUNAI/ Projeto de Desenvolvimento Integrado dos Postos Indígenas Maxakali e Pradinho.

REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA EM ANTROPOLOGIA APLICADA

Esta comunicação pretende mostrar os primeiros resultados de uma ação planejada, junto ao grupo indígena Maxakali, sob a forma de um Projeto de Desenvolvimento Integrado -PDI.

Em 1976, iniciei um trabalho de pesquisa, sobre o referido grupo e, em 1977, passei a conviver com os Maxakali. Chguei a redigir um relatório final da pesquisa para a FAPESP, mas constatei que o trabalho, parando aí, estaria incompleto. Não se poderia, frente a dura realidade Maxakali, agir como Pilatos, lavando as mãos. Resolvi lutar ao lado do grupo, aceitando apoio e recursos de onde surgissem, desde que não interferissem nos objetivos pretendidos. Assim, com o apoio da UFJF e da 11ª D.R., foi elaborado um projeto que recebeu recursos da FUNAI, na ordem de Cr\$9.000.000,00 (Nove milhões de cruzeiros). Foi criada e treinada uma equipe, composta de cinco universitários da área de Ciências Sociais, para a implantação do PDI, que visava criar condições de sobrevivência física e cultural para o Maxakali. Esta equipe vem recebendo da FUNAI, através do Delegado da 11ª DR, total respaldo, facilitando o trabalho.

Realidade Maxakali, antes do PDI /1980-1981

Vivendo numa total dependência dos produtos nacionais e da sociedade nacional, sem ter assimilado outros valores desta mesma sociedade, os Maxakali encontravam-se numa condição de penúria. Estavam transformando-se, gradativamente, num bando miserável e marginal à sociedade nacional, entregando-se, irremediavelmente, ao alcoolismo. Abolizads, tornavam-se, altamente, agressivos, lançando-se uns contra os outros. As brigas e as mortes eram constantes. Famintos, estavam vivendo, exclusivamente, dos saques e dos roubos.

Realidade Maxakali, após catorze meses de atuação do PDI

Naturalmente, catorze meses não são suficientes para amenizar consequências tão drásticas de erros desastrosos do passado, todavia para quem conviveu e observou a situação anterior pode constatar, claramente, as mudanças.

O consumo do álcool diminuiu bastante. Alguns índios conti -

nuam bebendo, porém com intervalos mais longos. O nível de agressividade está caindo, gradativamente. Não ocorreu nenhuma morte violenta no período. Os índios retornaram as suas atividades produtivas. Estão plantando suas rocinhas. A prática dos rituais, que estava muito descuidada, retorna com grande intensidade. O artesanato vem sofrendo uma grande transformação. Os trabalhos, em madeira, estão multiplicando-se. A cerâmica, quase extinta, ressurgiu com grande força, aumentando o número de novas peças. Muitos adultos manifestam interesse pela escola e estão sendo alfabetizados. Tudo isto leva a crer que os Maxakali estão recuperando a vontade de continuar a viver. Há meses, a fome quantitativa de Maxakali vem sendo saciada pelo seu próprio trabalho na roça ou no artesanato. Infelizmente, ainda persiste a fome qualitativa, devido a carência de proteínas, responsável pela matança de gado das fazendas próximas, embora com menor frequência.

No nível da conscientização e mobilização social, também, estão sendo despertados, conforme revelam certos fatos ocorridos. Recentemente, por exemplo, organizaram-se para expulsar quatro famílias de civilizados, que viviam dentro da Reserva.

#### Síntese do Programa de Trabalho

Visando ajudar o povo Maxakali, a vencer a escravidão da embriaguez, da fome e da doença, foi elaborado e colocado em execução um plano de trabalho. Para tanto, foi desdobrado em três outros subprogramas, a saber: subsistência, saúde e educação.

##### - Subsistência

Visando melhorar o nível de nutrição, excluindo o paternalismo de fornecer gratuitamente os alimentos, foi implantado um sistema de trabalho agrícola com roças coletivas e roças familiares. Além da plantação de mandioca e batata-doce, produtos básicos da alimentação Maxakali, está sendo incentivado o plantio de cereais e frutas para o consumo interno. Além disso, instalou-se uma Cantina Reembolsável, que fornece roupas, alimentos, sementes e ferramentas, mediante um plano de trabalho.

Serão construídos três açudes para o incentivo à criação de peixe, visando o suprimento proteico, devido a falta de caça.

##### - Saúde

O tratamento médico preventivo e curativo vem sendo realizado, através de convênios com o FUNRURAL, com os Postos de Saúde Regionais, além do concurso da Equipe Volante de Saúde da FUNAI e da permanência de dois técnicos de enfermagem na área. Existe, na sede do Posto, em funcionamento, uma enfermaria, um ambulatório e uma pequena farmácia. As mesmas unidades estão em fase de implantação na sede do Posto Pradinho. Este trabalho será ampliado com o concurso da Faculdade de Medicina da nossa Universidade.

O tratamento preventivo odontológico está em vias de concretização, com a colaboração da Faculdade de Odontologia do Governador

Valadares.

Foi realizado, no ano passado, um levantamento parasitológico de fezes, em toda a comunidade, com distribuição de medicamentos para todos os casos positivos. O programa de vacinação foi, rigorosamente, cumprido. Embora funcione todo esse programa de saúde, permite-se ao índio esgotar todos os seus recursos, como beberagens e rituais. O atendimento é condicionado ao seu consentimento.

#### - Educação

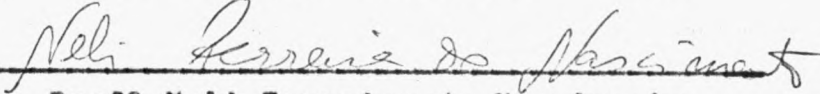
Trata-se de um programa de educação bilingue-bicultural. Para tanto, contamos com a colaboração de um linguísta falante da língua Maxakali. Estamos preparando monitores, indicados pela comunidade, para serem alfabetizadores e escritores na língua materna. O material didático Maxakali está sendo preparado com o concurso dos próprios índios. Assim, eles próprios registrarão seus mitos, suas crenças, suas decepções com os brancos, suas alegrias, suas esperanças, suas frustrações...

#### Conclusão

O plano de trabalho visa ocupar o tempo ocioso do índio, com jogando as atividades tradicionais, como caça e pequenos animais, coleta de alguns frutos, pesca nos córregos de dentro e de fora da Reserva, com as atividades agrícolas, esportivas, escolares, de lazer e artesanato. O que se pretende, com tudo isso, é que o índio, ocupando o seu tempo de maneira variada e agradável, possa recuperar seu orgulho de povo culto, inteligente e capaz de decidir seu próprio destino.

Este esquema de trabalho está proporcionando ao Maxakali condições de operacionalizar, internamente, seu sistema de aldeias, sua língua, seu sistema de parentesco, seus rituais religiosos e, até certo ponto, suas atividades econômicas tradicionais.

Juiz de Fora, Outubro de 1981.

  
Profª Neli Ferreira do Nascimento

MINITER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

*Arquivo - M. Informacao dada a DR p/telefone. Hanna, 17/2/82 PSS-432, p.104/177*

DE GVR

NR 56

PLS 180

DT 1202

HS

1500

RECEBIDO DE GVR 1202

AS 1525

POR GTL IV

SUP ADM FUNAI ( CONFIDENCIAL)

*Pavto, Cap. Pinheiro*

CONTROLE

Nº 276983

004 | IIA DR DE 120282 PT OBJETIVANDO AVALIAR TRAB ET ADOPTAR MEDIDAS AREA MAXA  
 CALI VG ESTIVEMOS REUNIOES DIAS 10 VG II ET HOJE VG ANTROPOLOGA VG PSICOLO-  
 GA VG CH PI PRADINHO VG CH PI MAXACALI VG TEC AGRICOLA VG ADVOGADO ET DELE-  
 GADO POLICIA FEDERAL PT OPORTUNIDADE FORAM DEBATIDOS PROPOSTAS TENHAM OBJE-  
 TIVO REPRIMIR VENDA ALCOOL BEM COMO OUTRAS MEDIDAS NECESSARIAS ATENUAR CONFLI-  
 TOÇ AREA PT COINCIDENTEMENTE VG ESTADO MINAS GERAIS VEICULOU ONTEM NOIA  
 COM CRITICAS INFUNDADAS TRABALHO FUNAI VG UFSF ET TITULAR ESTA DR CUJO PRO  
 POSITO SERIA APLICAÇÃO MEDIDAS REPRESSIVAS CONTRA INDIOS VG MOVIMENTO ES-  
 TE ENCABEÇADO MAJOR PM VG MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO VG PROPRIETARIO DUAS  
 FAZENDAS REGIAO ET EX DELEGADO FUNAI VG QUE POR LONGO PERIODO MANTEVE POLICI-  
 AMENTO OSTENSIVO DENTRO AREA INDIGENAS VG CUJA EPOCA VG ... DONT

TEXTO E ASSINATURA

MINER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADIOTELEGRAMA RECEBIDO

DE NR PLS DT HS

RECEBIDO DE AS POR

EM ( CONTINUACAO MC 001/11A DR DE 120282 )

PSS-432, p-105/177  
MINER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

CONTROLE Nº 276984

...ALIADA OUTRAS OCORRENCIAS KRENAK REPRESENTA PERIODO NEGRO NA HISTÓRIA DO INDIO EM MINAS GERAIS PT CASO NECESSARIO FORNECEREMOS MAIORES DETALHES SOBRE ASSUNTO PT CARLOS ROBERTO GROSSI DEL 11A DR

AO Senhor Presidente:

Para ciência. Sugiro que a Delegacia possa divulgar todos os dados mencionados neste rádio, inclusive apresentando aos meios de comunicação, relatório dos trabalhos realizados.

ASI/FUNAI  
N.º 0861  
EM/5102182

Oclavio *Oclavio Pina*  
Superintendente Adm. FUNAI

Concordo  
*[Signature]*  
Presidente do Conselho de Administração  
19/2/82

TEXTO E ASSINATURA

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RESUMO DA REPORTAGEM SOBRE OS ÍNDIOS MAXACALIS

Veículo: O ESTADO DE MINAS

Data : De 02 a 06.MAR.82

Jornalista: HIRAM FIRMINO

I CAPÍTULO

(Dia 02.03.82)

"NO LIMITE DE JÓ"

Após breve referência histórica aos MAXACALIS, o jornalista fala sobre uma carta endereçada ao Governador de MINAS GERAIS, por fazendeiros, cujas glebas confinam com a aldeia indígena de PRADINHO, na qual reclamam providências contra aqueles índios e acusam a FUNAI de se omitir na solução do problema. Refere-se também à resposta dada à carta, pelo Subchefe do Gabinete do Ministro do Interior, enviada à Federação da Agricultura do Estado de MINAS GERAIS, na qual, afirma o jornalista, a FUNAI pede aos fazendeiros paciência com os índios e informa sobre o desenvolvimento de programas, incluindo pesquisas, estudos antropológicos, linguísticos e educacionais, através Convênio com a Universidade Federal de Juiz de Fora-MG. O fato revoltou ainda mais os fazendeiros, levando os autores da carta ao Governador a produzir um documento de protesto - subscrito, também, pelo recém-reformado MAJOR DA PM - MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO (ex-titular da Ajudância MINAS/BAHIA, atual 11a. DR, de 1968 a 1973) - no qual são repetidas as denúncias anteriores e feitas outras. Prosseguindo, o repórter informa que o Major PINHEIRO

adquirira uma propriedade de 150ha, vizinha aos MAXACALIS, e fala da proposta por ele feita ao jornal ESTADO DE MINAS de fazer uma reportagem local. O capítulo termina com o resumo de uma exposição do Major PINHEIRO sobre os MAXACALIS e com um "box" (ou rodapé) intitulado "O VALE DO ESQUECIMENTO" (adjetivação do Major PINHEIRO), comentando aspectos históricos e econômicos do Município de BERTÓPOLIS, particularmente as causas do êxodo rural.

## II CAPÍTULO

(Dia 03.03.82)

### "SOB O DOMÍNIO DO MEDO"

O repórter aborda a viagem feita aos municípios vizinhos da referida aldeia, relatando a versão apresentada por fazendeiros da região e pelo Presidente do Sindicato Rural de Águas Formosas, segundo o qual "após a FUNAI ter defendido a imunidade tutelar dos índios, perante a justiça comum da região, a manutenção de gado aumentou consideravelmente, e a consciência da impunidade, cresceu por parte dos índios. Tornou-se comum, caminhões da própria FUNAI levarem índios até ÁGUAS FORMOSAS para passarem os fins de semana bebendo e amedrontando a população".

A reportagem prossegue noticiando a visita feita às cidades de MAXACALIS, onde reside o Chefe do PI de ÁGUA BOA; BERTÓPOLIS, local das reservas indígenas de Água Boa e Pradinho; e BATINGA, onde se realiza uma "feira de troca", na qual os 227 índios de PRADINHO "trocariam" seus artesanatos por cachaça e comida, fato esse não confirmado pela reportagem. Segundo os fazendeiros, a ausência dos silvícolas na referida feira, foi devido à morte de JOÃO CEGO (um de seus líderes) e a um bem montado esquema

da FUNAI para não deixar os índios serem surpreendidos bêbados fora da reserva. Alegaram que a FUNAI havia sido alertada sobre a presença da reportagem na região.

O repórter, por sua vez, qualifica os poucos índios vistos às margens da estrada de "seres esqueléticos" precocemente envelhecidos, sóbrios e com aparência de mendigos."

Refere-se, ainda, a reportagem, ao caso MUCUGÊ - incidente ocorrido recentemente entre índios e um vaqueiro da fazenda Santa Cruz, cujas consequências foram a internação de um índio em estado grave e um ataque de índios à referida fazenda.

O repórter, cujo objetivo principal (afirmação própria) era ver as condições de vida dos índios, demonstrou aos fazendeiros, desejo de ir até a aldeia indígena, no que foi veementemente desencorajado.

Finalizando a reportagem do dia, relata as entrevistas que fez com um dos maiores criadores de gado da região sobre a matança de reses pelos índios, ouvindo o seguinte: "nois (sic) só tivemos sossego com o Capitão Pinheiro aqui. Os índios pelo menos respeitava (sic) a gente. Cada um vivia sua vida. Hoje nois (sic) mora (sic) aqui só porque não temo (sic) como vender a terra e comprar outra em outro lugar." Vários outros moradores da região reclamaram da presença dos índios e demonstraram sempre a necessidade da volta da Polícia Militar e de comida para os silvícolas.

Em BERTÓPOLIS, pessoas que abandonaram suas terras por causa dos silvícolas afirmavam que "só no tempo do Capitão PINHEIRO havia justiça na região.

O Prefeito de BERTÓPOLIS, ao ser entrevistado disse contar com muitos benefícios do Governador do Estado, para

seu município, menos para o "problema mais crucial, que é o índio."

### III CAPÍTULO

(Dia 04.03.82)

#### "MISÉRIA E ÁLCOOL, NO RASTRO DOS ÍNDIOS"

Neste dia, <sup>a reportagem</sup> focaliza a feira de trocas de Santa Helena, distrito de BERTÓPOLIS, a menos de 200km da reserva MAXACALIS de Água Boa, onde se faz a venda indiscriminada de medicamentos psiquiátricos, principalmente antidepressivos controlados.

Registra a presença de índios nas portas das vendas, tentando trocar alguma coisa, e não conseguindo.

Registra, ainda, as condições miseráveis em que os mesmos se encontram.

No rodapé da folha, sob o título "POSSES, POSSEIROS E POSSUÍDOS", focaliza o ódio recíproco existente entre o Chefe do Posto, VALTAIR, e os fazendeiros da área em questão.

### IV CAPÍTULO

(Dia 05.03.82)

#### "NO MIKAI-KAKA COM UM POUCO DE ESPERANÇA"

Este capítulo aborda o acesso do repórter ao Posto da FUNAI, junto à aldeia indígena, levado pelos fazendeiros, ROMILDO QUARESMA DOS SANTOS e VALDO MIRANDA. No percurso foi relatado ao jornalista, incidentes, entre índios e vaqueiro, e ataque de índios à fazenda N.S. do Bonfim, ocorrido anteriormente, tendo

o Sr. ROMILDO comentado "que os índios estavam passando fome, sendo necessário que isso fosse denunciado, pois não era justo a população da região pagar pela falta de administração da FUNAI."

Ao chegar ao PI, o repórter apresentou-se aos funcionários da FUNAI como parente dos fazendeiros, omitindo sua condição de jornalista; os funcionários do PI foram lacônicos no diálogo e se recusaram a levá-lo à aldeia; e, quando indagados sobre o problema da matança de gado na região, responderam que desconheciam o fato. Levantado, pelo repórter, o comportamento dos índios relativo a pedir esmola e entrar com cachaça na reserva, os funcionários argumentaram que "os índios pedem, mesmo não estando precisando" e <sup>concordaram quanto</sup> à gravidade do problema com relação ao comércio de álcool entre índios e não índios.

Na impossibilidade de efetivar a reportagem com os índios na aldeia, o repórter voltou a Governador Valadares e solicitou e obteve do Delegado da 11a.DR uma autorização para realizá-la. A reportagem destaca as condições miseráveis em que vivem os índios MAXACALIS; o péssimo estado das estradas, a construção paralizada da estação de piscicultura (Projeto feito pela EMATER e à disposição da FUNAI), o aspecto de abandono dos índios e de suas roças, a falta de assistência técnica, a inexistência de assistência médico-dentária, a desnutrição e despreparo cultural da comunidade, as reivindicações dos índios etc; e dá ênfase às evasivas do Chefe do PI em relação ao trabalho jornalístico, insinuando que o mesmo não queria que se retratasse as reais condições de vida daqueles índios.

V CAPÍTULO

(Dia 06.03.82)

"A MEDIDA DO CORAÇÃO CIVILIZADO"

Registra, esse último capítulo, uma entrevista com o Delegado da 11a. DR, na qual foram destacadas as condições miseráveis em que vivem os MAXACALIS, finalizando com uma análise sobre a desnutrição dos mesmos. Tal análise foi feita por uma conhecida nutricionista de MINAS, com base numa listagem fornecida ao repórter pelo Delegado da 11a. DR - de gêneros alimentícios distribuídos àqueles índios, no período de julho de 80 a dezembro de 1981, cuja conclusão foi que a ração diária recebida pelos mesmos é insuficiente e apresenta um índice bem abaixo daquele necessário a um indivíduo (774, 16 calorias quando o mínimo exigido para um trabalhador durante um dia é de 4.000 calorias).

LEI Nº 2.023, DE 1954



Na incidência penalidade quem subtrai o estratagem necessário para não perder a natureza... 29 - Código Penal Brasileiro.

A HISTÓRIA da extinção dos Maxacalis, iniciada há 482 anos atrás, com a chegada de Pedro Álvares Cabral no Brasil...

— Já por três vezes nos dirigimos ao senhor pessoalmente, pedindo-lhe providências para a solução do problema do índio Maxacalis...

— A Funai — eles afirmaram — tem se mostrado impotente para conter os Maxacalis em suas aldeias...

O índio ainda alertaram o governador para o fato de ainda se manterem calmos e tranquilos, nunca agindo no calor da terra e da emoção...

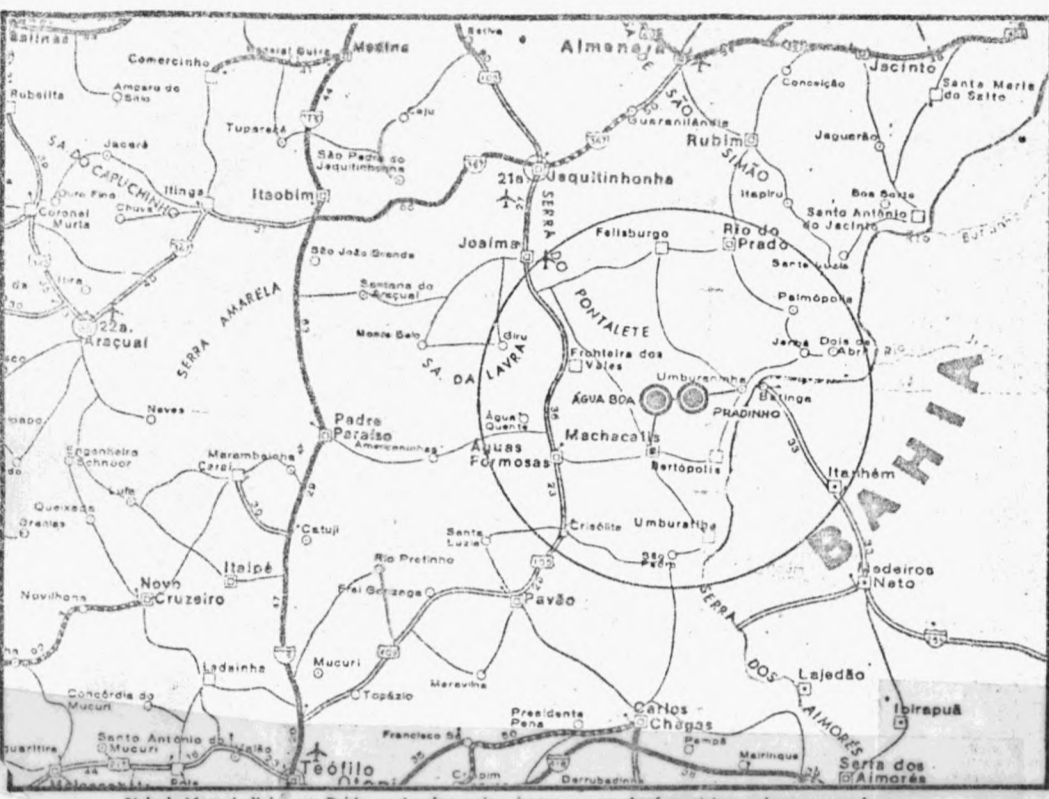
Metralhadora Cabral ainda pediu-lhe atenção sobre a última investida dos Maxacalis em sua propriedade...

— Esta é a realidade — continuaram. Nós estamos sendo atacados em dois flancos, senhor governador...

A resposta A resposta veio quase dois meses depois, via Ministério do Interior...

# No limite de Jó

Hiram Firmino  
Fotos de Wilson Avelar



Vale do Mucuri, divisa com Bahia; aqui se desenrola o drama que envolve fazendeiros, colonos e moradores

Funai — ele respondeu — pediu que os fazendeiros tivessem paciência com os índios, dando tempo para o desenvolvimento de programas que pudessem levar a comunidade Maxacalis a um processo de auto-suficiência...

O porta-voz do Ministério do Interior, a quem se vinculou a Funai, ainda divulgou autotitulado "resultados compensadores" do projeto...

O documento-protesto dos fazendeiros, assinado e divulgado — firmado pelo major Pinheiro — no dia 25 de janeiro, deste ano, trouxe à tona, novamente, o drama dos Maxacalis em Bertópolis...

Emancipado politicamente desde março de 1963, o município de Bertópolis congrega 664 quilômetros quadrados de antigas florestas...

... e decoradas nos últimos anos. A desordem e o desregramento são grandes problemas, além de abater o nosso gado para matar a fome...

Uma vasta e rica região de Minas está mergulhada no caos da desordem, com inúmeras famílias de colonos passando fome...



Após ser cercado, o animal é abatido e retalhado no local

... e nem matam a fome dos índios". Os fazendeiros não pararam aí. Afirmaram que nem junto às autoridades da região a Funai atua...

### Barrietas vazias

A Funai (também anunciou a criação de um outro posto indígena, na reserva de Pradinho, a mais abarrotada, desde junho de 1960...

Os fazendeiros não pararam aí. Afirmaram que nem junto às autoridades da região a Funai atua...

"A solução do problema é simples de ser resolvido se for deixado de lado a vaidade dos tecnocratas da Funai, que querem tentar os Maxacalis como se fossem crianças ou como índios primitivos do Alto Amazonas..."

## O vale do esquecimento

EMANCIPADO politicamente desde março de 1963, o município de Bertópolis congrega 664 quilômetros quadrados de antigas florestas...

da Emater e da Gerfameg, a agricultura não é assistida. Não há nenhum serviço público federal de apoio, nem estadual e nem municipal...

na cidade, insiste água encanada, qualquer tipo de tratamento. Também não há fiscalização de higiene pública...

metade da população rural de Bertópolis foi para a cidade, em busca de uma sobrevivência melhor (1.364 habitantes em 1970 para 3.785, há dois anos atrás, na zona urbana)...

Exodo rural Sem telefone ou rádio, também falta saúde em Bertópolis. Não há escola...

... e nem matam a fome dos índios". Os fazendeiros não pararam aí. Afirmaram que nem junto às autoridades da região a Funai atua...

... e nem matam a fome dos índios". Os fazendeiros não pararam aí. Afirmaram que nem junto às autoridades da região a Funai atua...

... e nem matam a fome dos índios". Os fazendeiros não pararam aí. Afirmaram que nem junto às autoridades da região a Funai atua...

constantemente embriagados e, quando estão alcoolizados, são bastante perigosos". Segundo os fazendeiros, a Funai se omite deliberadamente, deixando de exercer o poder de tutela e negando-se a dar uma assistência mínima necessária aos índios...

Novo ataque Nada adiantou. Autoridade alguma respondeu ao memorial dos fazendeiros, muito menos aos diversos ofícios enviados pelo presidente da Assembleia Legislativa de Minas Cerais...

O major Pinheiro — nós ainda não sabemos — tinha sido executado sob o pretexto de pacificação dos índios, entre a Funai e a Polícia Militar do Estado, no período de 1966 a 1972...

A proposta Uma semana depois do comunicado de Bertópolis, o major Pinheiro esteve na redação do "ESTADO DE MINAS" em uma reportagem local...

Sobre os postos, ele disse: "A sede da reserva fica em Água Boa, onde os índios têm uma área de 2.035 hectares. A sede dista 12 quilômetros do outro Posto Indígena de Pradinho..."

— Você vê e vê que em estado os índios vivem em condições deploráveis. Falou também da rivalidade entre as aldeias, da falta de liderança tribal e da principal consequência disso tudo...

Anda irônica: "Você tem de ler logo antes que seja tarde. Se os índios continuam sendo atacados e matados na região, diante da ausência das autoridades, os fazendeiros poderão se associar e criar a sua própria segurança..."

ESTADO DE MINAS  
10.03.82

# Sob o domínio do medo

Hiram FIRMINO  
Fotos de Wilson AVELAR



**MAXACALI (II)**  
Na cidade em penedão...  
A cidade em penedão...  
A cidade em penedão...

MAXACALI Pinheiro, na última...  
A cidade em penedão...  
A cidade em penedão...



Famintos e alcoolizados, os índios têm espalhado o terror na região (Fazenda Botelho)

**Sempre vítima**  
A conversa com os fazendeiros...  
A conversa com os fazendeiros...

**Feira triste**  
A feira de Maxacali, a 33...  
A feira de Maxacali, a 33...

A primeira cidade foi Bertópolis...  
A primeira cidade foi Bertópolis...

**Pela & casa**  
A casa de Maxacali...  
A casa de Maxacali...

A casa de Maxacali...  
A casa de Maxacali...



A mulher do agregado Milton: sem comida para o resguardo, abandonando a terra



Serrinha, com a mãe chorando: as marcas da violência

Figuras bem mais miseráveis, contras...  
Figuras bem mais miseráveis, contras...

ma, apontando a que fora encontrada...  
ma, apontando a que fora encontrada...

Recolheu todas as armas também...  
Recolheu todas as armas também...

zeiros cada uma. As suas terras dividem...  
zeiros cada uma. As suas terras dividem...

## Estado de Tensão

**A**GENTE continuou cruzando...  
AGENTE continuou cruzando...

## Lembrança amarga

Na sede, bastante lúcida, a sogra de...  
Na sede, bastante lúcida, a sogra de...

## A facção

A fazenda seguinte foi a de Severiano...  
A fazenda seguinte foi a de Severiano...

## Fuga & abandono

De volta a Umbrantina, onde o pre...  
De volta a Umbrantina, onde o pre...

feito de Bertópolis estava acenado...  
feito de Bertópolis estava acenado...

**Temor de Deus**  
Pai de nove filhos e com a mesma...  
Pai de nove filhos e com a mesma...

**Pedido amigo**  
Já era bem tarde do dia, quando...  
Já era bem tarde do dia, quando...

**Na canela**  
A volta até Águas Formosas...  
A volta até Águas Formosas...

...a cidade em penedão...  
...a cidade em penedão...

# Miséria e álcool, no rastro dos índios

Hiram FIRMINO

Fotos de Wilson AVELAR

"Ministério do Interior-Fundação Nacional do Índio-Área Indígena"

O medo durou até cruzarmos por um caminho-baculante levando uns 20 índios, a maioria crianças, que logo desceram e vieram alegres, correndo atrás do jeep. Logo estávamos na sede da reserva. Uma sequência de casas também se viu, onde funcionava a administração dos índios, a administração da Funai. Dois rapazes e duas moças nos receberam desorientados. Identificamo-nos como parentes do fazendeiro, curiosos apenas em ver os índios de perto.

Não foi possível. Apenas conseguimos visualizar, de longe, as suas palhoças, parcialmente encobertas pela exuberância do capim "colônio". Os funcionários foram lacônicos no diálogo tentado: só com ordens do chefe do posto — disseram.

Perguntamos pelos índios. Um funcionário respondeu que eles estavam em Santa Helena.  
— Mas nós estamos vindo de lá. Há via pouquíssimos deles.  
— Então devem estar andando por aí, ele completou. Eles andam muito.

Indagamos sobre a matança de gado. Uma moça, desta vez, respondeu:  
— Não estamos sabendo disso não.

Romildo citou a morte de seu bezerro, naquela mesma semana. A moça o questionou, com ar de deboche.  
— Será que foram os índios mesmo? Aqui todo gado que some ou morre, eles falam que foram os índios.

A conversa continuou fria. A moça comentou o comportamento de os índios pedirem esmolas em dinheiro, o que mais nos havia impressionado.  
— Eles não assim mesmo — um outro funcionário da Funai respondeu. Eles pedem, mesmo não estando precisando de nada.

À nossa volta, até então, nenhum índio tinha pedido coisa alguma.  
— Dizem que eles também bebem muito, não é? — perguntamos.  
— Bebem sim, como toda mundo aqui — o funcionário observou.

— E é permitido eles entrarem com cachaça na reserva?  
— Não há meio de controlar isso. Na venda é proibido vender cachaça por índio. Mas fora, o comércio é sistemático. As pessoas vendem a cachaça escondido pra índio que dá qualquer coisa exigida em troca. Seu feijão, seu arrozado, o que tiver em mãos. Depois, com a cachaça, adquirida, como é que nós vamos lhe proibir de tomar aqui dentro?

O funcionário ainda completou, encerrando as conversas.  
— É esse o problema maior que temos aqui. O índio, quando está alcoolizado, fica completamente louco, enfurecido com a gente aqui corre um perigo constante. Vocês precisam ver a quantidade deles que se mutilam durante as bebedeiras. O que tem de índio aqui, aqui já não faz com as pessoas submissas o que o álcool faz com eles, pensariam duas vezes, antes de embriagá-los.

## Só Capitão

Na volta, a gente foi encontrando vários índios. Alguns tinham a certa pintura, outros carregavam mantimentos, alguns estavam bebidos. Um deles, conhecido e conhecido pela falta de mão direita, mutilada dentro da reserva, avançou, transformando, sobre o Wilson, querendo cigarro. A maioria dos índios ia se dispersando no mato, à medida que, de longe, avistavam o jeep.

O único que permitiu uma conversa amistosa foi Totó Maxacali, ex-guarda na Água Boa, na época da Polícia Militar. Ele levava uma mosquiteira às costas e o encontro se deu exatamente em frente à casa de Valdir, onde morrera o pai de Wilson, três anos atrás, em um choque com a polícia civil.  
— Dizem que vocês estão matando o gado dos fazendeiros? — perguntamos.

Ele respondeu que outros índios (muitos o número quatro) são os dedos fazendeiros. "Quatro índios são os dedos índio bom. Mata só pra comer". E justifi- ficou o uso da espingarda:  
— Matar tudo. Índio mata e dá um pedaço pra outro índio.

Perguntamos se eles estavam passando fome. Totó riu e foi saindo, descontraído.  
— Pode falar — insistimos. O que vocês comem na reserva?

Totó apressou o passo.  
— Arroz e farinha de pau.  
— E carne?  
— Só Capitão mesmo — ele respondeu. Ainda passamos por outros índios. Uma índia, munida até a unha com o rosto pintado de amarelo forte. E a única coisa que ela trazia nos mãos, era um pedaço de tecido e outra coisa, era uma garrafa de cachaça.

Antes de chegarmos à reserva, Valdir falou dos vários projetos, segundo ele, "desenvolvimento pela Funai, a favor dos Maxacalis, com a participação efetiva de pessoal especializado, como psicólogos e antropólogos. Entre eles, planos de atendimentos médico-odontológicos, de combate ao alcoolismo e a substituição. Em suma, segundo ele, a preservação da língua materna, a implantação de lavagens de subsistência — como forma também de terapia ocupacional — e execução paralela de um plano de saúde para algumas das poucas crianças de sobrevivência da Funai, como povo, patrocinadas pela Funai.

Ainda proprou, por último, a implantação de um projeto de preservação da alta qualidade proteicas aos índios, tornando-se "habituais" mais naturais e dando-lhes condições de retornarem à prática da pesca.

Nós já estávamos dentro da reserva da Funai, a esta altura, visualizando uma outra realidade.

perbeu isso depois — com um revólver embulhado num saco de papel. Ele tinha um motivo muito especial: na quinta-feira passada, seu ajudante de vaqueiro havia sido atacado a tiros de espingarda. Socorrido por outro empregado, ambos ouviram a promessa dos índios: "Nós ainda vamos entrar e na se- de".

— E por isso que eu mantenho um vigia permanente na minha fazenda — justificou o fazendeiro. Os índios estão passando fome mesmo e é preciso denunciar isso. A gente não pode continuar pagando pela falta de administração da Funai. Só de pastagens — disse ele a caminho de Água Boa — os índios têm uma fortuna perdida. Qualquer fazendeiro aqui na região pagaria até 300 cruzeiros por cabeça para colocar seu gado ali. Só nessa reserva, vocês vão ver, cabem tranquilamente umas duas mil cabeças de gado. Será que não dava pra comprar carne por índios?

Passamos pela sua fazenda. Oitocentos hectares de terra vizinhos aos 2.065 hectares reservados aos Maxacalis. O fazendeiro foi contabilizando os animais abatidos pelos índios, desde 1978, quando se mudou para ali: cinco vacas, quatro bezerros e uma égua. O poitro foi levado semana passada, com o que sobrou de galinhas e pintos.

## Trágico revellion

A última fazenda visitada foi a "Nosso Senhor do Bonfim", de Geraldo e Elzira Botelho, que moram sozinho e protegidos dos índios por uma fortaleza incomum de madeira. O casal, que chegou a atingir a prosperidade com 500 cabeças de gado, teve de construir uma cerca de madeira — com toras de mais de dois metros de altura — em volta de toda a sede, para proteger também as suas 33 reses restantes. A única maneira encontrada para não ver repetido o trágico revellion de 1978.

— Foi um único ataque — recordou "seu" Botelho, enquanto a mulher foi lá dentro buscar o álbum da família que não só os dois, num casarão baldio e triste.

— Eram uns três índios bebados, primeiro. Eles bateram num homem no caminho, depois apareceram uns 70 índios. Não deixaram nada em casa. Nem um tijolo, nada.

A gente foi vendo as fotos.  
— Eles mataram cinco carneiros e cortaram outros dois. Mataram também dois capados, umas 50 galinhas e dois dos nossos quatro cachorros. Ainda nos levaram oito cabeças de gado e uma égua.

Na saída, "seu" Botelho nos mostrou o buraco feito por uma bala no portão. Dona Elzira, sem muito orgulho, apontou as suas plantações de zínica e bocado-de-léto que, até o acidente, eram flores até o limite da estrada.

Na reserva  
Menos de dez quilômetros depois, seguindo uma estrada pior, mais abandonada, chegamos à entrada da reserva. Uma placa amassada semicoberta pelo mato, oficiava o domínio da União:



**MAXACALI (III)**  
"Não incide em penalidade quem subtrai e estampilha necessariamente para não perecer à miséria" (Art. 20 — Código Penal Brasileiro).

FORAM quase 60 quilômetros até o povoado de Santa Helena, distrito de Bertópolis, a menos de duas léguas da reserva Maxacali de Água Boa. Uma praça de terra, cercada de vendas e casas simples. Uma gente igualmente pobre e esquecida, chegando aos poucos, de todos os lados. Os animais arriados, as barracas sendo armadas precariamente, tipo um mercado peço do Maxacali. O mesmo panorama a socioeconômico, triste de Bertópolis. Os contrastes culturais maiores ainda. Uma espécie de cidade do faroeste americano, aos domingos. Só que, ao invés de cavalos e cavaleiros, esquitos são vistos. O jogo magro. Uma gente de aparência e perseverante, tal como a batalha nos filmes nacionais, sertão e nordeste brasileiro.

O povo — fazendeiros, colonos, agregados e moradores — fazendo suas trocas, sendo amigos, discutindo política ou falando das dividas. Muita gente também nas vendas, tomando cachaça com o sorriso. Repartindo, com a maior das generosidades, suas marmitas de carne com farinha. As mulheres, principalmente, vendendo desde oculos escuro até pratos de puro feijão com farinha, nas barracas. É a juventude improvisada suas horas dancantes, em plena al do meio dia, no fardo das vendas, ao som de Pink Floyd e Bob Dylan, nos intervalos de Roberto Carlos.

**Fraqueza mental**  
Na única farmácia do povoado, percebemos um mostruário incomum de medicamentos psiquiátricos principalmente antidepressivos, que só podem ser vendidos com receita médica, conforme a farda vermelha estampada no rótulo.  
— É o que mais vende aqui — disse o farmacêutico. O soro aqui vai ficando fraco, passando dificuldade, começa a beber, logo fica doente da cabeça.  
A gente se lembrou de uma entrevista dada por um médico baiano a uma revista em outubro do ano passado, sobre o que leva os pobres, principalmente, a beber. Mais da metade dos alcoolistas internados em hospitais psiquiátricos são pessoas assalariadas, do meio rural, que bebem para aguentar a vida que levam, explicava o especialista. O álcool esvazia o estômago e engana a fome.

No lugar uma garrafa de cachaça, um homem absorve calorias necessárias para um dia de trabalho braçal, o que lhe dá uma eterna sensação de saciedade".

**Uns infelizes**  
Na sala da farmácia, Valdir José da Costa, um lavrador de 52 anos e nove filhos, que teve sua casa furada de balas e flechadas no final de 1978, quando um Maxacali foi morto pela polícia civil, falava bem dos índios:

— Não tenho mágoa deles não — disse o pequeno silitante. No fundo, são uns infelizes como filhos desses índios.  
Os Maxacalis começaram a aparecer nas ruas cheias de esgoto de Santa Helena.  
Mais mulheres do que homens, os poucos índios disputaram logo as portas das vendas mais movimentadas, ficando também diante das bancas de "carne-de-sol", com aquela quantidade de bebos (larvas de moscas) transitando pra lá e pra cá. A gente observou bem muitos conversavam, tentavam trocas, mas nenhum deles — no nosso campo de visão — conseguiu comprar um pedaço de carne. Uma índia velha (foto maior) esteve quatro vezes examinando um saquinho de farinha de mandioca. Também foi embora sem comprar. Pouquíssimos deles conseguiram vender seus artesanatos, apesar de exibirem, invasivamente, uma mulher, com uma cachaça requiltra e pebenta nos braços.

A gente continuou vendo-os perambulando, discriminados, pela terra. Logo, dentro até os índios percebem a má qualidade fotográfica e se agitam, sumindo do nosso campo.

**Assíndios**  
Passado do meio-dia, ainda não tinham conseguido comprar nada. Ficamos a ver até a reserva. Sem os técnicos da Funai que, inclusive, havia desenhado um projeto de planejamento para o distrito de Bertópolis, quisaram ir embora. Mas os índios, principalmente, não tinham o cheiro do posto. Nazário, esta vez, foi Valdir José. Mais de outras impaciências também.

Quem nos levou aos índios, finalmente, foram dois fazendeiros, Valdir Miroir, um brasileiro alto que se dizia ser descendente de Bonifácio Chavesana dos Santos, de quase 60 anos, que está a gente



Em estado de penúria, os índios perambulam discriminados nos povoados, também miseráveis, da região



Os Botelhos: dois metros de proteção, medo e solidão



Enquanto Funai e fazendeiros tomam empapões, os Maxacalis buscam o álcool



Feira de Santa Helena: expõem as crianças a quem não podem ajudar



Avançando em espolias, deserdada em sua própria terra de origem

## Posses, posseiros e possuídos

— Olha! E bom esses fazendeiros desistiram de ver. Caso contrário, eles vão acabar perdendo suas terras. A verdade é esta: os índios sabem disso. Se não fosse a Funai os fazendeiros já tinham acabado com todos os índios na região. Nenhum indígena o que esse pessoal já fez contra índio aqui.  
— Como assim? — perguntamos.  
— Vários não sabem de nada. Fazendeiros e terras que se foram há muito tempo. Já foi preciso a polícia federal vir aqui três vezes e ficar de arma em puno. Os fazendeiros, com a ajuda dos políticos, começaram a comprar terras no Brasil da maneira que a lei permite. E não mais ainda a área que os índios tinham direito. Foi uma demarcação feita para a Funai. E por isso que os índios não podem entrar, vão lá o sistema de alugar a propriedade, pra lá mesmo. E o índio do Sertãozinho, pra lá mesmo, não quer a gente explicar, aquilo lá é uma terra dele.

— Não dá pra saber se o índio local, em que a tribo conseguiu retugar-se. No pé de uma montanha de pedra que, inclusive, não pode nem ser transportada por eles. Do outro lado, na época, as terras também já tinham sido tomadas pelos posseiros e fazendeiros.  
O olho do chefe do posto da Funai nos fazendeiros foi sendo liberado e ele acabou acalmado. O problema dos Maxacalis não era só na Funai — explicou depois — era de toda a comunidade indígena ali.  
— Será que os fazendeiros não poderiam ajudar se o índio não tivesse um ou dois bois por uns dois anos, até conseguirmos meios de fazer os sobreviver dentro das reservas? Se, no máximo, eles ficassem vivos quem vende cachaça? (pros índios não já nos ajudaria bastante).

**Contato branco**  
Mais calma ainda, Valdir foi nos dando um perfil dos Maxacalis na região. Pouco antes da colonização do Vale do Muroir, os Maxacalis eram mais de mil indivíduos, distribuídos em quatro aldeias. Eles ocupavam um território de mais de "dez léguas por dez", quando

começou a contaminação de doenças, através do contato com a civilização. A variola reduziu as aldeias em uma única, as margens do rio Umburanas, onde o sarampo também fez muitas vítimas. Com a diminuição das matas, a gripe aliou-se ao sarampo e a variola. Os Maxacalis foram reduzidos a 140 pessoas, em 1639. Três anos depois, eles ficaram somente 50 sobreviventes.  
Com a instalação do Primeiro Posto Indígena, em 1930, a mortalidade começou a diminuir. A vacinação sistemática, feita pela Serviço de Proteção ao Índio, tribal Funai, que também procedeu à demarcação das terras, fez a população Maxacali crescer novamente. Populosa e portadora de venenoso, a população indígena apenas não ficou livre, até hoje, da disenteria, da desidratação, da tuberculose — responsável por um grande número de mortes entre os índios — e da esquistossomose.

A gente continuou a viagem.  
Valdir explicou que os Maxacalis também foram empurrados, desde fins do século XVIII, pelas frentes de penetração mineradora, através do rio Jequitinhonha. A busca de ouro e pedras preciosas, mais a exploração de madeira na região, estropeou totalmente o território tribal. Encurralados, os Maxacalis não tiveram como fugir mais do contato com os posseiros. Uma aproximação que lhes custou várias vidas e a submissão — a que continuam sujeitos — ao homem tido civilizado.  
O primeiro impacto sofrido foi com relação à forma de ocupação das terras e a concepção dos ataques das matas. De caçadores nomádicos, os Maxacalis foram transformados em agricultores sedentários, contra a sua própria índole. Com a introdução da tecitura na região, As matas restantes e a lavoura foram transformadas em capinzeiros, tornando as terras inabitáveis. Hoje, sem ter a quem vender seus artesanatos, dada a miséria social da região, só lhes restam duas alternativas de sobrevivência: roubar ou pedir. "Além, só roubar, podem se pedir, os índios só ganham os apelidos de "vagabundos", "murchos", "preguiçosos", "ladres" e "bebadas", entre outras classificações.

Não já estávamos dentro da reserva da Funai, a esta altura, visualizando uma outra realidade.

# No Mikai-Kaka, com um pouco de esperança

Hiram FIRMINO

Fotos de Wilson AVELAR

## MAXACALI (IV)



"Não existe em penalidade quem..."



Correndo atrás do Jeep, as crianças simbolizam a esperança de sobrevivência mais digna para os últimos remanescentes dos Maxacalis no País

ACESSO até a reserva maxacali do Pradinho, no município de Bertópolis, quase divisa com a Bahia, só foi possível de Jeep. Assim mesmo traçando as suas quatro rodas, em vários trechos. Um pequeno aberto no "colado" até os cascos de folha de coqueiro ao pé do "Mikai-Kaka" (Montanha de Pedra). Passamos, antes, pela construção paralisada da estação de observação. O projeto feito pela Lasser e à disposição da Funai desde 2 de maio de 1979, prevê a criação de uma comunidade com patos e galinhas para alimentar os índios, e uma escola para controlar a incidência da esquistossomose entre eles.

Passamos depois, por um desamparado maravilhoso que vai até o centro da reserva. Estacionamos o Jeep num alto, entre seis galpões de madeira que compõem, sem nenhuma ecologia, a sede administrativa do posto indígena. Os primeiros índios — 256 maxacalis divididos em quatro grandes famílias — foram aparecendo, aqui e ali, desolados. Rostos mais chapados e tristes que os vistos em Batinga e Santa Helena. Uma gente silenciosa e maltrapada, visivelmente abandonada. Nos olhares, uma mistura nítida de apreensão e repulsa pelo que faziam ali. Afinal, estavam no Jeep, que eles também conheciam, de Cabral.

As percebem a máquina fotográfica, fizeram um sintomático recuo. Valtair, o chefe do posto, foi logo prevenido o agente-do-índio José Silveira de Souza, o único que fala a língua maxacali na aldeia.

— Explica para eles, Juquinha, que os moços aqui são de Brasília. Diz que eles estão pegando uns dados para não deixar a polícia militar voltar aqui. O homem de 70 anos, que passou mais da metade de sua vida lidando com índios — daí o fato dele ser a única pessoa respeitada ativamente ali — foi discutindo na frente, enquanto Valtair nos levava, apressado, às lavouras de milho e mandioca, logo abaixo. Um terreno arenoso, limitado por dois barragões. Os índios mais sa-...

— Eu não gosto retrato. Índio não tem roupa. Não tem camisa. O chefe do posto nos fez recuar, alertando sobre a periculosidade de Marinho. Juquinha também interfe-riu, falando uma mistura de português com Maxacali. Mostrou-lhe a necessidade das fotos:

— Deixa tirar, Marinho! Senão o capitão Pinheiro volta para cá. Marinho quer isso? — Marinho gosta quem traz roupa. Traz camisa para índio, respondeu, apontando as roupas rasgadas. E acrescentou, à ameaça sugerida pelo intérprete: — Capitão Pinheiro bom. Ele traz roupa para Maxacali.

Quadrado branco O funcionário chefe da Funai nos desviou, desta vez, às lavouras de banana e abacaxi, enquanto Juquinha ficou apaziguando o índio. O mesmo terreno arenoso. Plantações difíceis e irrigadas diante do estado de desnutrição e despreparo cultural dos Maxacalis. A última plantação de mandioca tentada ali, o próprio Valtair confessaria, mais tarde, tinha sido devastada precocemente pelos índios. A mandioca nem chegou a crescer. Foi comida ainda nos primeiros bulbos.

Com as bananas foi diferente. A tribo não apenas colheu frutos, como destruiu toda a plantação: — Índio não está acostumado a plantar e esperar pela colheita. Sempre viveu da natureza. Passamos pelo campo de futebol da reserva, seguidos por um índio velho muito magro e banguela, que nos sorria sempre. Um menino que trazia um "bradesco" no peito da camiseta também nos acompanhava, esconden-

do no mato, sempre que o surpreendíamos. Em pouco tempo, à medida que íamos perguntando o que mais os índios estavam precisando, a convivência maxacali aumentava. Até Marinho chegou.

Na segunda palhoça o cacique ou "capitão" Antônio Marcolino apareceu hospitaleiro, na porta. E foi logo explicando, no chão, a razão do atrito com os fazendeiros. Pegou um graveto e fez um risco, depois outro, mais outro, até configurar um quadrado:

- Maxacali agora só aqui dentro.
- Levantou-se e repetiu a marcação, apontando a região com os braços:
- Tudo lá hoje fazendeiro.

### Uma sanfona

Passou nos pedidos: — Índio precisa espingarda. Caçar macaco. Caçar coati para comer. — Mas aí tem caça? Olhamos para o que sobrou de mata em volta. Antigas florestas de jacarandá e outras madeiras de lei que, segundo o maior Pinheiro, haviam sido devastadas e comercializadas pela própria Funai, razão principal do seu atrito com a instituição, o que também resultou na desativação do convênio com a Polícia Militar.

Marcolino afirmou que ainda havia caça. — Eles estão comendo nossa plantação.

Continuamos anotando as reivindicações do cacique: roupas, cobertores, facões para cortar capim e — pitoresco — uma sanfona. Valtair interrompeu o rosário de pedidos, dizendo que tudo aquilo havia no posto: — Depois passa lá, viu Marcolino? Tem tudo lá. Eu arrumo para Marcolino, tá?

— Tem não, respondeu o índio. Ainda buscou uma bota de borracha, tipo "verlon", dentro da palhoça. Uma bota toda rasgada, emendada com embra: — Tem posto também não, garantiu o cacique.

O funcionário da Funai ficou quieto.

### Mania de índio

Pedimos permissão para conhecer a casa de Marcolino, sob a advertência de Valtair: — É só vocês não se impressionarem. Índio gosta de morar assim mesmo.

Impressionamo-nos não com a ausência de coisas-básicas, mas com a mulher de Marcolino prostada, gemendo na cama, uma espécie de estrado de madeira: — Ela está assim faz dois dias. Fu-

nal tem injeção? O marido perguntou ao chefe do posto.

Valtair respondeu para a gente, não para o índio: — Não é nada não! É reumatismo. O Maxacali tem mania de injeção, e comprimidão. Qualquer coisinha...

Marcolino insistiu na injeção. Nós perguntamos pelo médico do posto. Valtair respondeu que não tinha. Perguntamos pelo enfermeiro. Disse que estava de férias. Ainda sugeriu tranquilidade ao Cacique:

- Pode deixar, Marcolino. Depois eu dou uma injeção nela. Aqui no Pradinho, saúde é prioritária.
- Mas você é enfermeiro?

O funcionário respondeu que não. E ainda nos proibiu de fotografarmos

a índia adoentada. Não suportamos a explicação de que tínhamos permissão da própria Funai para retratar, sem censura, as condições de vida daqueles índios: — Isso não pode ser mostrado não.

O chefe do posto ficou mais irredutível quando outra índia, filha do cacique, apontou uma criança que não estava "ba" (boa). Um menino de uns dois anos, com a barriga grande e o olhar parado: — Três dias lá, disse a mãe.

Valtair só permitiu fotografar os parentes não acamados de Marcolino. Assim mesmo, do lado de fora da palhoça. O cacique buscou e se orgulhou do colar no pescoço.

O índio Marinho, então uma outra pessoa, sem mais aquela agressividade

nos esperava na palhoça ao lado. Exibiu, feliz, o filho recém-nascido: — É homem, disse ele, enquanto uma eletrola novinha tocava uma música alegre. Era uma das faixas de sucesso do último LP de Amação Batista, intitulada "Um Pouco de Esperança". Foi este, inclusive, um dos dois únicos pedidos de marinho. Um disco novo do cantor. O outro coincidia com o do cacique Marcolino: uma sanfona.

### Remédios dos amigos

Passamos por um outro mandioccal, mais vistoso, onde começa o sistema d'água da reserva. Sem rio ou cachoeira, a água oferecida aos Maxacalis vem de uma mangueira afloreada e vazando, de PVC, de uma polegada até o reservatório modesto, no centro administrativo da aldeia. Não vimos também nada do que funcionário da Funai proclamou nos galpões de madeira, fechados a cadeias dos índios. — Se não for assim, eles entram e pegam tudo.

O chefe do posto mostrou o primeiro galpão, reservado ao motorista da Funai. O segundo vai ser ambulatório, o terceiro é usado como opção de alojamento aos visitantes. No quarto galpão funciona a escola bilingue dos Maxacalis, atualmente paralisada por falta de professores, merenda e alunos.

Continuamos conhecendo o lugar, com os índios cada vez mais próximos, acompanhando nos passos a passo. O mesmo ritual: Valtair chamava, e via-za um outro funcionário que abria e fechava os cômodos, à nossa passagem. A farmácia local, que funciona provisoriamente acoplada ao escritório da administração, foi o penúltimo galpão visitado. Um quatinho desarrumado, com uma enorme caixa de papelão no chão repleta de remédios. — Isso aí é o que eu ganho, consigo dos amigos. Sabe, disse o chefe do posto, tenho muitos conhecidos aqui na região.

Antibióticos, na maioria. Remédios para enxaqueca, talicardia e dor de barriga: — O que os índios reclamam é de dor-de-cabeça...

Havia muito remédio psiquiátrico também, com a faixa vermelha no rótulo, indicando a necessidade de ser receitado por um médico, para receita-los: — Eu sei, mais ou menos, o que ve dar para os índios, disse Valtair. Está com dor de estômago, é elixir parregórico e assim por diante. É só ler as bulas.

— Mas não vem médico aqui? — Vem um acadêmico, todo mês. Temos convênio com as faculdades de

Juiz de Fora e de Governador Valadares. — E dentista? — A mesma coisa. — Assistente social? — Temos uma permanente. — Aonde ela está? — Ela fica nas duas reservas. Qualquer problema é só chamar.

### Dia de Índio

A casa do administrador, onde funciona a chefia do Pradinho, foi a última instalação visitada. Nenhum conforto, tudo igual e precariamente improvisado. O mesmo excesso de paredes e chaves. — Estão vendo? Se não fizermos isso, não temos jeito nem de trabalhar.

Valtair apontou-nos a quantidade de crianças, curiosas, comprimindo-se na janela. E nos permitiu acesso à escrita da reserva. O primeiro registro contábil falava do que aconteceu no último 19 de abril, quando se comemora o "Dia do Índio" no País. Houve distribuição de pães, refrescos e queima de fogos de artifícios. Foram abastecidos dois bois.

- Fizemos um churrasco para os índios, Valtair informou.
- E como vocês arrumaram os bois?
- Compramos.
- De quem?
- Ele ri: — De Cabral.
- Mas como? Vocês não são inimigos?

O chefe do posto continuou rindo.

### Sem dentes

Constatamos uma grande distribuição de balas naquele dia. A última visita feita pelos acadêmicos de Odontologia de Valadares, cuja assistência se restringiu a extrações dentárias, atingindo menos da metade da tribo, foi igualmente vista: 88 dentes arrancados, no total. O repórter ficou com o índio Mané Cacá: nove dentes de uma só vez. O último acadêmico de Medicina que esteve ali atendeu a 60 índios, com casos que variaram de simples verminose à mais grave esquistossomose.

Na escola da reserva, as 120 crianças Maxacalis, matriculadas, de 7 a 14 anos, também não apresentaram um resultado satisfatório em termos de rendimento e frequência. "Sem auxiliares, sem merenda e por falta de utensílios para a sua preparação — estava escrito num comunicado à direção da Funai, em Brasília — a escola não conseguiu atrair as crianças.

A correspondência assinada pelo chefe do posto, em dezembro último, também pedia mais empreendimentos na reserva, por parte da Funai, principalmente alimentos: "... acreditamos que, no ano de 1982, possamos dar aos nossos irmãos índios melhores condições de sobrevivência". E denunciava a acusação feita pela Funai aos dois fazendeiros e colonos, de que eles estariam simulando o abate de animais, para incriminar os índios. Ao recomendar o manejo de roças familiares dentro da reserva, ao invés da frustrada experiência comunitária, Valtair dizia no documento: "... tais roças evitariam que os índios perambulassem pela região, criando atritos com a população, atacando as roças e abatendo gado dos fazendeiros vizinhos".

### Último pedido

A saída da casa de Valtair, já quase anoitecendo, toda a aldeia estava concentrada na praça, com uma outra fisionomia. Estavam lá Marinho, Antônio Marcolino, o menino e o velho que nos seguiram o tempo todo. Uma família Maxacali pediu tempo para apresentar-se, antes de ser fotografada. As mulheres colocaram vestidos estampados de chita. E pentearam o cabelo dos filhos.

Saimos agora sob a apreensão somente do chefe do posto. — Vocês poderiam ir até a outra aldeia, lá de Água Boa. Se a reportagem sair só daqui, a barra vai pesar para mim. Eles vão achar que só aqui tem problema.

Os índios mais velhos começaram a abanar a mão, espontaneamente, enquanto as crianças investiram numa correria alegre, atrás do Jeep. Gritando "pu" sem parar, que significa "adeus". O céu estava com um vermelho indescrivível e tal emoção só foi cortada por um último pedido de escola. O delegado regional da Funai também nos esperava em Governador Valadares.



Nas palhoças, e testemunho humano de uma assistência nada prioritária



Nos galpões sem ecologia, à espera de uma sensibilidade governamental



O índio Marinho e o cacique Marcolino solicitando roupas, esperança e sanfona

MAXACALI

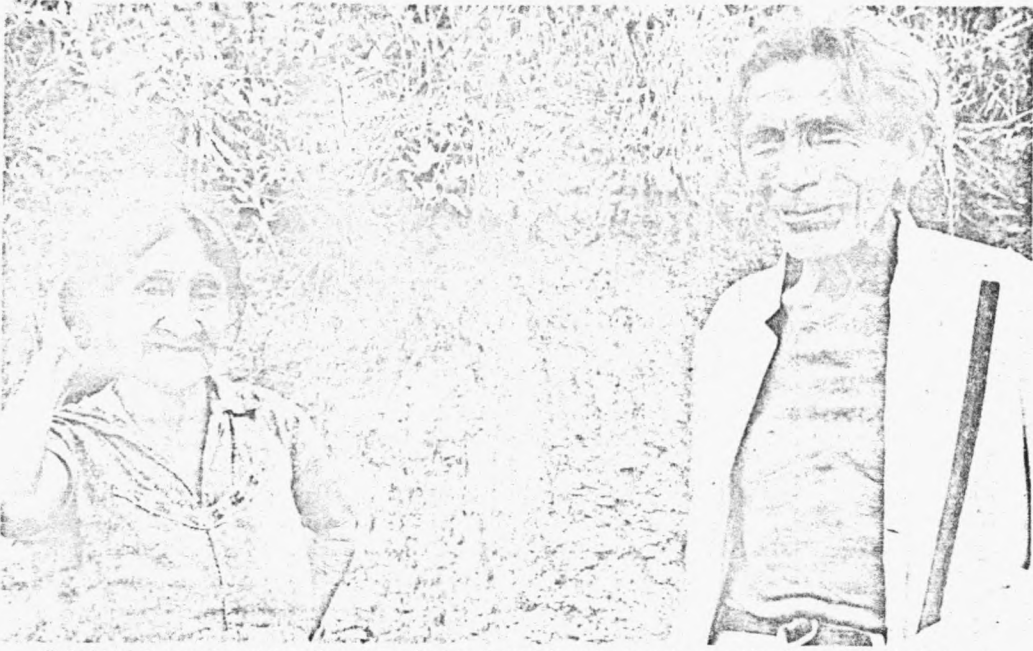
(V)



"Não incide em penalidade quem subtrai o estritamente necessário para não perecer à miséria". Jurisprudência brasileira — Art. 20 — Código Penal.

# A medida do coração civilizado

Hiram FIRMINO  
Fotos: Wilson AVELAR



Alheios à troca de acusações, os Maxacalis continuam famintos, à mercê do sentimento maior esquecido pelo homem civilizado: o amor

**A** TARDE do dia seguinte, estavam defronte à 112 Delegacia Regional da Funai, em Governador Valadares. Uma casa bonita, com jardins e varandas, de onde se administra, via chefes de posto, as seis últimas tribos indígenas de Minas, Bahia e Espírito Santo. Ou seja, o que restou dos Pataxós, Tupiniquins, Xaricabas, Krenaques e Maxacalis no País.

O delegado Carlos Roberto Grossi, 42 anos na Funai, ainda não havia ouvido. Nos já tivemos uma primeira e triste informação, enquanto aguardávamos. Era sobre os quatro sacos repletos de artesanato maxacali, dispostos a um canto da sala principal. Colares principalmente, vindos das reservas de Agua Boa e Pradinho, rumo a Brasília. Colares comprados dos índios por Cr\$20,00 cada um. E vendidos a Cr\$80,00 na capital federal.

— Fala mesmo! Aqueles índios estão passando fome mesmo. A Funai aqui não faz nada pra eles.

O delegado logo chegou, nos recebendo em seu gabinete, com um retrato do presidente Figueiredo, às costas.

— E então? ele perguntou. O que vocês acharam de lá?

— Terrível, não é, delegado? Ele concordou.

— O visual é triste mesmo, principalmente para quem conhece as reservas para primeira vez. Os índios do Pradinho ainda são muito primitivos. É realmente difícil trabalhar com eles. Tem o problema da embriaguez, da agressividade característica do Maxacali.

Perguntamos quantos índios oficialmente existiam naquelas reservas.

— Assim de cabeça, não sei — o

de reagir os índios tinham mais. O próprio envolvimento a que levaram o índio com o álcool, como forma induzida de auto-suicídio, dificulta ajudá-los. No Brasil, por exemplo, há lei que proíbe vender bebida para o índio. Por outro lado, não existe lei que o proíba de beber.

Abordamos o fato dos índios estarem abatendo o gado dos fazendeiros como forma de sobrevivência. O delegado respondeu energico:

— E mental! Eles não estão com fome, não. A comunidade da região é que ainda não entendeu a peculiaridade própria do Maxacali. Os maxacalis são caçadores e coletores por natureza. O próprio furto, no caso, de que os moradores ali os acusam de praticar, é um aspecto altamente valorizado entre a tribo. Eu sei que é difícil entender os índios e

veríamos ser tão carnívoros quanto os índios, não abrimos mão da carne em nossa alimentação diária.

Carlos Grossi respondeu: — O problema do Maxacali não é fome, já disse. A Funai gastou recentemente Cr\$16 milhões de cruzeiros somente em alimentos, para evitar que eles saíssem das áreas reservadas.

— Nestes "alimentos" está incluída carne? — insistimos, lembrando-lhe a falta de caça e pesca nas reservas.

— Nós fornecemos salsichas, sardinha e mortadela para eles. Mas é impossível dar carne de boi. Imagine o que significaria comprarmos a carne necessária para todos os índios que a Funai tutela no País! A Funai não tem dinheiro para isso.

Perguntamos se não havia um meio da Funai, por ser um órgão diretamente vinculado à Presidência da República, envolver mais dinamicamente os demais órgãos que pudessem contribuir na solução global da sobrevivência dos índios. Exemplificamos com o IBDF, restando as reservas, o Ministério da Agricultura, introduzindo a pecuária entre os índios e apoiando tecnicamente o manejo das lavouras de subsistência melhorando o habitat natural.

O Delegado só balançava a cabeça negativamente:

— A Funai tinha de ter mais recursos para isso. Ela já recebe uma verba muito grande do governo federal.

Nós insistimos, talvez até ingenuamente:

— Mas a Funai não é justamente o órgão que representa, no nosso caso, a civilização que levou os índios à situação em que se encontram. E que, por isso, mesmo, lhes deve um tributo à altura. No caso lá do Pradinho mesmo, delegado, o senhor não acha que a Funai deveria fazer infinitamente mais do que faz ali?

Ele confessou que a Funai não tem um só médico contratado para assistir as seis tribos indígenas que sobram nos Estados da Bahia, Minas e Espírito Santo, sob o seu controle.

Nós nem continuamos a conversa. Ele nos prometeu enviar, depois, pelo correio, um xerox da lista dos Cr\$16 milhões de cruzeiros gastos pela Funai, em alimentos para os Maxacalis: trinta toneladas de arroz, 15 mil quilos de açúcar, 16 mil latas de sardinha e por aí fora.

— O que será que estava acontecendo, então?

## Prova oficial

**D**OIS dias depois, nós já tínhamos em mãos segundo o delegado regional da Funai — a "prova oficial" de que os 436 últimos remanescentes do Maxacali no País não estavam passando fome, apesar do que tínhamos testemunhado com os nossos próprios olhos. A lista apontava, realmente, toneladas de alimentos. Como também registrava qual o período que tais alimentos foram fornecidas aos índios: de julho de 1960 a dezembro do ano passado. Ou seja, durante 540 dias, assim mesmo considerando que tais alimentos tenham chegado íntegros até às reservas Maxacalis.

As toneladas de alimentos proclamadas pela Funai, de repente, já não eram mais tão significativas. Ainda nos temos de dividir matematicamente — considerando apenas 400 índios, para dar conta redonda — essas quantidades de alimentos por cada Maxacali. Os resultados foram de assombração, considerando a grande maioria de crianças e recém-nascidos, em fase de crescimento físico e mental, existente naquelas aldeias.

**Ração diária**  
Levamos a lista imediatamente à análise da nutricionista mineira Maria de Lourdes Mello, professora titular recentemente aposentada da Escola de Saúde Pública do Estado, considerada uma das maiores auto-

ridades no assunto do País, com vários livros já publicados. A atual supervisora de nutrição da Manemann e da fábrica do Celite, em Santa Luzia, pediu a semana do carnaval para estudar criteriosamente a relação de alimentos da Funai. Ao apresentar os resultados, ela ainda nos ajudou nas contas.

As 31 toneladas de arroz enviadas pela Funai, durante um ano e meio, significaram apenas 143 gramas por dia, para cada índio. As cinco toneladas de feijão, na verdade, foram somente 23 gramas por dia para cada membro da tribo. Isto quer dizer o mínimo necessário é de 60 gramas por dia.

Quanto a cotas de feijão, o Maxacali teve direito a apenas oito gramas/dia, quando se recomendam 20 gramas. E o cálculo do leite — em pó e desnatado, numa região tí-

picamente leiteira deu menos de um quilo/dia para as duas reservas Maxacalis juntas. A cada índio, no caso, couberam duas gramas de leite/dia. Isso para quem, como ser humano, necessita de 200 gramas.

## Nove miligramas

Os cálculos continuaram sendo feitos, para o espanto da nutricionista: 17 gramas de macarrão, outras 17 gramas de farinha de trigo por dia, para cada índio. A ração diária de farinha de mandioca fornecida pela Funai não deu nem três quilos diários, para os 400 Maxacalis. No máximo, cada índio comeu um décimo do mínimo necessário. A quantidade de açúcar foi menor ainda: seis gramas. Segundo a nutricionista, uma pessoa normal necessita de 100 gramas por dia.

Quanto à mortadela enviada pela Funai, naquele mesmo período, a especialista nem considerou sua quantidade para análise. Feitas as contas, as tribos Maxacalis tiveram uma ração de 37 gramas para dividir entre si, ou seja cada índio teve direito a 940 miligramas de mortadela por dia (um miligrama equivale a milésima parte da grama).

Maria de Lourdes Mello também desconsiderou a análise das cotas de caça (peixe) remetidas pelas Funai. Nada mais que 18 miligramas para cada índio, por dia. E ainda não contou as 16 mil e 200 latas de sardinhas enviadas aos Maxacalis. Quantidade essa que, trocada em miúdos, deu apenas uma centigrama de peixe conservado por dia. Houve envio de latas de "Nescau" também, pela Funai, neste período: 0,0002 parte de quilo, para cada índio.

**Vinhos coloridos**  
"A análise bromatológica feita — disse a nutricionista, no seu relatório — verificamos uma carência nutricional acentuada nos alimentos considerados básicos fornecidos aos índios, dado as pequenas cotas/dia, sem discriminação de idades. Quanto aos produtos superfluos, apontados pela Funai como "nutrientes", deixamos de analisá-los pela inconveniência de terem sido fornecidos como alimentação complementar aos indígenas. Mesmo para a alimentação rotineira, não podem ser considerados alimentos, inclusive é até indesejável o seu consumo, os refrescos e bebidas de sabores e cores artificiais."

A especialista se referiu à quantidade, também irrisória, de refrescos, balas e pirulitos enviados pela Funai aos Maxacalis. Mesmo se fossem saudáveis tais alimentos e os odontológica preventiva nas aldeias, os números eram tristes: dois quilos de "vinhos coloridos" para as quase 200 crianças maxacalis. Outros exemplos: duas sacolas de pirulito "toffe", mais duas outras sacolas do tipo "abelhinha", quatro de balas sortidas e um tubo de drops, ao longo dos 18 meses.

— A Funai — ela disse — deveria abandonar o envio de guloseimas que tenham corantes e sabores artificiais que, sem valor nutritivo alguma, ainda prejudicam seriamente a saúde das crianças índias.

Condenou também o envio de sardinha e mortadela:

— Tal consumo não é aconselhável, sem prévia recomendação. No caso de fornecê-los, deve-se ensinar os índios como verificar o seu estado de conservação. Melhor seria substituir tais alimentos ditos civilizados, por acarretarem um perigo potencial à saúde daquela gente. Os enlatados e embutidos são os alimentos que mais matam pessoas por botulismo, além de poder provocar uma série de outras intoxicações.

**Medidas oficiais**  
No final do relatório, a nutricionista Maria de Lourdes Mello recomendou, em um gráfico, todos os alimentos básicos constantes na lista da Funai (arroz, feijão, fuba, leite, farinha de trigo, de mandioca, açúcar e macarrão). Dividiu-os ainda, para análise, em quantidades respectivas de hidratos de carbono, proteínas e gorduras. Esta soma deu 774,16 calorias, quando o mínimo necessário para um trabalhador, durante um dia, é de quatro mil calorias, em média.

— Como se pode verificar, foi rigorosamente impossível analisar a proteína da Funai, diante das quantidades de alimentos apresentadas. O total destes nutrientes é insuficiente, em termos de proteínas, sobretudo aquelas de alto valor biológico, encontradas principalmente nas carnes. A gente lembrou do que estava escrito em uma das salas da administração Regional da Funai, em Governador Valadares: "A medida do homem é a medida do seu estômago."



No sorriso da criança Maxacali, a esperança ingênua de que algo seja feito rapidamente

O delegado respondeu, curioso pela insistência dos fazendeiros. Eles estão querendo, à volta da Polícia Militar, não é? Eles fiquem sabendo que as áreas que a própria Funai foi quem lutou pela extinção do comércio com eles. No tempo da capitão Figueiredo, os índios viviam um regime militar. Eles tinham hora para acordar, hora para levantar, hora para fazer tudo, o que fez da nossa sociedade de trabalho. Eles viviam numa em um campo de concentração. Está certo os índios serem polidos dentro do que sobrou das reservas? Eram até torturados ali.

— Mas não foi isso que ouvimos dos índios — observamos ao delegado. O próprio Maranhão declarou, na frente do chefe de posto, que gostava do capitão Figueiredo.

— O Maranhão, Figueiredo?

— Faltou.

**Auto-suicídio**  
A conversa mudou. Voltamos a falar as condições miseráveis de vida dos Maxacalis. Carlos Roberto Grossi nos disse que eles já haviam melhorado bastante.

Você não viu nada. Quando eu cheguei ali, o Maxacali queria morrer. As crianças estavam à beira da morte, de tanto ser massacradas pelos fazendeiros. Nem vontade

respeitá-los nesta sua característica cultural. Nós sofremos este problema, lado a lado, com o Maxacali.

— Como assim?

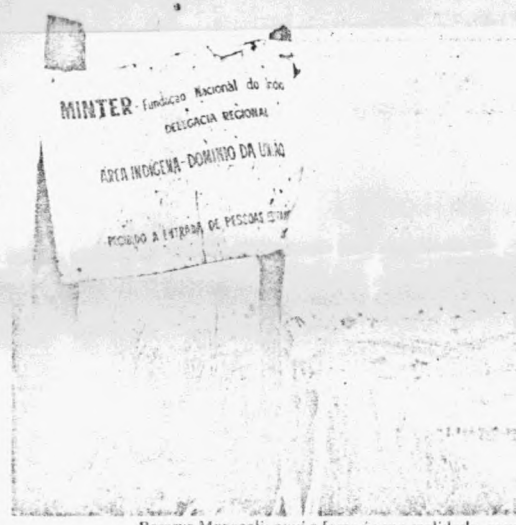
— Por exemplo, continuou o delegado. Nós explicamos aos índios que existem regras na nossa cultura, que eles precisam respeitar também. Salvo o que eles respondem sobre a questão da demarcação das reservas? Dizem simplesmente: "terra fazendeiro é tudo nossa", e pronto. Para eles, quando fez o mundo, Deus lhes deu os animais selvagens para sobreviverem. Já os animais domésticos, Deus os criou exclusivamente para o homem branco. Se que este homem, que somos todos nós, destruiu as matas, poluiu os rios e pôs fim aos animais selvagens. Daí o fato de afirmarmos ser a população vizinha conveniente também com a situação do Maxacali.

Afinal, os índios julgam-se hoje no direito de comer os nossos animais. A nossa luta é tentar resolver isso, conciliando os dois aspectos da questão.

— Mas se se tivessem carne dentro da reserva, os Maxacalis não diminuiriam, pelo menos, os ataques às fazendas da região? Ainda ponderamos ao delegado: Nós, que não de-



O mesmo sorrir, apesar das marcas (no nariz) do abandono



Reserva Maxacali: aqui a fome é uma realidade, comprovada pela Funai

Esta reportagem encerra a série "O Drama Maxacali"

*Carta de Manóel dos Santos Pinheiro*  
**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI



032/82

16.ABR.82

REPORTAGEM SOBRE OS ÍNDIOS MAXACALIS  
ASI/FUNAI

-  
-  
-

DSI/MINTER

a - Resumo da reportagem; b - Reportagem original e c - Prontuário de Manoel dos Santos Pinheiro

9. Avaliação : A/1

- No período de 2 a 6 de março de 1982, em publicações diárias de uma página inteira, o Estado de Minas divulgou ampla reportagem de HIRAM FIRMINO (fotos de WILSON AVELAR) sobre os índios MAXACALIS (anexo b).
- A reportagem foi sugerida pelo recém-reformado Major da PM MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO - ex-titular da Ajudância MINAS/BAHIA (atual 11a.DR), no período de 1968 a 1973, quando era Capitão da ativa - e foi produzida a partir de uma carta endereçada ao Governador de Minas Gerais por dois fazendeiros, cujas glebas confinam com a aldeia indígena de PRADINHO, na qual reclamam providências contra os desmandos praticados por aqueles índios e acusam a FUNAI de praticamente nada fazer para resolver o problema.
- Como argumento final para convencer o jornalista a fazer a reportagem, o Major PINHEIRO que subscreveu documento de protesto dos fazendeiros contra a resposta dada pelo MINTER às acusações contidas

TOA E QUALQUER PESSOA QUE TOME CO  
NHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA  
AUTOMATICAMENTE RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (Art. 12 do  
Decreto nº 79.099/77 Regulamento para Sel-  
v-guarda de Arquivos Sigilosos)

**CONFIDENCIAL**

**CONFIDENCIAL**MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PSS 432, p. 118/119



na carta inicialmente dirigida ao Governador de Minas, e que possui uma propriedade de 150ha, vizinha aos MAXACALIS, adquirida em 1970 - declarou textualmente: "não há outro meio de sensibilizar o pessoal da FUNAI que fica em Brasília cercado de vidro e conforto".

2. Da análise da reportagem (resumo em anexo), em cujos cinco capítulos figura ~~frequentemente~~ o Major PINHEIRO, ora prestando declarações, ora citado por fazendeiros saudosistas do período em que ele fora funcionário da FUNAI - ficou caracterizado o seguinte:
- interesse do Major PINHEIRO no afastamento dos índios da região, por ser proprietário de gleba junto à Reserva dos MAXACALIS e essa proximidade desvalorizar suas terras;
  - interesse dos fazendeiros em criar uma imagem de terror e tensão constantes na área, provocada pelos índios, com o único objetivo de vê-los afastados dali, em proveito de uma maior valorização de suas terras;
  - interesse dos fazendeiros em forçar o retorno do Major PINHEIRO para desempenhar a função de Delegado Regional da FUNAI, por ter o mesmo, quando de sua gestão na Ajudância Minas Bahia, atual 11a.DR, imposto uma política de opressão e repressão aos índios, altamente conveniente aos proprietários da região;
  - interesse do Major Pinheiro em propagar, através dos órgãos de imprensa, o problema do índio na área, criando uma imagem negativa e desgastante da FUNAI;
  - as condições miseráveis em que vivem os índios MAXACALIS, abordando principalmente o problema do alcoolismo e a falta de atuação efetiva da FUNAI, naquela reserva.

1000 E QUALQUER PESSOA QUE TOME CO  
NHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA  
AUTOMATICAMENTE, RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (AR. 12 do  
Decreto nº 70.000/77 Regulamento para Ser-  
vidores de Assuntos Sigilados)

**CONFIDENCIAL**MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3. A ação que vem sendo desenvolvida pelo Major PINHEIRO é altamente prejudicial à FUNAI, que vem realizando grande esforço no sentido de recuperar a comunidade MAXACALIS - que se encontra, realmente, em estado deplorável, mas já apresentando sinais de melhora, em consequência das medidas postas em prática pelo órgão tutelar.

- Conforme se infere do resumo dos registros referentes ao citado cidadão (anexo c), não é esta a primeira vez que o mesmo investe contra a FUNAI, sempre com o propósito de tentar o retorno à 11a.DR.

1004 E QUALQUER PESSOA QUE TOMAR CO-  
NHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA  
AUTOMATICAMENTE RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (Art. 12 do  
Decreto nº 79.099/77 Regulamento para Sel-  
vaguarda de Assuntos Sigilosos)

**CONFIDENCIAL**

MINTER - FUNAI

GABINETE

DO

PRESIDENTE

TRAMITAÇÃO PREFERENCIAL

Para:

1 DGO

2

3

4

	Seu Parecer		Sua informação		Falar-me
X	Para ciência e devolução		Atender	X	Preparar resposta
	Para ciência e passar		Aguardar		Como solicitado
	Sua assinatura		Preparar rascunho		Para discussão
	Para aprovação		Para arquivo		Agir
	Datilografar		Juntar papéis relacionados		Justificar

OBSERVAÇÕES:

*Dr. Presidente solicitada, após estudo, preparar resposta, informando das providências.*

*José Pinheiro Concedo*  
 Chefe do Gabinete / FUNAI / 20/5/82

De:

N.º 831/5AB

Data: 20 MAI 1982



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
PROCURADORIA GERAL DA JUSTIÇA

Ofício nº: 258/82

Prot. 1.440

FUNAI SEC/GAB	
01233	
ENTRADA	EM 19.05.82
SAÍDA	EM 20.05.82

Belo Horizonte, 12 de maio de 1982.

Senhor Presidente.

Pelo presente, encaminho a V. Exa. tópico de relatório enviado pelo Promotor de Justiça substituto da comarca de Águas Formosas, Bel. José Batista de Alvarenga Coelho, referente à situação dos índios Machacalis, daquela comarca, para as providências que julgar necessárias.

Ao ensejo, apresento-lhe os meus protestos de estima e apreço.

*Bernardo Mascarenhas Cançado*  
BERNARDO MASCARENHAS CANÇADO

CORREGEDOR-GERAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Exmo. Sr.

JOÃO CARLOS NÓBREGA DA VEIGA

DD. Presidente da FUNAI

F.K.F. Q.1 - Bloco A - 9º andar

BRASÍLIA - DF

CHC/

FUNAI DGO	
Entrada:	20.5.82
Número:	1430
Envia-se:	Wally
Rubrica:	<i>[assinatura]</i>



SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Protocolo

1440

Comarca

Águas Formosas

Promotor de justiça

substituto:

D. José Batista de Alvaranga Coelho

Os índios Machacalis

Os índios Machacalis, que originariamente habitavam o litoral do País e pertenciam o ramo dos Tapuias, encontram-se organizados na região de Águas Formosas em três aldeamentos distintos: Pradinho, o mais numeroso; Micael e Água Boa. Situam-se tais aldeamentos na cabeceira do córrego Imburanas, tributário do rio Alcobaça, ocupando uma área de 800 alqueires geométricos. Até o ano de 1953, tal região pertencia ao município de Águas Formosas. Em 12 de dezembro de 1953, o Distrito do Norte emancipou-se de Águas Formosas, com o nome de Machacalis, ficando a aldeia em sua área territorial. Em 30 de dezembro de 1962, Machacalis perdeu o distrito de Bertópolis, que incluía em sua área as terras pertencentes aos indígenas.

Desconhecíamos a existência de tais aborígenes em nosso Estado. Daí nosso especial interesse em atender as recomendações de nosso Procurador Geral no sentido de que fossem obtidas informações sobre a situação em que vivem na atualidade. Infelizmente, os dados que pudemos obter mostram nos um quadro extremamente desolador. É que, pobres e atrasados, habitam imundos casbres, em condições bem mais precárias que quaisquer outras de nossos míseros sertanejos. Tais descrições levaram-nos a imaginar tais cubículos, sujos e mal cheirosos,

440  
 JOSÉ BATISTA DE ALVARENGA COELHO

Promotor de Justiça

relatório... fls. 03

onde o vírus de uma doença sempre espreita a próxima vítima.

Para quem, como nós, o encontro com os descendentes dos valorosos Tapuias parecia ser emocionante, a decepção foi enorme. Um domingo, em Águas Formosas, pudemos observá-los: magros, sujos, pálidos, ventre avolumado, sorriso triste e dentes completamente estragados. Malos da "civilização" ! ..

Atualmente, com a escassez da caça, pesca e frutas silvestres, alimentam-se principalmente da mandioca. Desfigurados pela falta de proteínas, ainda encontram nos hidrocarbonatos dos tubérculos a tênue chama da vida.

Vestem-se como os miseráveis sertanejos. As crianças até certa idade não usam roupas. Nos dias de feira, geralmente aos domingos, levam para os povoados próximos o produto de um artesanato pobre e mal acabado. São expostos à venda arcos, flechas, bodoquos, panelas, potes e gamelas. É bastante comum nessas ocasiões a venda por indivíduos inescrupulosos de cachaça aos índios. Embriagados, brigam entre si, machucam-se e terminam o dia caídos sobre as empoeiradas estradas da região.

.....

O "Estado de Minas", durante o mês de março do corrente ano, publicou uma série de reportagens denunciando a penúria em que vivem os indígenas da Comarca de Águas Formosas e a existência de constantes conflitos entre os mesmos e os fazendeiros da região.

Contudo, sabemos todos nós, a história dos índios no Brasil é pródiga nesses exemplos.

Perseguidos, escravizados, torturados e assassinados, o indígena brasileiro encontra-se em fase de extinção. São raros os homens como os Villas Boas e o Marechal Rondon. Em Minas Gerais, portanto, os exemplos não poderiam ser outros.

Os machacalis sempre foram perseguidos e maltratados. O Príncipe Wied-Neuwied, citado por Péricles Ribeiro, in "Pioneiros de Águas Formosas", relata-nos o seguinte fato:

"Nas margens do Alcobaga, um fazendeiro possuía suas plantações que estavam sendo prejudicadas pelas visitas dos aborígenes. Estava colérico e idealizou um plano diabólico para se vingar. Um dia, um obsoleto canhão, talvez

Jlu

JOSÉ BATISTA DE ALVARENGA COELHO  
Promotor de Justiça

relatório... fls. 14.

de um forte em ruínas, foi utilizado contra os selvagens no intuito de exterminá-los, num vergonhoso e desumano ardil. Armandoo à entrada da roça, deixou escondido na folhagem dos caminhos os cordéis que iriam acioná-lo. Inadvertidamente, logo depois, os índios, ao se aproximarem do roçado se detiveram examinando aquela esquisita peça. Os mais apressados arrastaram a armadilha pelos pés; e... grande estampido ecoou abafado no recanto solitário da mata. Entre os gritos lacinantes de dor, estendiam-se pelo solo úmido 30 cadáveres dos naturais. E no cimo da colina, o perverso posseante se comprazia da 'eficiência' do engenho mortífero e a confiança de não mais ser prejudicado por aquela gente".

Tal fato, ocorreu por volta de 1815.

Mais recentemente, relata-nos Péricles Ribeiro:

" Quase nada, tem sido feito pelos índios, que assolados pelas doenças, assediados pelos brancos que desmataram as suas terras e lhes venderam aguardente, envolveram-se de uma mísera vida, careca, desnutrida, definhada e terrível".

" Existia um regular rebanho de bovinos pertencente às aldeias, mas foi criminosamente desviado alguns anos mais tarde, por funcionários inescrupulosos. A região viu angustiada a infeliz administração de Serviço de Proteção ao Índio até alguns anos atrás (1970), não sabemos se por carência de verbas ou por deficiência moral daqueles que administram as aldeias".

" No córrego dos Caboclos existia uma tribo, enquanto outra andava pelo Alcobaça. Visitando a povoação de Felisburgo (antigo Rubim) foram presenteados com roupas contaminadas por varíola. As consequências tornaram-se desastrosas para a tribo, como era de se esperar. Irrompeu uma violenta epidemia entre eles, quase dizimando a aldeia. Os remanescentes afastaram-se e se uniram aos de Alcobaça. Dizem que o presente contaminado foi preparado conscientemente pelos doadores".

A atual administração das aldeias, segundo informações obtidas em Águas Formosas, parece realizar um trabalho mais honesto em relação aos silvícolas, apesar da incompetência flagrante. As terras onde estão situadas as aldeias deixaram de ser "arrendadas" pelos fazendeiros da

440  
JOSÉ BATISTA DE ALVARENGA COELHO  
Promotor de Justiça

Relatório.../fls.05.

região, as matas tornaram-se intocáveis e a polícia federal mostra-se vigilante quanto ao fornecimento de aguardente aos aborígenes. Daí a revolta dos fazendeiros com a atual administração e os constantes atritos ocorridos ultimamente.

A igreja de Teófilo Ottoni, antes de deixarmos a Comarca de Águas Formosas, divulgou um boletim contestando trechos de algumas das reportagens publicadas pelo "Estado de Minas", sob a alegação de que seriam inverídicas as afirmativas sobre o bom nome do Capitão Pinheiro entre os Machacalis. Consta, segundo a nota divulgada, que os índios sempre foram maltratados pelo antigo administrador da reserva.

Acreditamos que a solução para o problema é bastante simples. Falta apenas a designação para a reserva de funcionários capazes para tal mister, que compreendam a situação do silvícola e realizem um trabalho que possa gerar bons frutos. Não basta a proteção física do índio contra o abuso dos brancos. É necessário que um empreendimento de base seja realizado, objetivando a preservação do que ainda resta de sua cultura. Caso contrário, vivendo em completa situação de penúria, o futuro será o mais negro possível. Magros, famintos e doentes, caminharão os Machacalis por uma estrada onde ocorrerá a extinção completa da raça. É lamentável que isso ocorra no século em que vivemos, ocasião em que todas as vozes mundiais clamam pela verdadeira realização dos direitos fundamentais do homem.

PSS 438, p. 126/177

S79AB



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS  
PROCURADORIA GERAL DA JUSTIÇA

Exmo. Sr.

JOÃO CARLOS NÓBREGA DA VEIGA

DD. Presidente da FUNAI

F.K.F. Q.1 - Bloco A - 9º andar

70.000 - BRASÍLIA - DF



10/100

10/MG

- MINTER -  
FUNAI BRASÍLIA - DF  
SETEL  
3 MAI 1982  
PPI 21 - BSB

0503.1236

611344FUNAI UR  
312051FANG BR

FUNAI SEC/GAB  
01050  
ENT. M. S. 05/05/82  
SAÍDA EM

03/MAI/82

ILMO. SR.  
CORONEL PAULO LEAL  
DD. PRESIDENTE DA FUNAI  
BRASILIA - DF

COM OS MEUS CORDIAIS CUMPRIMENTOS, TENHO O PRAZER DE TRANSCREVER ABAIXO, NA INTEGRA, OFICIO QUE VIMOS DE RECEBER DO SR. MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, DELEGADO DO SINDICATO RURAL DE AGUAS FORMOSAS - MG:

EXMO. SR.  
DEPUTADO EDILSON LAMARTINE MENDES  
DD. PRESIDENTE DA F A E M G  
CAPITAL - MG

SENHOR PRESIDENTE:

TENHO O PRAZER DE LEVAR AO VOSSO CONHECIMENTO QUE NOS DIAS 20, 21 E 22 DO CORRENTE, ESTIVE EM VISITA AO MUNICIPIO DE BERTOPOLIS, ONDE SE LOCALIZA A RESERVA INDIGENA DOS MAXACALIS, NO NORDESTE DO NOSSO ESTADO.

OS INDIOS FORAM RECOLHIDOS AOS SEUS ACDEIAMENTOS, ONDE ESTAO SENDO DEVIDAMENTE ASSISTIDOS PELA FUNAI, TENDO A CALMA E A TRANQUILIDADE VOLTADO AOS LARES DOS COLONOS E FAZENDEIROS DA REGIAO, NOS ULTIMOS 40 DIAS.

SOLICITO-VOS, POIS, EM NOME DA POPULACAO RURAL DO MUNICIPIO DE BERTOPOLIS, FAZER CHEGAR AO CORONEL PAULO LEAL, PRESIDENTE DA FUNAI, OS SINCEROS AGRADECIMENTOS PELAS PROVIDENCIAS TOMADAS PARA O RESTABELECIMENTO DA ORDEN NA REGIAO, FAZENDO VOTOS PARA QUE A PAZ E A TRANQUILIDADE SEJAM DURADOURAS.

ATENCIOSAMENTE

MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO  
DELEGADO DO SINDICATO RURAL DA COMARCA DE  
AGUAS FORMOSAS - MG

ATENCIOSAMENTE

EDILSON LAMARTINE MENDES  
PRESIDENTE DA FEDERACAO DA AGRICULTURA DO ESTADO DE MINAS GERAIS


611344FUNAI UR  
312051FANG BR

TRAN/MONICA  
REC/

PSS 432, P. 128/177

# TELEGRAMA

Nome e cargo do Expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços.

 MINISTÉRIO DO INTERIOR <b>FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI</b>	Preâmbulo		CARIMBO DA ESTAÇÃO 210582 18-5
	Espécie O F I C I A L Origem... GVR...	Número ..... 98 Palavras ..... 100	
INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS		HORA DA TRANSMISSÃO	
Enderêço		INICIAIS DO OPERADOR	
DIRETOR DGO			
Nº 407/119 DR DE 24 DE 1952 PT LAMENTAMOS INFORMAR V. S.ª VC APTS MAIS FOIS ANOS SEM CONDIÇÕES INCIDENTES VIGILANCIA FORA / MAXACALI VC OCCORREN VG DIA 22 CONNENTE VC ASSASSINATO INDIA PARTI / NHA MAXACALI VC PRATICADO SEU ESPRISO LOURO MAXACALI PT SECUNDO / PRIMEIROS INFORMES CHEGADOS HOJE VG CRIME GOVERN QUANDO LOURO VG COMPLETAMENTE EMBRIGADO VG APLICOU DIVERSOS COLPES DE FIC ET / PERRETE EM SUA COMPANHIA PT ESTAMOS SOLICITANDO HOJE OPT VG APE RAGO CIRCUNSTANCIAS CRIME BEM COMO IDENTIFICACÃO FURNEDER ALCOOL PARA CONSEQUENTE ENQUADRAMENTO LEGISLAÇÃO COMO CO-AUTOR POR TER CONCORRIDO CRIME FORNECEDOR ALCOOL INDIOS PT  CARLOS ROBERTO GROSSI DEL 119 DR			
Assinatura ou rubrica do expedidor			

Mod. 137 - Bl. 50x4 - 148x210

SITUAÇÃO ATUAL DOS ÍNDIOS MAXAKALI

Os Maxakali dominavam, como caçadores-coletores nômades, uma vasta área situada entre o rio Jequitinhonha, o rio Mucuri e o litoral do Atlântico que banha o sul do Estado da Bahia. Aí viviam vários grupos Maxakali, totalizando cerca de 1.000 pessoas, quando encontrados. Sob os efeitos negativos da compulsão colonizadora, foram quase extintos, resistindo apenas uns 50 indivíduos que se refugiaram no Vale do Mucuri. Atualmente, são em número de 436 pessoas, vivendo em duas glebas descontínuas com 3.133 ha, no município de Bertópolis, no Nordeste do Estado de Minas.

A ocupação efetiva da região, no princípio do século, além de reduzir-lhes o território, extinguiu-lhes, também, o celeiro natural, tirando-lhes as possibilidades tradicionais de sobrevivência. De uma autonomia econômica passaram a uma situação de dependência total da sociedade regional. Sem alternativa viável de subsistência, devido às diferenças culturais, os Maxakali vivem de maneira extremamente precária, dependendo totalmente da assistência e tutela do órgão oficial. Sem perspectiva de futuro, entregam-se ao alcoolismo, fugindo à dura realidade. Alcoolizados, tornam-se muito agressivos, lançando-se uns contra os outros. Agressões e assassinatos tornam-se constantes.

A cultura Maxakali, todavia, vem resistindo aos embates do contato, por mais de um século. Não fosse essa resistência, Minas já teria perdido o privilégio de abrigar em seu solo mais essa riqueza que se denomina "cultura Maxakali".

Os índios conservam, apesar de tudo e de todos, a língua, a religião, o sistema de parentesco e a habitação tradicional. Constroem suas aldeias, formadas de choças de capim colônio, dispostas em forma circular com a casa de religião completando o círculo. Em termos de habitação, são independentes, pois dominam a técnica e possuem a matéria-prima para a construção das casas.

A atuação da FUNAI, desde 1980, tem se verificado de maneira efetiva e séria como nunca ocorreu na história dos Maxakali; entretanto, dada a complexidade da situação e as consequências dos erros do passado, os resultados positivos, conseguidos até aqui, não demonstram transformações radicais. Os resultados concretos, desta ação, virão com a continuidade e persistência do trabalho através da solidificação dos resultados gradativos nos diversos setores. Uma comunidade em crise responde com muita lentidão aos estímulos. Passado o primeiro momento de impacto, cai, novamente, no desânimo. Novas medidas tornam-se necessárias para manter o entusiasmo. Mas não basta que as medidas sejam novas, é necessário que sejam viáveis e não paternalistas, pois do contrário aumentarão, cada vez mais, a dependência.

Para a atual ação planejada, baseada em resultados de longa pesquisa, uniram-se em convênio a FUNAI e a UFJF, permitindo, além de recursos financeiros, a presença de pessoal especializado no campo. Precisando vencer, muitas barreiras, muitas resistências, inclusive a incompreensão de certos setores da sociedade envolvente, que não admitem o fortalecimento dos índios, prossegue o difícil trabalho de reconstrução da comunidade Maxakali há 22 meses. A equipe de campo, composta de 21 pessoas, distribuídas nos dois Postos, compreende:

- técnicos indigenistas (2)
- auxiliares de enfermagem (2)
- acadêmicos de medicina (1)
- técnico agrícola (1)
- motoristas (2)
- tratoristas (2)
- auxiliares administrativos (3)
- professoras (3)
- antropólogo (1)
- psicólogo (1)
- linguísta (1)
- braçal (1)
- carpinteiro (1).

#### Síntese do Programa de Trabalho

Visando ajudar o povo Maxakali a vencer a escravidão da embriaguez, da fome e da doença, foi elaborado e colocado em execução um plano de trabalho. Para tanto, foi desdobrado em subprogramas de subsistência, saúde e educação, tendo a FUNAI alocado recursos na ordem de Cr\$9.000.000,00 (Nove milhões de cruzeiros), no primeiro ano, e de Cr\$ 6.000.000,00 (Seis milhões de cruzeiros), no segundo ano.

#### Subsistência

Visando a melhoria do nível de nutrição, excluindo o paternalismo de fornecer gratuitamente os alimentos, foi implantado um sistema de trabalho agrícola com roças coletivas e roças familiares. Além da plantação de mandioca e batata-doce, produtos básicos da alimentação atual dos Maxakali, está sendo incentivado o plantio de cereais e frutas para o consumo interno. Foram plantadas 1.000 mudas de frutas cítricas, 2.500 mudas de abacaxi, 2.000 mudas de banana, além de 5 ha de milho, 7 ha de feijão, 15 ha de mandioca, 5 ha de cana-de-açúcar, 5 ha de batata-doce sob o sistema de roças comunitárias educativas e, sob a forma de roças familiares, foram plantados 16 ha de feijão, 16 ha de mandioca e 8 ha de batata-doce. Além disso, instalou-se uma Cantina Reembolsável, que fornece roupas, alimentos, sementes e ferramentas, mediante um plano de trabalho.

*Handwritten signature*

Estão sendo construídos 3 (três) açudes para a introdução de criação de peixes, visando o suprimento proteico, devido a falta de caça.

#### Saúde

O tratamento médico preventivo e curativo vem sendo realizado através de convênios com o FUNRURAL, com os Postos de Saúde Regionais, com a Faculdade de Medicina da UFJF, além do concurso da Equipe Volante de Saúde da FUNAI e da permanência de dois técnicos de enfermagem na área. Existe, na sede do Posto Maxakali, em funcionamento, uma enfermaria, um ambulatório e uma pequena farmácia. As mesmas unidades estão em fase de implantação na sede do Posto Pradinho.

Foi realizado, no ano passado, um levantamento parasitológico de fezes em toda a comunidade, com distribuição de medicamentos para todos os casos positivos. O programa de vacinação foi, rigorosamente, cumprido. Embora funcione todo esse programa de saúde, permite-se ao índio esgotar todos os seus recursos, como beberagens e rituais. O atendimento é condicionado ao seu consentimento.

#### Educação

Trata-se de um programa de educação bilingue-bicultural. Para tanto, contamos com a colaboração de um linguísta falante da língua Maxakali. Estamos preparando monitores, indicados pela comunidade, para serem alfabetizadores e escritores na língua materna. O Primeiro Seminário de Produção de Literatura Indígena foi realizado de 29 de março a 22 de maio deste ano, quando foram produzidos, pelos índios, 31 livros e o 1º jornalzinho jornalzinho. Assim, o material didático Maxakali está sendo preparado com o concurso dos próprios índios. Eles próprios registram seus mitos, suas crenças, suas decepções com os brancos, suas alegrias, suas esperanças, suas frustrações...

#### CONCLUSÃO

O plano de trabalho visa ocupar o tempo ocioso do índio, conjugando as atividades tradicionais, como caça a pequenos animais, coleta de alguns frutos, pesca nos córregos de dentro e de fora da Reserva, com as atividades agrícolas, esportivas, escolares, de lazer e artesanato. O que se pretende, com tudo isso, é que o índio, ocupando o seu tempo de maneira variada e agradável, possa recuperar seu orgulho de povo culto, inteligente e capaz de decidir seu próprio destino.

Este esquema de trabalho está proporcionando ao Maxakali condições de operacionalizar, internamente, seu sistema de aldeias, sua língua, seu sistema de parentesco, seus rituais religiosos e, até certo ponto, suas atividades econômicas tradicionais.

Juiz de Fora, MG, 15 de junho de 1982

Neli Ferreira do Nascimento  
Neli Ferreira do Nascimento  
Antropóloga

MEMO. Nº 251/11ª DR/82.

Delegado da 11ª DR .

22.06.82

Sr. Diretor do D.G.O. - Brasília.

Informação ( presta ) .

Com referência à informação nº 423/DGO de 25.05.82, a respeito da correspondência dirigida à FUNAI pelo - Exmº Sr. Corregedor Geral do Ministério Público e com o intuito de subsidiar a resposta a ser enviada ao mesmo, informamos o seguinte:

Para melhor posicionamento, solicitamos à Antropóloga Neli Ferroira do Nascimento (UFJF) fosse feita uma avaliação dos trabalhos desenvolvidos, na área, cuja cópia encaminhamos anexo.

Por outro lado, é necessário ressaltar que as maiores dificuldades atualmente encontradas com relação à área Maxacali, são exatamente aquelas que competem ao Ministério Público, ou seja, a fiscalização do cumprimento da legislação que proíbe e configura como crime o fornecimento de bebidas alcoólicas aos Índios, cujas providências, extrapolam a competência da FUNAI por se tratar de atividades desenvolvidas fora da área indígena e, se merecendo a devida atenção do Ministério Público, em muito facilita nossa difícil tarefa de resgate daquele grupo.

Nesta oportunidade, não podemos deixar de considerar prematuras e superficiais as afirmações do Digno Promotor, signatário da correspondência, quando afirma ser flagrante a incompetência do pessoal lotado na área, bem como mais superficiais quando afirma que o problema é simples.

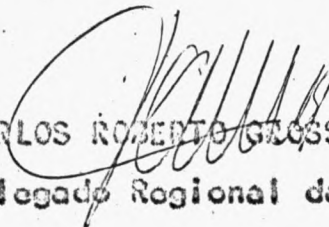
Oportuno seria ainda que fosse ostendido ao

81

Promotor José Batista Alverenga convite para, em companhia de um representante da FUNAI, visitar a área objeto de assunto.

Sendo o que se apresenta para o momento, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente

  
CARLOS ROBERTO GROSSI  
Delegado Regional da 11ª DR



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

INFORMAÇÃO Nº 423 /DGO/82.

REF.: OF. Nº 258/82/PGJ; PAPELETA Nº 831/GAB/82

Sr. Delegado da 11ªDR:

Para efeito de conhecimento e instrução, encaminho a V.Sa. informações obtidas pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, referente à situação atual dos índios MAXACALIS.

A fim de possibilitar resposta ao Corregedor Ge-  
ral, solicito a V.Sa. prestar informações sobre todas atividades desenvolvidas pela FUNAI junto aos índios Maxacalis, nos setores de Educação, Saúde, desenvolvimento comunitário, recursos físi-  
cos e humanos colocados à serviço daquela comunidade.

Brasília-DF, 25 de maio de 1982

MINTER - FUNAI - DGO

MARCISIO XIMENES PRADO

Diretor Subst. do DGO

Port. 170/P de 01.04.82

GERSON DA SILVA ALVES

DIRETOR DO DGO

PSS.432, p. 135/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Ao ASI

- OK Enviar cópia para o Chefe do Gab do M da Justiça;
- OK Cópia para o DPF - Brasília DSI/MINTER

Inclusão 05/1/82  
23/7/82

*[Handwritten signature]*  
6.7.82  
*[Handwritten signature]*

MINTER - FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

RADOTELEGRAMA RECEBIDO

PSS 432, P. 136/177  
AS

- M I -  
FUNAI - DF

DÉ GVR NR 26 PLS 140 DT 06 HS 1640

RECEBIDO DE GVR AS 061750 POR

5 JUL 1962

EMBELEÇO PRES FUNAI CONFIDENCIAL/BSB

BSB-FUNAI  
N.º 521182  
EM 06107182

PPI 21 - BSB  
CONTROLE Nº 278804

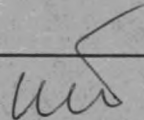
TEXTO E ASSINATURA

NR 004/11A.DR DE 060782 - RETORNEI ONTEM AREA MAXACALI ET PRADINHO PT SITUAÇÃO BASTANTE TENSA ENTRE INDIOS POR PROBLEMAS INTERNOS VG AGRAVADA IRRESPONSÁVEL AÇÃO VEM SENDO DESENVOLVIDA AREA ENVOLVENTE PELO MAJOR PM VG REF VG MANOEL SANTOS PINHEIRO VG EX CH AJ MINAS/BAHIA VG QUE PROCURA FAZENDEIROS SENTIDO REFORÇAR IDEIA COLOCAR PMS PARA CONTROLAR MAXACALI DENTRO SUA PROPRIA AREA PT INDIOS MANIFESTAM GRANDE APREENSÃO ET COMO CONSEQUENCIA AUMENTA CONSUMO ALCOOL DESDOBRANDO-SE ABATE BOVINOS QUE NÃO OCORRIAM MAIS QUATRO MESES PT ESTOU SOLICITANDO PF REALIZAR INQUERITO PRELIMINAR PARA APURAR SUA CONDUTA QUE COLOCA EM RISCO INCLUSIVE VIDA INDIOS VG SERVIDORES VG FUNAI ET PROPRIA POPULAÇÃO ENVOLVENTE PT SEGUNDO INFORMES COLHIDOS REGIÃO VG REF MILITAR TERIA RECEBIDO POR DOAÇÃO FAZENDEIROS VG FAZENDA LIMITA AREA PRADINHO COM PROPOSITO INTIMIDAR INDIOS VG CUJO RESULTADO VG AO INVERSO VG RADICALIZA POSIÇÕES ET PROVOCA REPRESALIA POR PARTE INDIOS PT - CARLOS ROBERTO GROSSI DEL 11A. DR

PSS-432, p. 137/177

**TELEGRAMA**

Nome e cargo do Expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços.

MINISTÉRIO DO INTERIOR			CARIMBO DA ESTAÇÃO
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO			
Prêâmbulo	Espécie OFICIAL	Número .....	Data ..... Hora .....
	Origem .....	Palavras .....	Via a seguir .....
INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS		HORA DA TRANSMISSÃO	
Enderêço	DEL 11a.DR		INICIAIS DO OPERADOR
TEXTO A TRANSMITIR	Nº 53/ASI DE 07 — 07 — 82 — RERA 004/11a.DR DE 06.07.82		
	PT INCUMBIU-ME SR PRESIDENTE SOLICITAR V. SA. MELHORES INFORMAÇÕES ATRAVÉS RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO PT FUNAI ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( ) ( )		
Assinatura ou rubrica do expedidor 			

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PSS. 432, p. 138/177

Ao ASI

Preciso de um histórico sobre o então  
Cap Pinheiro (PM) - assunto Krenak.

Procedimento  
(0.06819-PRES/ASI, de  
22.02.82)  
MM  
22.02.82


*Paulo*  
9.7.82.  
Paulo Moreira Leal  
Presidente da FUNAI

MOD. 146 - FORM. 90x105



# TELEGRAMA

Nome e cargo do Expedidor fechando o texto. Escrever separando as palavras com 2 espaços.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO		CARIMBO DA ESTAÇÃO	
Preâmbulo Espécie <b>OFICIAL</b> Origem.....		Número.....	Data..... Hora.....
INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS		Palavras.....	Via a seguir.....
Endereço DR. EUCLIDES PEREIRA DE MENDONÇA DD. CHEFE GABINETE DO MINISTRO DA JUSTIÇA - BSB/DF		HORA DA TRANSMISSÃO  INICIAIS DO OPERADOR	
TEXTO A TRANSMITIR			
Nº 54 ASI DE13 — 07 — 82 — DE ORDEN SR PRESIDENTE RETR V. EXA. RDB RECEBIDO DELEGADO 11a.DR./FUNAI VG GOV. VALADA- RES/MG B1PT ASPAS Nº 004/11a.DR VG DE 06.07.82 PT RETORNEI ONTEM ÁREA MAXACALI ET PRADINHO PT SITUAÇÃO BASTANTE TENSA ENTRE INDIOS POR PROBLEMAS INTERNOS VG AGRAVADA IRRESPONSÁVEL AÇÃO VEM SENDO DESENVOLVIDA ÁREA ENVOLVENTE PELO MAJOR PM VG REFORMADO VG MANOEL SANTOS PINHEIRO VG EX-CH AJ MINAS/BAHIA VG QUE PROCURA FAZENDEIROS SENTIDO REFORÇAR IDEIA COLOCAR PMS PARA CONTROLAR MAXACALI DENTRO SUA PRÓPRIA ÁREA PT INDIOS MANIFESTAM GRANDE APREENSÃO ET COMO CONSEQUENCIA AUMENTA CONSUMO ALCOOL			
Assinatura ou rubrica do expedidor 			

PSS 432, P-139/177

0719.1720

PSS 432 / f. 140/177

611461DPFEB BR  
611344FNAI BR

GA  
DE BRASILIA NR 626 190782 11,50  
TLX P/ EXMO SR.  
CEL ROACYR COELHO  
DD. DIRETOR -GERAL DPF

NR 059/82-ASI DE 190782. INCUMBIU-ME PRES FUNAI INFORMAR V. EXA ASSASSINATO VG AH GOLPES DE FACA O VG INDIO WALDOMIRO MAXACALI VG VINTE ET QUATRO ANOS IDADE VG OCORRIDO PROXIMIDADE AREA PRA-DINHO VG ENTRE 18 ET 24 HORAS DIAS 16. JUL. 82 PT HAH INDICIOS CRIME TERIA SIDO EXECUTADO ELEMENTOS PROPRIO\$ GRUPO INDIGENA VG POIS VITINA ERA ACUSADA PRATICA FEITICARIA QUE TERIA PROVOCADO MORTE OUTRO ELEMENTO GRUPO PTVG MAS HAH TAMBEM SERIAS SUSPEITAS VG LEVANTADAS CIMI VG ASSASSINATO SEJA RESPONSABILIDADE FAZENDEIROS REGIAO VG ESTIMULADOS INSIDIOSA CAMPANHA CONTRA MAXACALIS VEM SENDO DESENVOLVIDA HAH ALGUNS MESES PELO MAJ PM/NG REFORMADO MAHOEL DOS SANTOS PINHEIRO VG EX-CHEFE DA AJUDANCIA/FUNAI MINAS /BAHIA VG ET POR POLITICOS DA AREA INTERESSADOS AFASTAMENTO INDIOS PARA VALORIZAÇÃO SUAS PROPRIEDADES PT PROVIDENCIAS POLICIAIS INICIAIS JAH FORAM TOMADAS PELA SSP/NG VG ATRAVES DELEGADO ESPECIAL MUNICIPIO BERTOPOLIS PT SITUAÇÃO NA AREA MOSTRA-SE BASTANTE TENSA PT CIRCUNSTANCIAS CRIME INDICAM POSSIVEL NECESSIDADE ESTENDER INVESTIGAÇÕES DISTRITO BATINGA VG MUNICIPIO ITANEM/BA PT CONSEQUENCIA PRES FUNAI ENCARECE V. EXA . ADOÇÃO PROVIDENCIAS CABIVEIS POSSIVEL URGENCIA PT JOAO NEIVA DE MELLO TAVORA - CHEFE ASI/FUNAI

GA  
1088+  
0719.1658

611088MNJU DR  
611344FNAI BR

GA  
BRASILIA NR 627 190782 11,51  
TLX P/ CHEFE GABINETE DO M. JUSTIÇA

NR 060/82/ASI DE 190782 . DE ORDEN PRESIDENTE FUNAI RETRANSMITO VG PARA CONHECIMENTO VSA VG SEGUINTE TELEX EXPEDIDO AO DPF GIPTS ASPAS INCUMBIU-ME PRES FUNAI INFORMAR V. EXA ASSASSINATO VG AH GOLPES DE FACA O VG INDIO WALDOMIRO MAXACALI VG VINTE ET QUATRO ANOS IDADE VG OCORRIDO PROXIMIDADE AREA PRA-DINHO VG ENTRE 18 ET 24 HORAS DIAS 16. JUL. 82 PT HAH INDICIOS CRIME TERIA SIDO EXECUTADO ELEMENTOS PROPRIO\$ GRUPO INDIGENA VG POIS VITINA ERA ACUSADA PRATICA FEITICARIA QUE TERIA PROVOCADO MORTE OUTRO ELEMENTO GRUPO PTVG MAS HAH TAMBEM SERIAS SUSPEITAS VG LEVANTADAS CIMI VG ASSASSINATO SEJA RESPONSABILIDADE FAZENDEIROS REGIAO VG ESTIMULADOS INSIDIOSA CAMPANHA CONTRA MAXACALIS VEM SENDO DESENVOLVIDA HAH ALGUNS MESES PELO MAJ PM/NG REFORMADO MAHOEL DOS SANTOS PINHEIRO VG EX-CHEFE DA AJUDANCIA/FUNAI MINAS /BAHIA VG ET POR POLITICOS DA AREA INTERESSADOS AFASTAMENTO INDIOS PARA VALORIZAÇÃO SUAS PROPRIEDADES PT PROVIDENCIAS POLICIAIS INICIAIS JAH FORAM TOMADAS PELA SSP/NG VG ATRAVES DELEGADO ESPECIAL MUNICIPIO BERTOPOLIS PT SITUAÇÃO NA AREA MOSTRA-SE BASTANTE TENSA PT CIRCUNSTANCIAS CRIME INDICAM POSSIVEL NECESSIDADE ESTENDER INVESTIGAÇÕES DISTRITO BATINGA VG MUNICIPIO ITANEM/BA PT CONSEQUENCIA PRES FUNAI ENCARECE V. EXA . ADOÇÃO PROVIDENCIAS CABIVEIS POSSIVEL URGENCIA FECHASPAS PT JOAO NEIVA DE MELLO TAVORA CHEFE ASI/FUNAI

NNNN

@

611088MNJU BR

611039MINT BR  
 611344FNAI BR  
 DE BRASILIA NR 628 190782 11,51  
 TLX P/ ILMO SR.  
DIRETOR DSI/MINTER  
 NESTA

NR 061/82/ASI DE 190782 . RETRANSMITO VG PARA CONHECIMENTO  
 VG SEGUINTE TELEX EXPEDIDO AO DPF ASPAS -

-10- INCUMBIU-ME PRES FUNAI INFORMAR V. EXA  
 ASSASSINATO VG AH GOLPES DE FACAO VG INDIO WALDOMIRO MAXACALI  
 VG VINTE ET QUATRO ANOS IDADE VG OCORRIDO PROXIMIDADE AREA PRA-  
 DINHO VG ENTRE 18 ET 24 HORAS DIAS 16. JUL. 82 PT HAH INDICIOS CRI-  
 ME TERIA SIDO EXECUTADO ELEMENTOS PROPRIO\$ GRUPO INDIGENA VG  
 POIS VITIMA ERA ACUSADA PRATICA FEITICARIA QUE TERIA PROVOCADO  
 MORTE OUTRO ELEMENTO GRUPO PTVG MAS HAH TAMBEM SERIAS SUSPEITAS  
 VG LEVANTADAS CIMI VG ASSASSINATO SEJA RESPONSABILIDADE FAZENDEI-  
 ROS REGIAO VG ESTIMULADOS INSIDIOSA CAMPANHA CONTRA MAXACALIS VEM  
 SENDO DESENVOLVIDA HAH ALGUNS MESES PELO MAJ PM/MG REFORMADO MA-  
 NOEL DOS SANTOS PINHEIRO VG EX-CHEFE DA AJUDANCIA/FUNAI MINAS  
 /BAHIA VG ET POR POLITICOS DA AREA INTERESSADOS AFASTAMENTO  
 INDIOS PARA VALORIZAÇÃO SUAS PROPRIEDADES PT PROVIDENCIAS POLI-  
 CIAIS INCIAIS JAH FORAM TOMADAS PELA SSP/MG VG ATRAVES DELEGADO  
 ESPECIAL MUNICIPIO BERTOPOLIS PT SITUAÇÃO NA AREA MOSTRA-SE BAS-  
 TANTE TENSA PT CIRCUNSTANCIAS CRIME INDICAM POSSIVEL NECESSIDADE  
 ESTENDER INVESTIGAÇÕES DISTRITO BATINGA VG MUNICIPIO ITANEM/BA  
 PT CONSEQUENCIA PRES FUNAI ENCARECE V. EXA . ADOÇÃO PROVIDENCIAS  
 CABIVEIS POSSIVEL URGENCIA PT JOAO NEIVA DE MELLO TAVORA -  
 CHEFE ASI/FUNAI.

NNN

611039MINT BR  
 611344FNAI BR

611451PRDFA BR

312051FAMG BR

URGENTE

07453

EXMO. SR.

DOUTOR AURELIANO CHAVES

DD. PRESIDENTE DA REPUBLICA

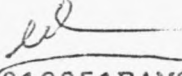
PALACIO DO PLANALTO - BRASILIA - DF.

FINS DE MAIO ULTIMO , INDIO MACHACALIS CONHECIDO POR LOURO, COMPLETAMENTE EMBRIAGADO. ASSASSINOU A PAULADAS SUA ESPOSA QUE SE ENCONTRAVA OITAVO MES DE GRAVIDEZ . DIA 17 CORRENTE, DECORRIDO POUCO MAIS DE UM MES, UM JOVEM INDIO DE 15 ANOS, TAMBEM BASTANTE EMBRIAGADO. ASSASSINOU A FACADAS UM COMPANHEIRO DE APENAS 14 ANOS, AMBOS PERTENCENTES AO ALDEIAMENTO DO PRADINHO. PESSOAS MAL INTENCIONADAS PROCURARAM TUMULTUAR O PROBLEMA INSTIGANDO OS INDIOS CONTRA FAZENDEIROS E COLONOS QUE VIVEM NAS PROXIMIDADES DA RESERVA INDIGENA, NA TENTATIVA DE PROVOCAR UM CONFLITO SANGRENTO NA REGIAO. ESTE CLIMA DE INTRANQUILIDADE E TENSÃO SOCIAL JÁ SE ARRASTA POR MAIS DE 10 ANOS, LEVANDO FAZENDEIROS E COLONOS POBRES A ABANDONAREM SEUS LARES EM COMPLETO DESESPERO. A REGIAO DOS MACHACALIS CONTINUA ABANDONADA E ESQUECIDA, SEM JUSTIÇA E SEM POLICIA. ESTANDO A POPULAÇÃO ENTREGUE AA SUA PROPRIA SORTE. ATEH QUANDO SR. PRESIDENTE AQUELE POVO HUMILDE VAI CONTINUAR SOFRENDO E ESPERANDO PELAS PROVIDENCIAS DO GOVERNO FEDERAL E ESTADUAL PARA VOLTAR A TER PAZ E PODER TRABALHAR AS SUAS TERRAS. APELAMOS MAIS UMA VEZ PARA O ESPIRITO PUBLICO E HUMANITARIO DE VOSSA EXCELENCIA.

BELO HORIZONTE. 19 DE JULHO DE 1982

RESPEITOSAMENTE

MANOEL SANTOS PINHEIRO ( MAIOR PINHEIRO) PRESIDENTE COMISSAO REPRESENTATIVA DOS FAZENDEIROS DE BERTOPOLIS - MG.

  
 312051FAMG BR

611451PRDFA BR

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

P R O N T U Á R I O

MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO

- Filiação: FRANCISCO DOS SANTOS PINHEIRO e MARIA CORDEIRO DOS SANTOS
- D.L.N.: 12.12.30 - Ponte Nova-MG
- Estado Civil: Casado (Lêa Maria dos Santos Pinheiro)
- Admissão: 21.10.68 (Portaria nº 110, de 12.12.68) Chefe da Ajudância MINAS/BAHIA - Belo Horizonte-MG.
  
- Em 24.JAN.73, o Técnico de Administração CARLOS ALBERTO MILHOMEM DE SOUZA, servidor do DGPI, através de relatório, denunciou ao Diretor do DGPI os seguintes fatos, por ele constatados, na Administração da Ajudância MINAS/BAHIA, contra o nominado:
  - fez comentários desairosos sobre a cúpula da FUNAI, principalmente da ineficiência do DGPI;
  - utilizou o nome da FUNAI com a finalidade de tirar proveito próprio;
  - obstruiu a visita do servidor do DGPI ao PI MAXACALI;
  - uso do caminhão da FUNAI para transporte de um animal, de seu irmão, que se encontrava na área indígena para engorda, e para transporte de materiais para sua fazenda;
  - manutenção de grande quantidade de gado de fazendeiros na área indígena sem a formalização do termo de arrendamento;
  - recebimento de crias em troca de aluguel de pastagens, sendo o montante da transação superior ao que realmente entra para o Patrimônio Indígena;

- um trator emprestado para prestar serviços no PI MAXACALI foi deslocado para serviços em sua fazenda.
- Em 21.MAR.73, foi dispensado, a pedido (Port. 140/P).
- Em 03.SET.75, o Delegado da 11a. DR (Informe nº 001/11a.DR) informa da interferência do mesmo nos assuntos ligados à Administração da 11a.DR, tentando criar um clima desfavorável ao órgão, para tirar proveito da situação, pois tentava ingressar na FUNAI pela 2a.vez.
- Em 09.SET.75, tendo em vista as informações recebidas do Delegado da 11a.DR, o Presidente da FUNAI oficiou ao Inspetor-Geral das Polícias Militares-IGPM, solicitando o afastamento imediato do Capitão PINHEIRO da área indígena, pois, o mesmo "com sua atuação nociva prejudicava os esforços do Órgão no sentido de desenvolver as metas traçadas pela política governamental".
- Em 27.JAN.76, a DSI/MINTER encaminhou à ASI/FUNAI a Informação nº 1560/75, da SSP/MG, informando sobre a problemática das populações da área onde habitam os índios MAXACALI e a precária condição de sobrevivência, salientando que os políticos e fazendeiros foram unânimes em afirmar que a fase áurea da região, em termos de ordem e tranquilidade, foi na ocasião em que o Capitão PINHEIRO administrava e coordenava o Posto Indígena.
- Em 19.FEV.76, através da Informação nº 002/11a.DR, o Delegado Regional informa a situação do PI MAXACALI, enfatizando que os fazendeiros proclamavam a sua vitória com o regresso do Capitão PINHEIRO à Chefia da DR, onde iriam se apoderar das terras indígenas há muitos anos cobiçadas.
- Salientou, ainda, que todas essas crises propaladas surgiram quando de sua presença (Capitão PINHEIRO), dentro daquela área e que, na sua ausência, reina paz e tranquilidade.

- Em 25.FEV.76 (Of. 02/CONF-11a.DR) o Delegado da 11a. DR encaminhou à esta ASI/FUNAI um memorial da Câmara de Vereadores de BERTÓPOLIS/MG, com acusações e suposições caluniosas aos índios do PI MAXACALI, informando que essa campanha desmoralizante foi forjada pelo Capitão PINHEIRO.
- Em 04.MAR.76 (Infão 04/76-11a.DR) o Delegado da 11a.DR informa que todas as vezes que o Capitão PINHEIRO aparece na área circundante ao PI MAXACALI a situação torna-se tensa entre índios e civilizados (população envolvente).
- Em 18.MAR.76, através da Informação nº 081-A/76aASI/FUNAI, informou sobre o nominado os seguintes dados:
  - foi dispensado do cargo de Chefe da Ajudância MINAS/BAHIA, em 1973, por haver cometido arbitrariedades contra os índios;
  - mesmo após seu desligamento da FUNAI continua a intervir nas áreas indígenas, especificamente, em MAXACALI, o que levou o Presidente da FUNAI a solicitar ao Inspetor Geral das Polícias Militares seu afastamento da área;
  - os fazendeiros da região, instigados pelo Capitão, empregam todo tipo de artimanhas, almejando a retirada dos índios daquela área;
  - retornou à área, em janeiro/76, percorrendo as fazendas vizinhas, provocando sérios desentendimentos entre índios e fazendeiros.
- Em 08.JUL.76, referenciando o Of. nº 416/PRES, de 09.SET.75, o Gen Bda HEITOR LUIZ GOMES DE ALMEIDA, da Inspetoria Geral das Polícias Militares, informou que, com vistas das conclusões de uma sindicância a que mandou instaurar o Sr. Cmt Geral da PM/MG, resolveu movimentar o Capitão PM MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO da região dos MAXACALI.

- Em 10.OUT.76 (Infe nº 09/11a.DR) - o Delegado Regional da 11a.DR informa o seu retorno as áreas vizinhas ao PI MAXACALI, instigando os moradores que vivem circundante a área indígena a lutarem pela expulsão dos índios de suas terras.
- "confirmada a notícia com o agravante de que o mesmo utiliza o seguinte SLOGAN: "votem no meu candidato, "ANATÓLIO FAGUNDES DE SOUZA" que eu retirarei os índios daquelas terras e assumirei a função do coronel" (Delegado da FUNAI).
- Em 08.11.76, o Diretor do DGO determinou ao Delegado da 11a. DR enérgicas providências no sentido de coibir sua entrada nas áreas indígenas, e que solicitasse auxílio da Polícia Federal a fim de recolher referido militar, abrindo competente inquérito.

PINHEIRO

- No início de 1982 subscreveu documento de protesto ~~dos~~ fazendeiros da <sup>área</sup> contra a resposta dada pelo MINTER às acusações contidas na <sup>uma</sup> carta que <sup>foi</sup> dirigida ao Governador de Minas Gerais, <sup>por</sup> na qual dois proprietários <sup>loais,</sup> da ~~área~~ <sup>denunciando as práticas</sup> pediam providências contra os índios Maxacali <sup>e omissão da FUNAI.</sup>
- Nessa mesma ocasião sugeriu ao jornal "O ESTADO DE MINAS" a <sup>realização</sup> ~~publicação~~ <sup>sobre o Maxacali</sup> de uma reportagem para sensibilizar a FUNAI a tomar providências contra os ~~dem~~mandos praticados pelos índios.
- No período de 2 a 6 de março/82 o ~~jornal~~ referido jornal publicou dita reportagem, na qual ficou patenteado:
  - o interesse do ~~M~~ Major PINHEIRO no afastamento dos índios da região, por se proprietário de gleba junto à Reserva dos Maxacali
  - o interesse dos fazendeiros em forçar a volta do Major PINHEIRO para desempenhar a função de Delegado Regional da FUNAI, por ter o mesmo, quando de sua gestão na Ajudância MINAS-BAHIA, imposto uma política de opressão e repressão aos índios, altamente conveniente aos proprietários da região.
- No início de maio/82 ~~XXXXXXXXXX~~, através do Deputado EDILSON MENDES, Presidente da FAEMG, apresentou ao Presidente da FUNAI "sinceros agradecimentos pelas providências adotadas para o restabelecimento da ordem na região, fazendo votos para que a paz e a tranquilidade sejam duradouras."
- Em 06.07.82, o Delegado da 11aDR/FUNAI comunicou que o epigrafado, juntamente com fazendeiros da região, vem desenvolvendo ações no sentido de ser colocado policiais para controlar os índios Maxacali e que tais ações criam um clima de tensão entre os índios que, em consequência, assumem atitudes de represálias, abatendo bovinos dos fazendeiros e <sup>aumentando</sup> ~~aumento~~ o consumo de bebida alcoólica.
- É DELEGADO DO SINDICATO RURAL DA COMARCA DE AGUAS FORMOSAS - MG.

CONFIDENCIAL

PSS. 432, p. 148/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

OF. Nº 819/PRES/ASI

Brasília-DF., 22.JUL.82

Do: Presidente da FUNAI

Ao: Sr. Inspetor-Geral das Polícias Militares

Assunto: Atividades de Oficial da PM/MG, reformado

Trago ao conhecimento de V.Exa., para exame das possíveis providências por parte dessa Inspetoria, que o Major reformado da PM/MG - MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO - vem desenvolvendo, no município de BERTÓPOLIS/MG e nos que lhe são próximos, há algum tempo, ações absolutamente incompatíveis com a sua condição de policial-militar inativo.

Movido por interesses de ordem pessoal, relacionados a uma fazenda de sua propriedade, localizada nas proximidades da área indígena MAXACALI, procura aquele cidadão, em conluio com outros fazendeiros da região que se julgam prejudicados pelos índios, criar um clima de hostilidade entre estes e a população local, com o claro intuito de forçar a adoção de medidas contrárias aos direitos assegurados pela Lei aos silvícolas e que redundariam numa maior valorização de suas terras.

Dessa atuação do Major PINHEIRO - resumidamente relatada no documento anexo - resultam tensões sociais graves, prejudiciais ao trabalho da FUNAI na área, e que poderão degenerar em conflito entre índios e fazendeiros, comprometendo irremediavelmente o esforço desenvolvido pelo Governo no sentido de assegurar a PAZ SOCIAL - Objetivo Nacional Permanente considerado prioritário pelo Sr. Presidente da República.

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

Por oportuno, informo a V.Exa. que o Major PINHEIRO atua, no momento, junto ao Comitê Eleitoral do ex-ministro ELISEU REZENDE, candidato a Governador do Estado de Minas Gerais, pelo PDS.

Em função desse envolvimento político, sirvo-me no dever de remeter - a título de alerta - cópia do presente Ofício às seguintes autoridades: Ministro do Interior, Ministro-Chefe do SNI, Ministro da Justiça, Secretário-Geral do CSN e Governador de Minas Gerais.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a V.Exa. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

  
PAULO MOREIRA LEAL  
PRESIDENTE

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RESUMO DE REGISTROS

MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO

1. Dados de qualificação

- Filiação: FRANCISCO DOS SANTOS PINHEIRO e MARIA CORDEIRO DOS SANTOS
- D.L.N.: 12.DEZ.30 - Ponte Nova-MG
- Estado Civil: Casado (LÉA MARIA DOS SANTOS PINHEIRO)
- Profissão: Policial-militar da PM/MG (Major reformado)

2. Antecedentes

- a. Em 1968, quando Capitão da Polícia Militar de Minas Gerais, foi nomeado (Port. 110, de 12.DEZ, do Presidente da FUNAI), para o cargo de Chefe da Ajudância Minas/Bahia, ficando sob sua responsabilidade os Postos Indígenas: MAXACALI, KRENAK, XACRIABÁ, PATAXÓ e CARAMURU e, posteriormente, a Fazenda GUARANI.
- Durante a sua gestão - período em que foi criada pela FUNAI a Guarda Rural Indígena, integrada por silvícolas e destinada a manter a ordem interna nas áreas indígenas - utilizou-se imoderadamente deste instrumento na área MAXACALI, impondo a esses índios um regime de confinamento. A GRIN infundia medo à tribo, pois aplicava corretivos exagerados, como espancamentos e recolhimentos de índios à área KRENAK, algemados. Os maus tratos eram tantos que chegaram, uma vez, segundo de clarações dos indígenas, a ocasionar a morte de um índio (GESO MAXACALI).
  - Em contra-partida os índios não incomodavam a sociedade envolvente que, ainda hoje - por desconhecer, talvez, a situa-

ção de opressão em que os mesmos viviam - comenta sobre os "bons tempos" em que ninguém precisava se preocupar com os índios. Esses comentários partem, especialmente, de alguns políticos e dos donos de propriedades rurais adjacentes à área indígena.

- b. Em 1973, foi dispensado do cargo que exercia (Portaria nº 140/P, de 21.MAR), pelas arbitrariedades cometidas e por irregularidades administrativas constatadas e comunicadas ao Presidente da FUNAI por um funcionário da Administração Central.

- Quando de sua saída do órgão, numa espécie de represália à sua destituição, estimulou os índios para que, a partir daquele momento, fizessem o que bem entendessem, inclusive beber à vontade e abater gado (da FUNAI e das fazendas vizinhas) para seu consumo. Tal atitude contribuiu poderosamente para a mudança de comportamento dos índios MAXACALI, que se tornaram afeitos à bebida e passaram a realizar furtos nas fazendas.

- c. Mesmo depois de afastado da FUNAI, continuou a interferir na área indígena e nos assuntos ligados à administração do órgão regional da FUNAI (agora 11a.DR, com sede em Governador Valadares/MG) com intuito de criar um clima desfavorável ao Órgão, objetivando tirar proveito da situação perante políticos e fazendeiros da região, para que estes batalhassem pelo seu retorno à FUNAI.

- Sua ingerência na área indígena chegou a tal ponto que obrigou ao então Presidente da FUNAI a solicitar, em SET.75,

ao Inspetor Geral das Polícias Militares-IGPM, o seu afastamento da área.

- Em fins de 1975, os fazendeiros da região chegaram a anunciar o regresso do nominado à chefia da Ila. DR e proclamar que iriam apoderar-se das terras indígenas. Nessa mesma época, a Câmara de Vereadores de Bertópolis/MG encaminhou ao Presidente da República, através do então Deputado Federal FRANCELINO PEREIRA, um memorial, com sérias acusações aos índios e à Administração da FUNAI - documento esse produzido, segundo consta, por inspiração direta do Sr. PINHEIRO.

- Em julho/76, o Inspetor-Geral das Polícias Militares comunicou ao Presidente da FUNAI que, após sindicância, o Comandante Geral da PM/MG, decidiu movimentar o então Capitão Pinheiro da região de MAXACALI.

- Em outubro/76, retornou à área instigando os moradores da região a lutarem pela expulsão dos índios de suas terras, com o agravante da utilização do seguinte "slogan": "votem no meu candidato ANATÓLIO FAGUNDES DE SOUZA que eu retirarei os índios daquelas terras e assumirei a função do Coronel".

### 3. Atividades atuais

- No início de 1982 subscreveu documento de protesto de fazendeiros da área contra a resposta dada pelo MINTER às acusações contidas numa carta que fora dirigida ao Governador de Minas Gerais por dois proprietários locais, denunciando tropelias dos índios MAXACALI e omissão da FUNAI. Nessa mesma época sugeriu ao Jornal "O ESTADO DE MINAS" a realização de uma reportagem sobre os MAXACALI. Como argumento final para convencer o jornalista a fa-

zer a referida reportagem, declarou textualmente: "não há outro meio de sensibilizar o pessoal da FUNAI que fica em Brasília cercado de vidro e conforto".

- No período de 02 a 06.MAR.82 o referido jornal publicou dita reportagem, na qual ficou patenteado:

- o interesse do Major PINHEIRO no afastamento dos índios da região, por ser proprietário de gleba junto à Reserva dos MAXACALI (adquirida em 1970, quando chefiava a Ajudância MINAS/BAHIA);
- o interesse dos fazendeiros em forçar a nomeação do Major PINHEIRO para o cargo de Delegado Regional da FUNAI, por ter o mesmo, quando de sua gestão na Ajudância Minas/Bahia, imposto uma política de opressão e repressão aos índios, altamente conveniente aos proprietários da região.
- No início de MAIO/82, por intermédio do Deputado EDILSON MENDES, Presidente da Federação de Agricultura do Estado de Minas Gerais-FAEMG, apresentou ao Presidente da FUNAI, na qualidade de Delegado do Sindicato Rural da Comarca de Águas Formosas, "agradecimentos pelas providências adotadas para o restabelecimento da ordem na região, fazendo votos para que a paz e a tranquilidade sejam duradouras".
- No início de julho corrente, procurou reforçar, junto aos fazendeiros da região, a idéia de utilização de policiamento no interior da área indígena MAXACALI, criando, assim, um clima de tensão na comunidade. Em represália, os índios - que há 4 (quatro) meses, por efeito de ação desenvolvida pela FUNAI, não ingeriam bebida alcoólica e nem abatiam gados dos fazendeiros - voltaram a adotar esse comportamento.

CONFIDENCIAL

PSS 432, p. 154/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

OF. Nº 821/PRES/ASI

Brasília-DF., 23.JUL.82

Do: Presidente da FUNAI

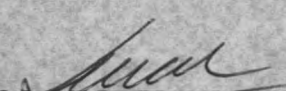
Ao: Sr. Secretário Geral do MINTER

Assunto: Atividades de Oficial da PM/MG, reformado

Remeto a V.Exa., para conhecimento, cópia de expediente enviado por esta Presidência à Inspetoria-Geral das Polícias Militares sobre atividades do Major PM/MG, reformado, MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, prejudiciais ao trabalho da FUNAI na área indígena MAXACALI.

Solicito a V.Exa. - caso concorde com a idéia-- fazer chegar às autoridades mencionadas no meu ofício, cópia da referida documentação.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Exa. os meus protestos de estima e consideração.

  
PAULO MOREIRA LEAL  
PRESIDENTE

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

PSS.432, P-155/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

OF. Nº 819 /PRES/ASI

Brasília-DF., 22.JUL.82

Do: Presidente da FUNAI

Ao: Sr. Inspetor-Geral das Polícias Militares

Assunto: Atividades de Oficial da PM/MG, reformado

Trago ao conhecimento de V.Exa., para exame das possíveis providências por parte dessa Inspeção, que o Major reformado da PM/MG - MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO - vem desenvolvendo, no município de BERTÓPOLIS/MG e nos que lhe são próximos, há algum tempo, ações absolutamente incompatíveis com a sua condição de policial-militar inativo.

Movido por interesses de ordem pessoal, relacionados a uma fazenda de sua propriedade, localizada nas proximidades da área indígena MAXACALI, procura aquele cidadão, em conluio com outros fazendeiros da região que se julgam prejudicados pelos índios, criar um clima de hostilidade entre estes e a população local, com o claro intuito de forçar a adoção de medidas contrárias aos direitos assegurados pela Lei aos silvícolas e que redundariam numa maior valorização de suas terras.

Dessa atuação do Major PINHEIRO - resumidamente relatada no documento anexo - resultam tensões sociais graves, prejudiciais ao trabalho da FUNAI na área, e que poderão degenerar em conflito entre índios e fazendeiros, comprometendo irremediavelmente o esforço desenvolvido pelo Governo no sentido de assegurar a PAZ SOCIAL - Objetivo Nacional Permanente considerado prioritário pelo Sr. Presidente da República.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

PSS-432, p.156/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

- 2 -

Por oportuno, informo a V.Exa. que o Major PINHEIRO atua, no momento, junto ao Comitê Eleitoral do ex-ministro ELISEU REZENDE, candidato a Governador do Estado de Minas Gerais, pelo PDS.

Em função desse envolvimento político, sirvo-me no dever de remeter - a título de alerta - cópia do presente Ofício às seguintes autoridades: Ministro do Interior, Ministro-Chefe do SNI, Ministro da Justiça, Secretária-Geral do CSN e Governador de Minas Gerais.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a V.Exa. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

  
PAULO MOREIRA LEAL  
PRESIDENTE

CONFIDENCIAL

**VENÍCIO ALVES DA CUNHA**

*Chefe do Gabinete do Vice Presidente da República*

Brasília, DF., 23/julho/82

Exmº Senhor  
MÁRIO DAVID ANDREAZZA  
DD. Ministro de Estado do  
Interior

Incumbiu-me o Exmº Senhor Vice-Presidente da República de encaminhar a V.Exa., em anexo, cópia do Telex de 19/07/82, recebido nesta Vice-Presidência do Sr. MA NOEL SANTOS PINHEIRO - Presidente da Comissão Representativa dos Fazendeiros de Bertópolis.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.Exa. os protestos da minha estima e distinta consideração.

*Venício Alves da Cunha*

611451PRDFA BR

312051FAMG BR

URGENTE

20 JUL 1982 07453

EXMO. SR.

DOUTOR AURELIANO CHAVES

DD. PRESIDENTE DA REPUBLICA

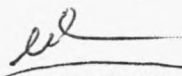
PALACIO DO PLANALTO - BRASILIA - DF.

FINS DE MAIO ULTIMO , INDIO MACHACALIS CONHECIDO POR LOURO, COMPLETAMENTE EMBRIAGADO, ASSASSINOU A PAULADAS SUA ESPOSA QUE SE ENCONTRAVA OITAVO MES DE GRAVIDEZ . DIA 17 CORRENTE, DECORRIDO POUCO MAIS DE UM MES, UM JOVEM INDIO DE 15 ANOS, TAMBEM BASTANTE EMBRIAGADO, ASSASSINOU A FACADAS UM COMPANHEIRO DE APENAS 14 ANOS, AMBOS PERTENCENTES AO ALDEIAMENTO DO PRADINHO. PESSOAS MAL INTENCIONADAS PROCURARAM TUMULTUAR O PROBLEMA INSTIGANDO OS INDIOS CONTRA FAZENDEIROS E COLONOS QUE VIVEM NAS PROXIMIDADES DA RESERVA INDIGENA, NA TENTATIVA DE PROVOCAR UM CONFLITO SANGRENTO NA REGIAO. ESTE CLIMA DE INTRANQUILIDADE E TENSÃO SOCIAL JÁ SE ARRASTA POR MAIS DE 10 ANOS, LEVANDO FAZENDEIROS E COLONOS POBRES A ABANDONAREM SEUS LARES EM COMPLETO DESESPERO. A REGIAO DOS MACHACALIS CONTINUA ABANDONADA E ESQUECIDA, SEM JUSTICA E SEM POLICIA. ESTANDO A POPULACAO ENTREGUE AA SUA PROPRIA SORTE. ATEH QUANDO SR. PRESIDENTE AQUELE POVO HUMILDE VAI CONTINUAR SOFREENDO E ESPERANDO PELAS PROVIDENCIAS DO GOVERNO FEDERAL E ESTADUAL PARA VOLTAR A TER PAZ E PODER TRABALHAR AS SUAS TERRAS. APELAMOS MAIS UMA VEZ PARA O ESPIRITO PUBLICO E HUMANITARIO DE VOSSA EXCELENCIA.

BELO HORIZONTE. 19 DE JULHO DE 1982

RESPEITOSAMENTE

MANOEL SANTOS PINHEIRO ( MAIOR PINHEIRO ) PRESIDENTE COMISSAO REPRESENTATIVA DOS FAZENDEIROS DE BERTOPODIS - MG.

  
 312051FAMG BR

611451PRDFA BRO

PSS. 432, p. 159/177



GABINETE DO VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA



Exmº Senhor

MÁRIO DAVID ANDREAZZA

DD. Ministro de Estado do Interior

Esplanada dos Ministérios, Bloco 23, 7º andar

70.054 - BRASÍLIA - DF

**VENCIO ALVES DA CUNHA**  
Chefe do Gabinete do Vice-Presidente da República  
SBS - Ed. Sede III do Banco do Brasil - 18.º andar  
70.083 — Brasília - DF.

PSS 432, p. 160/



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FUNAI	CAB
02107	
<i>[Assinatura]</i> 2/8/82	
SAÍDA	03/8/82

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
GABINETE DO MINISTRO

ORIGEM: Cartão do Chefe do Gabinete do  
Vice Presidente da República  
e anexos.

DE ORDEM DO SR. CHEFE DO GABINETE, ENCAMINHE-SE

à Fundação Nacional de Índios

GM, 28 1071 82

Ao PJ

- 1.- Preparar resposta esclarecendo, *Paulo Rui da Silva Rangel*  
se possível, dos crimes. PAULO RUI DA SILVA RANGEL
- 2.- Anexar o Of 819/PRES/ASI SUBCHEFE DO GABINETE  
de 22.07.82 e seu anexo.

*[Assinatura]*  
3. 8. 82  
Paulo Moreira Leal  
Presidente

PJ/FUNAI
<i>Presidente</i>
Recebido em: 03.08.82
Por: <i>[Assinatura]</i>

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

URGENTE

Dr. 11ª DR, para dizer sobre os  
fatos relatados no Pales (para que  
nessa este P), com os subsídios  
fornecidos, inferir o Gabinete  
do Sr. Vice-Presidente da República

Brasília, 04/08/82

*Mary*

Atono Augusto de Moraes  
Procurador Geral  
da FUNAI



## SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

N.º 27/82

Assunto Esclarecimento (pres ta)

Secretaria de Estado da Segurança Pública

Serviço da Delegacia Especial de Polícia de Bertópolis

Data:- 09.08.82

Sr Delegado Regional

Dia 08 de agosto último, fui abordado pelo Sr Major PM (reformado) Manoel dos Santos Pinheiro, em Santa Helena, indagando sobre o andamento do inquérito aberto para apuração da morte do índio Valdomiro Machacalis.

Informei ao mesmo que havia passado a conclusão do referido inquérito para o Sr Delegado de Polícia Federal, uma vez que aquela autoridade havia solicitado, tendo-se em vista, a instauração de dois inquéritos, para uma só finalidade.

O Sr Major Pinheiro alegou que a Polícia Federal é conivente com FUNAI, isto é, encobre os crimes praticados por índios, jogando a culpa sobre os fazendeiros.

Alegou também, que não tendo sido o inquérito feito pelo abaixo assinado, este está omitindo fatos que vão prejudicar os fazendeiros.

Disse-me ele, que os inquéritos feitos pela Polícia Federal, desaparecem, sem qualquer solução.

Não concordei com a opinião do mesmo a respeito, não só da FUNAI, sob vossa direção, como também do Departamento de Polícia Federal, aqui em Minas, pois pude constatar, pessoalmente, o esforço demonstrado pelo Dr Enon Gouveia, para apurar o fato criminoso, quando aqui esteve, naquela oportunidade.

Por outro lado, como se trata de uma pessoa (fazendeiro) de uma certa influência no município, procurando na pessoa do Delegado, apenas um interesse pessoal, estou levando o fato ao vosso conhecimento.

À vossa consideração

*Carlos Roberto Grossi*  
 -0294-  
 -Delegado TEN PM COR Ten PM  
 DEL. ESP. DE POLÍCIA de Polícia-

EXMO SR DR  
 CARLOS ROBERTO GROSSI  
 DO DELEGADO REGIONAL DA FUNAI  
 GOVERNADOR VALADARES

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
— FUNAI —

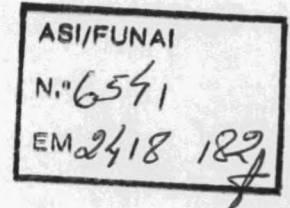
MEMO. Nº 007/CONFIDENCIAL/11ª DR/82.

Governador Valadares - MG

Do Delegado da 11ª DR.

Em: 19.08.82

Ao Sr. Procurador Geral da FUNAI - Brasília.

Assunto: Informações (presta).

Em atendimento à solicitação de V. Sª., a respeito do Telex enviado pelo Sr. Manoel dos Santos Pinheiro - Major PM-Reformado, ao Exmº Sr. Vice Presidente da República, informamos o seguinte:

1) O Índio Louro Maxakali, em data de 22.05.82 realmente assassinou sua esposa, cujo fato, que está sendo investigado pela Polícia Federal, foi comunicado à FUNAI em data de 24.05.82 conforme cópia radiograma anexo;

2) Em data de 16.07.82 ocorreu o assassinato do Índio Valdomiro Maxakali, cuja autoria ainda não foi determinada, estando em curso as investigações pela Polícia Federal.

Considerando que o documento, não só noticia a morte de dois índios mais, sobretudo, faz acusações à Administração da FUNAI e ao Governo de maneira geral, gostaria de, nesta oportunidade, fazer alguns comentários e juntar informações que nos parecem úteis, se não à alucidação dos fatos, pelo menos colocam algumas questões que nos parecem fundamentais para a compreensão do problema que envolve os índios Maxakali e a chamada "sofista população envolvente" que na verdade, fica resumida a alguns poucos fazendeiros e pessoas com interesses escusos na região.

Primeiramente, desnecessário tecer comentários sobre a pessoa, signatário do telex, conhecido elemento que tem interesses escusos na região, além de participar de um plano que, seguramente, tem objetivos maiores que a defesa de interesses /

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

ses por espírito público.

Complementando as informações constantes do OF. Nº 819/PRES/ASI de 22.07.82 informamos que o mesmo cidadão, recentemente, "adquiriu" outra fazenda na região, desta feita, anexa à área do Pradinho, que, segundo consta, foi doada ao mesmo por fazendeiros vizinhos à área com o propósito de intimidar os Maxakali ou mesmo, incorporá-lo ao grupo de pressão para pleitear medidas de força contra a população indígena.

Incompreensível aos nossos olhos, é o fato de, já possuindo uma fazenda nas proximidades da área de Água Boa (Índios Maxakali), tenha "adquirido" outra, desta feita, anexa à área do Pradinho (Índios Maxakali).

Por outro lado, dos alegados abates de gado que seriam praticados, as centenas, pelos índios, jamais se tenha feito qualquer inquérito ou apuração para determinar a autoria e consequente responsabilidade do Órgão Tutor, preferindo sempre, as gestões políticas que, sabidamente, têm menor efeito prático e maior repercussão em torno do problema.

Estando à frente desta regional desde novembro de 1.979, jamais fui procurado pelo signatário que nos tenha formulado, diretamente, qualquer queixa ou acusação concreta.

Recentemente, através do Telex (cópia anexa) o signatário dirigiu elogios ao Exmº Sr. Presidente da FUNAI e ao trabalho que vem sendo realizado na área indígena, bem como, em contato recente com a chefia do PI (cópia rádio anexo), teceu elogios ao nosso trabalho e, ao mesmo tempo, realiza severa campanha de difamação da FUNAI, da Polícia Federal e do Governo, a exemplo do documento recebido da Delegacia de Polícia de Bertópolis, (cópia anexa).

Por outro lado, existindo inúmeros fazendeiros na região que envolvem os Maxakali, é estranho que os alegados e nunca provados abates de gado, sejam sempre reclamados pelos mesmos elementos, qual sejam, Valdevino da Silva Cabral e Severiano, justamente / aqueles que ocupam terras que os índios alegam anteriormente haverem



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

sido suas, inclusive com antigas aldeias e cemitérios.

Diante desses fatos, bem como outros tantos que a oportunidade não permite relatar, podemos chegar à seguinte conclusão:

1) O Major Pinheiro, Ex-Chefe da Ajudância Minas - Bahia (atual 11ª DR) não esconde seu desejo de voltar a dirigir o órgão e impor, sobre os Maxakali, seu julgo e seu mando com uso de força policial, a exemplo do passado;

2) Feito isso, dispondo agora de duas fazendas, uma próxima a cada área indígena, as mesmas seriam povoadas de gado que certamente lhes seriam dadas por fazendeiros, reconhecidos por seus serviços prestados;

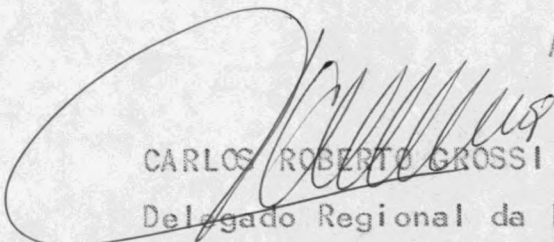
3) As terras dos Maxakali, a exemplo do passado, - seriam povoadas por gado de fazendeiros cujos lucros e benefícios seria ele o maior beneficiado e suas madeiras alienadas ou depredadas;

4) Criando-se o clima de terror, cuja difusão ele próprio e seus comparsas se encarregam de promover, apoiados por políticos inescrupulosos, obtêm resultados diretos, qual sejam, que os pequenos proprietários, apavorados, mais pelas notícias que pelos fatos, vendam baratas suas terras aos promotores de tais alardes;

5) Fossem os fatos de tal gravidade, alguém, sabidamente astucioso como o signatário, adquiriria terras cada vez mais próximas aos Índios ?

6) Que, se os Índios, embriagados, praticam quaisquer delitos que tornam incompatíveis com a população envolvente, as medidas de força a serem adotadas não serão contra essa população que em momento algum praticou crime, mais sim, contra aqueles que, por interesses escusos, criam situações favoráveis aos acontecimentos, a exemplo do fornecimento de bebidas alcoólicas ou induzindo o índio à prática de atos contrários à paz social.

Atenciosamente



CARLOS ROBERTO GROSSI

Delegado Regional da 11ª DR

PSS. 432, p. 167/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROJETO
ENTRADA
Processo: Sec/100
Data: 25/08/82

Ao PJ  
Ciente; e  
Agilizar a resposta.

*[Handwritten Signature]*  
 25-8-82  
 Paulo Moreira Leal  
 Presidente da FUNAI



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

Do Sr. Chefe do  
Gabinete, para enca-  
minhar, uma vez que  
no 3ª feira última, foi  
fechado e não houve  
despacho de PT com  
o Sr. Presidente.

BSB, 08/09/82

Joaquim Jair Fimenes Aguiar  
Procurador Geral Substituto

PSS-432, P-169/77  
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Ao ASI

Preparar um INFO para DSI/SG-CSN/CGab  
MJustiça. (Citar INFO anteriores).



24.08.82  
Paulo Moreira Leal  
Presidente da FUNAI

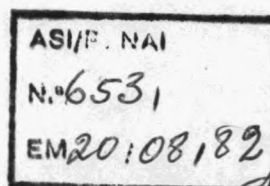
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
 — FUNAI —

MEMO. Nº 009/CONFIDENCIAL/IIª DR/82. Governador Valadares - MG

Do Delegado da IIª DR, Em: 20.08.82

Ao Sr. Chefe da ASI/FUNAI - Brasília.

Assunto: Encaminhamento ( faz ).



Em anexo, passamos às mãos de V. Sª. cópia da correspondência recebida da Secretaria de Segurança Pública/Delegacia de Polícia de Bertópolis-MG, dando conta de novos envolvimento do Major PM-Reformado, Manoel dos Santos Pinheiro.

Na oportunidade informamos ainda que, além das informações constantes do informe transmitido à Inspeção Geral das Polícias Militares, através do OF. 819/PRES-ASI, o referido militar, recentemente, "adquiriu" outra propriedade, desta feita, anexa à área indígena do Pradinho (Índios Maxakali), a qual, segundo notícias correntes na região e mesmo conforme informes / prestados por fazendeiros, teria sido doada pelos fazendeiros ao Major Pinheiro como incentivo a suas ações para atuação junto aos Índios Maxakali, notadamente para uso de sua influência para colocação de dispositivo de força contra os índios.

É inegável que o referido militar, explorando a boa fé de pequenos e pouco esclarecidos proprietários rurais, vem se beneficiando financeiramente das convulsões que periodicamente ocorrem na área, bem como existem fortes suspeitas de que, ele próprio, venha fornecendo dinheiro a índios como forma de "agrado" que na verdade culminam com ingestão de bebidas alcoólicas e violência entre os próprios índios e população envolvente.

Os acontecimentos que rotineiramente são levantados diante da opinião pública, de modo geral nos dão seguras indicações que a atuação do Major Pinheiro, associado ao fazendeiro Valdevino da Silva Cabral, tem objetivos definidos.

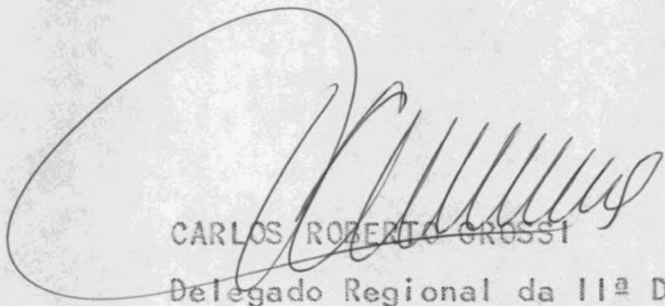
MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI

Suspeitamos e os fatos nos dão razões para tal, ' que os mesmos pretendem, com a divulgação e promoção de notícias, a desvalorização das terras adjacentes à área indígena para poder adqui-ri-las a baixo custo (fato que já vem acontecendo).

No aguardo de providências por parte dessa Asses'soria.

OBS: - Ver cópia Memº Nº 007/Confidencial/11ª DR de 19.08.82, dirigi' à PJ.

Atenciosamente



CARLOS ROBERTO GROSSI  
Delegado Regional da 11ª DR

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
**FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI**

OF. nº 032 /PRES/ASI Brasília-DF., 01.09.82

Do: Presidente da FUNAI

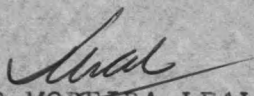
Ao: Sr. Chefe do Gabinete da SG/CSN

Ref.: Of. 819/PRES/ASI, de 22.07.82

Senhor Chefe do Gabinete

Para conhecimento de V. Exa., encaminho cópia do Informe dirigido à DSI/MINTER, versando sobre a atuação do Ma jor Reformado da PM/MG - MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, assunto este contido no Of. nº 819/PRES-ASI, de 22.07.82, encaminhado ao Inspe tor-Geral das Polícias Militares, cuja cópia foi solicitado ao Sr. Secretário-Geral do MINTER o seu encaminhamento a esse Gabinete.

Atenciosamente.

  
PAULO MOREIRA LEAL  
PRESIDENTE FUNAI



**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

OF. nº 031 /PRES/ASI

Brasília-DF., 01.09.82

Do: Presidente da FUNAI

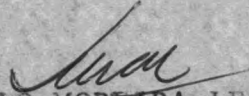
Ao: Sr. Chefe do Gabinete do Ministro da Justiça

Ref: Telex nº 054 e 060/82-ASI/FUNAI, de 13 e 19/07/82.

Senhor Chefe do Gabinete,

Encaminho a V. Exa., para conhecimento,  
cópia do Informe dirigido à DSI/MINTER, versando sobre a atuação  
do Major Reformado da PM/MG - MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO.

Atenciosamente.

  
PAULO MOREIRA LEAL  
PRESIDENTE/FUNAI

**CONFIDENCIAL**

CONFIDENCIAL

PSS. 432, p. 174/173



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

083/82

31.AGO.82

ATUAÇÃO DE MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO  
(MAJOR PINHEIRO)

ASI/FUNAI

INFE Nº 041/82-ASI/FUNAI, DE 06.05.82  
INFE Nº 032/82-ASI/FUNAI, DE 16.04.82  
INFÃO Nº 051/82-ASI/FUNAI, DE 23.07.82

DSI/MINTER

1 - CÓPIA DE TELEGRAMA  
2 - " DE OFÍCIO Nº 27/82- DA DEL. DE POLÍ-  
CIA DE BERTÓPOLIS.

9. AVALIAÇÃO A/1

1. Segundo documento datado de 20.08.82, recebido da 11a.DR, o Sr. MANOEL DOS SANTOS PINHEIRO, em 19.07.82, na qualidade de Presidente da Comissão Representativa dos Fazendeiros de Bertópolis-MG, enviou telegrama ao Exmo. Sr. Vice-Presidente da República (anexo 1), no qual denuncia a morte de dois índios Maxacali e faz acusações à Administração desta Fundação e aos Governos Estadual e Federal.

- As investigações dos referidos crimes, fãiestão sendo desenvolvidas pela Polícia Federal, e a autoria do assassinato do índio WALDOMIRO MAXACALI, ocorrido em 16.07.82, ainda não foi determinada (v. Tx 061/82-ASI/FUNAI, de 19.07.82).

2. Em 08.08.82, o MAJOR PINHEIRO procurou o Delegado de Polícia de Bertópolis-MG, perguntando sobre o andamento do inquérito sobre a morte do índio WALDOMIRO MAXACALI e fazendo comentários desairosos sobre a Polícia Federal e a FUNAI, conforme consta do

TOA E QUALQUER PESSOA QUE TORE DO  
NHOCIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA  
AUTOMATICAMENTE RESPONSÁVEL PELA  
MANUTENÇÃO DE S&U SIGILO (Art 12 do  
Decreto nº 79.609/77 Regulamento para Sa-  
reguarda de assuntos sigilosos)

CONFIDENCIAL

**CONFIDENCIAL**

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
 -02-



anexo 2.

3. Segundo o Delegado da 11a.DR, o nominado tem interessesescusos, além de participar de um plano que seguramente, tem objetivos maiores que a defesa de interesses públicos, conforme declara.

• O epigrafado vem explorando a boa fé de pequenos e pouco esclarecidos proprietários e se beneficiando financeiramente das convulsões que ocorrem na área.

- Há indícios de que o próprio MAJOR PINHEIRO vem fornecendo aos índios, dinheiro como forma de "agrado", objetivando a ingestão, pelos mesmos, de bebidas alcoólicas e, conseqüentemente a provocação de violência entre os próprios índios e a população envolvente. É que sua atuação, associada as ações do fazendeiro VALDEVINO DA SILVA CABRAL, tem objetivos definidos, ou seja com a divulgação de notícias tendenciosas sobre o comportamento dos índios, cria-se um clima de terror, obtendo-se assim, resultados diretos - desvalorização das terras adjacentes às áreas indígenas que, em conseqüência, seriam adquiridas a baixo custo.

- O MAJOR PINHEIRO, teria adquirido recentemente outra propriedade no município de Bertópolis-MG, desta feita anexa a área indígena PRADINHO, a qual teria sido doada pelos fazendeiros ao nominado, como incentivo pela sua atuação.

100: 7 QUALQUER PESSOA QUE TOMAR EM  
 RESPONSABILIDADE DE ASSUNTOS SIGILOSOS FICA  
 AUTOMATICAMENTE RESPONSÁVEL PELA  
 MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO (AN 10 88  
 Decreto nº 70.000/77 Regulamento para a  
 sigiloso de assuntos Sigilados)

**CONFIDENCIAL**

MAJ PINHEIRO

PSS. 432, p. 176/177

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Gabinete do Presidente

OFÍCIO Nº 1123 /82/PRES/PJ

Brasília, 10 SET 1982

DO : Presidente da FUNAI  
AO : Sr. Venício Alves da Cunha  
ASSUNTO : Telex ao Chefe de Gabinete do  
Vice-Presidente da República.

Em atenção ao expediente, datado de 23 de julho de 1982, ao Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado do Interior, Cel. Mário David Andreazza, no qual V.Sa. encaminha cópia do "Telex datado de 19 de julho de 1982", que figura como interessado o Sr. MANOEL SANTOS PINHEIRO, Presidente da Comissão Representativa dos Fazendeiros de Bertópolis, cumpre-me informar o seguinte:

1. Quanto à primeira acusação de que o Índio Louro Maxacáíí, assassinou sua esposa em data de 22 de maio de 1982, realmente tal fato ocorreu, está sendo, devidamente investigado pela Polícia Federal e foi comunicado à FUNAI em 24 de maio de 1982. Esta Fundação acompanha o desenrolar da investigação policial e tomará as medidas que julgar acatadas em época oportuna.

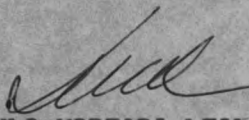
Ilm<sup>o</sup> Senhor  
VENÍCIO ALVES DA CUNHA  
MD. Chefe de Gabinete  
Vice-Presidente da República  
Palácio do Planalto  
BRASÍLIA-DF

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI  
Gabinete do Presidente

2. Sobre o assassinato do Índio Valdomiro Maxacali, a que alude o "telex" que teria sido praticado por outro Índio, em verdade ainda não se pode afirmar nada. A autoria do crime ainda não foi determinada, estando em curso a investigação policial competente. Esta Fundação tem conhecimento dos fatos e acompanha atentamente os passos da Polícia Federal no assunto em tela.

3. A afirmação do autor do "telex" de que "pessoas mal intencionadas procuram instigar os Índios contra os fazendeiros e colonos que vivem nas proximidades da Reserva Indígena na tentativa de provocar um conflito sangrento na região", também não procede na forma pela qual é alegada. O signatário do "telex", conforme pode-se observar através da cópia "xerox" do Ofício nº 819/PRES/ASI, em anexo, é pessoa que tem interesses de ordem pessoal na área, que conflitam com a política e os interesses desta Fundação.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Sa., os protestos de elevada estima e consideração.

  
PPAULO MOREIRA LEAL  
Presidente/FUNAI